

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
ITALIANAS

MATHEUS BEZERRA DE AZEVEDO

Matteo Bartoli e as ideias da neolinguística (Versão Corrigida)

São Paulo

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
ITALIANAS

Matteo Bartoli e as ideias da neolinguística

Matheus Bezerra de Azevedo

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação Língua, Literatura e Cultura Italianas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como requisito final para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Lindo

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

AA994m Azevedo, Matheus Bezerra de
 Matteo Bartoli e as ideias da neolinguística /
 Matheus Bezerra de Azevedo; orientador Luiz Antonio
 Lindo - São Paulo, 2023.
 98 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Filologia. 2. Linguística Românica. 3.
Neolinguística. 4. Geografia linguística. 5.
Dialetoлогия. I. Lindo, Luiz Antonio, orient. II.
Título.



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Matheus Bezerra de Azevedo

Data da defesa: 5/1/2024

Nome do Prof. (a) orientador (a): Luiz Antônio Lindo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27/3/2024

(Assinatura do (a) orientador (a))

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de levar a cabo este trabalho, especialmente na pessoa do professor livre-docente Luiz Antônio Lindo, que me forneceu as ferramentas para que este fosse realizado a contento, e ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, na figura das professoras doutoras Ângela Zucchi e Fernanda Ortale, pela presteza na assistência.

Aos membros componentes da banca, professores Fernanda Ortale, José Seabra e Márcio Moitinha (titulares) e Ângela Zucchi, Eduardo Navarro e Eduardo Penhavel (suplentes) pela disponibilidade de participar desta banca e pelas valiosas colaborações dadas ao conteúdo deste trabalho.

Aos professores e colegas que leram e deram a sua contribuição, com leitura atenta e observações críticas, que fizeram a qualidade do trabalho ser refinada, além dos preciosos conselhos sobre direcionamentos a serem tomados na organização do trabalho, curso de disciplinas e publicações em eventos.

e poiché l'uomo è il più instabile e mutevole degli esseri animati, il linguaggio pertanto non può essere né durevole né persistente, ma, come le altre cose umane (usi e costumi per esempio), varia necessariamente con la distanza nello spazio e nel tempo.

Dante Alighieri

RESUMO

Neste trabalho, investigamos o pensamento de Matteo Giulio Bartoli. O autor é conhecido como o criador da chamada linguística areal ou escola neolinguística (numa clara oposição à escola dos neogramáticos. Dentre as muitas obras de Bartoli, dá-se ênfase ao *Breviario di Neolinguistica*, em coautoria com Giulio Bertoni, em sua segunda parte, intitulada *Criteri Tecnici*. Bartoli foi leitor de Graziadio Ascoli, tendo dele utilizado ideias como a de “mistura de povos”, bem como da Geografia Linguística (sobretudo no método onomasiológico, na base da confecção das cartas léxicas) e da própria escola dos neogramáticos, sendo por muitos ainda considerado como um deles (IORDAN, 1982). A neolinguística tem cinco critérios de análise, denominados normas areais. Com elas, Bartoli tencionou analisar a mudança linguística por meio da distribuição dos dados de acordo com a sua época de colonização por parte do Império Romano. Para tanto, são imprescindíveis as contribuições da Filologia, para a compreensão e interpretação do pensamento de Bartoli em seu contexto histórico e percurso de construção de ideias. (AUROUX, 1992; LINDO, 2019). Bartoli baseia-se nos conceitos de norma da área isolada, norma da área lateral, norma da área maior, norma da área mais recente e norma da fase desaparecida. O autor utiliza-se de muitos quadros para estabelecer comparações entre formas do latim vulgar e do latim clássico, bem como a utilização da forma maiúscula para esta e da forma em itálico minúscula para aquela, nessa ordem. A primeira parte do trabalho trata das influências sobre o pensamento de Matteo Bartoli. A segunda parte, dos critérios técnicos elaborados pelo autor, expostos no *Breviario di Neolinguistica*. A terceira parte trata de reações e críticas ao pensamento de Matteo Giulio Bartoli.

Palavras-chave: Filologia, Linguística Românica, Neolinguística, Geografia linguística, Dialetoлогия.

ABSTRACT

In this work, we investigate the thought of Matteo Giulio Bartoli. The author is known as the creator of the so-called Areal Linguistics or Neolinguistic School (in clear opposition to the Neogrammarian school. Among Bartoli's many works, emphasis is placed on the *Breviario di Neolinguistica*, co-authored with Giulio Bertoni, in its second part, entitled *Criteri Tecnici*. Bartoli was a reader of Graziadio Ascoli, having used his ideas such as the “mixture of peoples”, as well as Linguistic Geography (especially the onomasiological method, on the basis of the creation of lexical maps) and the Neogrammarian School itself, being still considered by many researchers as one of them (IORDAN, 1982). Neolinguistics has five analysis criteria, called areal norms. With them, Bartoli intended to analyze linguistic change through the distribution of data according to the time of colonization by the Roman Empire. For this purpose, the contributions of Philology are essential for the understanding and interpretation of Bartoli's thought in its historical context and itinerary of construction of ideas. (AUROUX, 1992; LINDO, 2019). Bartoli is based on the concepts of isolated area norm, lateral area norm, larger area norm, most recent area norm and disappeared phase norm. The author uses many charts to establish comparisons between forms of Vulgar Latin and Classical Latin, as well as the use of the form with capitalized letters for the latter and the lowercase italic form for the former, in that order. The first part of the present work deals with the influences on Matteo Bartoli's thought. The second part treats of the technical criteria elaborated by the author, set out in the *Breviario di Neolinguistica*. The third one is concerned with reactions and criticisms to Matteo Giulio Bartoli's thought.

Keywords: Philology, Romance Linguistics, Neolinguistics, Linguistic Geography.
Dialetology

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	41
Quadro 02	42
Quadro 03	42
Quadro 04	43
Quadro 05	43
Quadro 06	44
Quadro 07	45
Quadro 08	45
Quadro 09	45
Quadro 10	50
Quadro 11	52
Quadro 12	52
Quadro 13	52
Quadro 14	54
Quadro 15	54
Quadro 16	56
Quadro 17	60
Quadro 18	60
Quadro 19	61
Quadro 20	62
Quadro 21	62
Quadro 22	63
Quadro 23	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ESTUDOS ANTECEDENTES – SÉCULOS XVIII e XIX.....	16
1.1.1 Rasmus Rask, Franz Bopp e Jacob Grimm	17
1.1.2 Karl Verner	19
1.4 Graziadio Ascoli	27
1.5 Geografia Linguística	28
1.6 Escola Idealista.....	31
1.6.1 Giambattista Vico e Benedetto Croce	31
1.6.2 Karl Vossler.....	32
1.7 Schuchardt	35
2. MATTEO BARTOLI: A NEOLINGUÍSTICA.....	37
3. RECEPÇÃO E CRÍTICA ÀS IDEIAS DE MATTEO BARTOLI	68
3.1 Jörn Albrecht	68
3.2 Benedék Vidos.....	71
3.3 Bassetto.....	72
3.4 Robert Hall Jr.	74
3.5 Iorgu Iordan	76
3.6 Wiltold Manczák	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
ANEXO: LISTA DE PUBLICAÇÕES DE MATTEO GIULIO BARTOLI.....	85
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre a obra “Breviario di Neolinguística”, de Matteo Bartoli. Esta é uma obra em que o autor, ao lado de Giulio Bertoni (1878- 1942) (autor da primeira seção) fazem um apanhado a respeito da chamada “neolinguística” ou “linguística areal”.

Matteo Giulio Bartoli (1873-1946) foi um linguista italiano, discípulo de Wilhelm Meyer-Lübke e Jules Gillierón, daí notando-se suas influências na linguística românica e na dialetologia italiana, respectivamente. Bartoli foi fundador da Escola Neolinguística, apresentando sua obra relevantes contribuições na linguística românica, e seu trabalho, caracterizado por uma pesquisa meticulosa e uma profunda compreensão teórica, influenciou significativamente o estudo da dialetologia, da sociolinguística e da linguística histórica. Bartoli nasceu em 22 de novembro de 1873, em Albona (então parte da Áustria-Hungria, hoje Labin, na atual Croácia), em uma família com raízes culturais italianas.

Sua exposição precoce a um ambiente multilíngue despertou seu interesse por idiomas. Bartoli cursou o ensino superior na Universidade de Viena, onde foi profundamente influenciado pelo renomado linguista Wilhelm Meyer-Lübke. Sob a orientação de Meyer-Lübke, Bartoli desenvolveu um grande interesse pelas línguas românicas, que se tornariam o foco de sua vida acadêmica.

Em Paris, estudou com Jules Gilliéron, fato que o levou a enveredar pela Geolinguística, publicando inúmeros artigos sobre o Ístrio, que seriam o caminho para a elaboração posterior da seção neolatina do *Archivio Glottologico Italiano*, do qual foi diretor até 1943, e do *Atlante Linguistico Italiano*. Ele desenvolveu, em geral, trabalhos voltados às línguas eslavas. Após concluir os estudos, Bartoli iniciou carreira acadêmica que o levou a ocupar cargos em diversas instituições de prestígio, incluindo a Universidade de Turim, onde tornou-se professor na cátedra de história comparada das línguas clássica e neolatinas da Faculdade de Letras.

Seu trabalho acadêmico destaca-se pela amplitude e profundidade, abrangendo os aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e lexicais das línguas românicas. Suas obras de maior destaque foram *Das Dalmatische* (1906), *Introduzione alla neolinguistica* (1925), *Saggi di linguistica spaziale* (1945) e *Breviario di neolinguistica* (1925).

Foi na Universidade de Turim que teve como aluno Antônio Gramsci, cujas ideias linguísticas foram profundamente impactadas pelo pensamento de Matteo. Notabilizou-se por um estudo sobre o dalmático (*Das Dalmatische*), originalmente publicado em alemão e por seu estudo sobre o velhoto. Foi um grande opositor da escola dos neogramáticos, como mostra a sua teoria da neolinguística. Esta obra monumental sobre a língua dálmata, uma língua românica agora extinta que era falada ao longo da costa do Adriático, é talvez a contribuição mais famosa de Bartoli. Com seu último falante, Tuone Udaina, em 1897. Sua ligação com as línguas balcânicas e com as demais línguas românicas.

A "linguística espacial" ou "neolinguística", que envolvia o estudo de língua ou variedades em seu contexto geográfico para compreender as variações e mudanças e linguísticas, foi inovadora na utilização de mapas linguísticos para ilustrar a distribuição geográfica de usos fonéticos e lexicais na área da antiga România, sem recorrer necessariamente a uma datação. Matteo faleceu em 23 de janeiro de 1946, mas sua influência perdura através das gerações de linguistas que se baseiam em seu trabalho.

Giulio Bertoni (1878–1942) foi um filólogo e crítico literário italiano, tendo um trabalho relevante para o estudo das línguas e literaturas românicas. Nascido em 29 de novembro de 1878, em Parma, Itália, Bertoni trajetória acadêmica e profissional foram marcados por uma exploração apaixonada do patrimônio linguístico e cultural da Itália e da Europa de forma mais ampla. Sua atuação científica abrangeu várias áreas, desde a literatura medieval até a dialetologia, demonstrando o seu profundo empenho na compreensão da evolução e das relações de parentesco das línguas românicas e os trânsitos de formas e temas entre suas literaturas.

Bertoni passou a infância em Parma, em contato com um rico patrimônio cultural e histórico, que influenciou o seu percurso acadêmico e suas perspectivas de estudo. Ele cursou o ensino superior na Universidade de Bolonha, mais antiga da Europa, uma das mais antigas do mundo e reconhecida pelo desenvolvimento nas ciências e nas humanidades. Nela, Bertoni aprofundou-se no estudo da língua, na qual constituiu carreira, pela competência, expandiu suas investigações para outros centros europeus de aprendizagem, incluindo Leipzig, Paris e Berlim, nas quais teve contato com novas ideias e metodologias de estudo, especialmente nesta última, com figuras como Paul Meyer, Jules Gilliéron, Adolf Tobler e Erich Auerbach. Em 1905, depois de graduar-se, passou a ensinar na Universidade de Friburgo, Suíça.

A trajetória profissional de Giulio Bertoni foi marcada pela passagem por diversos cargos acadêmicos de prestígio como as Universidades de Gênova, Cagliari e, finalmente, na Universidade de Bolonha, onde passou uma parte significativa da sua carreira contribuindo para o desenvolvimento da área da Romanística. Teve uma contribuição de setecentos trabalhos, entre artigos, edições textuais e estudos teóricos. Fundou em Genebra, no ano de 1917, o *Archivum romanicum*. Junto de Matteo Bartoli, foi membro da comissão do *Atlante Linguistico Italiano*. Foi o responsável pela seção de linguística da *Enciclopedia Italiana*. Foi presidente da *Société de linguistique romane* entre 1930 e 1932 e da respectiva publicação *Révue de Linguistique Romane*. Já em 1935, foi sócio da *Accademia dei Lincei*.

Interessou-se por tópicos como ortografia, ortoepia e lexicografia, na elaboração de trabalhos pela *Accademia d'Italia*. Fundou, em 1942, a revista *Cultura Neolatina*. Nesse contexto, em 1938, Giulio Bertoni tornou-se famoso por integrar uma equipe que criou um curso de pronúncia italiana, com informações culturais, de pronúncia e dialetais, em capítulos, transmitido pela EIAR — *Ente italiano per le audizioni radiofoniche* (atual RAI — *Radiotelevisione Italiana*) via rádio, que posteriormente tornou-se o *Prontuario di pronunzia e di ortografia pubblicato*, bem como um dicionário de terminologia náutica, o *Dizionario di marina medievale e moderno*; além disso estudou a influência dos trovadores da tradição provençal na Itália.

O *Breviario* (1925) é a obra inaugural da chamada neolingüística. No entanto, anos mais tarde, Bartoli (1925; 1937) passa a alinhar-se cada vez mais com o espírito da geografia linguística, renomeando a sua abordagem como *lingüística espacial*. Nos manuais e obras especializadas, é comum encontrar a terminologia *lingüística areal*. Vidos (1996) chega a afirmar que foi um acerto a mudança de nomenclatura, e que as obras de Bartoli teriam amadurecido por meio de seu título, por alinhar-se mais ao que se propunha a fazer, pois, na visão desse analista, a neolingüística seria até mesmo um desenvolvimento posterior da geografia linguística. De fato, o próprio Bartoli chega a declarar que suas maiores influências são o pensamento de Ascoli, a filosofia gentiliana e escola idealista (BARTOLI, BERTONI, 1925).

A obra é dividida em duas partes: “Princípios de Neolingüística” de Giulio Bertoni, e “Critérios Técnicos” de Matteo Bartoli. Na primeira parte, fala-se das noções de língua e linguagem, como uma atividade e algo situado no espírito, fortemente influenciado pelas ideias da escola idealista. Mas esse não é um ponto muito citado do

pensamento de Bartoli, e Giulio Bertoni era um aprendiz e cooperador do professor Bartoli.

A obra em questão, *Breviario di Neolinguistica*, de Matteo Bartoli, faz parte do que se costuma chamar “neolinguística” ou linguística areal. Esta obra é de fundamental importância, dado o seu grau de detalhamento da situação geolinguística da língua italiana no século XIX e início do século XX.

Além disso, essa obra esteve situada no debate do século XX a respeito da mudança e da variação linguísticas, tendo em vista que Bartoli dividiu em áreas em toda a Romênia, partindo de áreas centrais (centro de irradiação) para áreas laterais. Nas áreas centrais, a mudança costuma ser mais dinâmica, dado o avanço da tecnologia e das comunicações; nas áreas periféricas, é comum ver usos mais arcaizados e mais em consonância com fases anteriores da língua.

Diante do exposto, é de suma importância para a compreensão da história das línguas românicas, tendo tido repercussão em obras de outros autores da geografia linguística posterior, e sendo alvo de abordagem em muitos manuais sobre o assunto (MALMBERG, 1974; KOERNER; ASHER, 1995; LAUSBERG, 1974) e alguns artigos específicos (MANCZÁK, 1965, 1967; HALL, 1946).

Na primeira parte, são tratadas as noções de língua e linguagem, como uma atividade (*energia*) do espírito (mente), influenciado pelas ideias da escola idealista, sobretudo de Wilhelm Humboldt. Esse é o pensamento geral de Bartoli sobre a língua e a linguagem, a cargo de Giulio Bertoni, seu seguidor e cooperador.

Para este trabalho, dar-se-á ênfase na Parte II do *Breviario*, tendo em vista a relevância de tais categorias (os cinco critérios, ou normas areais). Elas tentam justificar a mudança na língua no tempo e no espaço, por meio da atribuição de causas (sobretudo com o uso das ideias de Ascoli como o substrato, para o contato entre línguas), do rastreamento dos centros de irradiação e da relação cronológica entre o item clássico e vulgar dentro dos pares analisados, além de uma esclarecedor apêndice em que é colocada uma clara diferença entre o pensamento neogramático e o neolinguístico, bem como uma demonstração explícita de suas influências para a criação de seu sistema de pensamento.

A obra mostra-se fundamental para a análise linguística em caráter sociolinguístico/dialetológico e histórico, por sua repercussão, citação e debates até o dia de hoje, e pela ausência de estudos em língua portuguesa, o que garante o ineditismo de tal estudo no âmbito da língua portuguesa.

Quanto ao aspecto teórico-metodológico, o presente trabalho apresenta natureza qualitativa, de viés compreensivo-interpretativo, tentando mapear o percurso de construção das ideias de Matteo Bartoli e da neolinguística com base numa análise filológica, que contribui na elaboração de construções teóricas importantes para os estudos das humanidades, tendo em vista a transdisciplinaridade de seus estudos.

Swiggers (2004) e Auroux (1992) convergem ao falar do modo de fazer ciência nas humanidades: segue-se uma neutralidade epistemológica, isto é, não se pode fazer juízo de valor a respeito dos objetos de estudo, de modo a julgá-los melhores ou piores. Além disso, existe uma espessura temporal em que estes se enquadram, de modo que é preciso enxergá-los dentro da conjuntura social, política, econômica e geográfica, por exemplo, do seu tempo.

É diferente, portanto, da falseabilidade de Popper e da teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn. O conhecimento nas humanidades tem por *modus operandi* a acumulação, cujos elementos “desaparecem” e reaparecem. Não há substituição de conhecimentos por outros, em que um saber é destronado pelo outro.

Com base no mencionado referencial teórico, tenciona-se fazer um retrato das influências presentes no pensamento de Bartoli, tais como a filosofia ascoliana, a escola idealista e a geografia linguística. Conforme Ginzburg (1989), o papel do cientista em ciências humanas assemelha-se ao caçador, que busca a caça por meio dos menores indícios deixados, pois ele “aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais”, visando a compreender o cenário original por meio dessa reconstrução.

Esse estudo tem, portanto, uma natureza qualitativa, por meio da qual se busca compreender e interpretar o pensamento de Matteo Bartoli, levando-se em conta um conjunto de informações a respeito de influências, reações, dados linguístico-comparados e teórico-gramaticais envolvidos na confecção de seu pensamento, levando em conta sua formação pessoal e o contexto científico da época.

A perspectiva filológica de Philipp August Boeckh (LINDO, 2019), tendo em vista sua defesa de um treinamento do espírito para uma observação e reflexão para além das fronteiras das disciplinas e um estudo aprofundado da alta cultura por meio de uma tradição escrita consagrada apresentam grande valia e pode, sim, contribuir para o debate nos estudos da linguagem, o que tem sido pouco a pouco resgatado, considerando-se o esgotamento e contestação dos métodos, objetos e objetivos da ciência linguística contemporânea.

Esta pesquisa ampara-se nos desenvolvimentos de alguns campos dos estudos da linguagem, como a linguística românica (BASSETTO, 2001a; 2001b; LAUSBERG, 1974), a história dos estudos da linguagem (ROBINS, 2001; CAMARA JR, 2006); entre outras, e a filologia (LINDO, 2019; MANCZÁK, 1965; 1967).

Importante ressaltar que ainda não há, em língua portuguesa, tradução da obra de Matteo Bartoli, nem nada relacionado especificamente à linguística areal nem à neolinguística, ocupando, este trabalho, lacuna existente sobre o autor e os mencionados temas em língua portuguesa e, sobretudo, no Brasil. Essa é considerada, comumente, uma reação aos estudos dos neogramáticos, reputados como os precursores das modernas discussões a respeito da variação e da mudança nas línguas.

É comum encontrar menções a trabalhos dessa natureza em manuais de linguística românica, como Lausberg (1974) e Bassetto (2001a; 2001b) e em livros da história da linguística, como Mattoso (2006) e Robins (2000). Esses trabalhos, em geral, trazem uma pequena descrição do método da neolinguística, bem como um igualmente pequeno relato dos estudos empreendidos na dialetologia e sociolinguística da Itália e análise comparada nas línguas majoritárias e minoritárias da Romênia.

A descrição é sempre baseada nos critérios de Matteo Bartoli, a saber, os cinco que servem de base para sua teoria, as chamadas normas areais, assinalam os comentaristas (VIDOS, 1996; IORDAN, 1982). Eles não costumam fazer menção aos três elementos tidos como Bartoli como fundamentais, os aspectos de sua análise: a relação cronológica, os centros de irradiação da mudança e a busca pelas causas com base nos contatos linguísticos.

O estudo de Bartoli (1925), ao final da obra, fazendo uma distinção entre os neolinguistas e os neogramáticos também não é levado em consideração quando se fala da neolinguística. Os exemplos são cotejados com as fases da língua e daí surgem algumas críticas com base da distribuição geográfica e cronológica, que por vezes suscitam críticas a seu método (VIDOS, 1996; BASSETTO, 2001).

1. ESTUDOS ANTECEDENTES – SÉCULOS XVIII e XIX

1.1 Gramática Histórico-Comparativa

A gramática histórico-comparativa foi tratada como uma abordagem que dividiu as línguas em famílias, troncos e ramos, que tentou reconstruir uma protolíngua, o indo-europeu, considerando-se estágios passados na construção desse panorama. Essa língua teria sido usada por um povo ancestral do território que hoje se conhece como a Europa, sobretudo em sua porção ocidental, os arianos.

Essa escola de estudos da linguagem surgiu na primeira metade do século XIX na Alemanha. Ela pode ser resumida como uma abordagem que analisa língua de forma comparada a fim de encontrar elementos capazes de chegar a um panorama de uma protolíngua, reconstruída teoricamente. Foi a partir dos estudos românticos, com William Jones, em suas viagens à Índia, que se passou a notar que havia semelhanças entre o latim, o grego, o sânscrito e outras línguas da Europa, como *patér* (grego) *pitár* (sânscrito), *pater* (latim) e *father* (inglês).

O que mais chamou a atenção não foram apenas as semelhanças fortuitas, mas o caráter previsível e sistemático com que essas semelhanças apareciam. Isso fazia com que essas línguas desaparecidas pudessem ser estudadas em relação às línguas modernas, criando uma relação de origem e derivação entre elas.

Por esse motivo, considera-se que esse foi o primeiro esforço para que se estabelecesse uma ciência linguística, sem interesses de natureza especulativa filosófica ou normativa, mas apenas com foco num estudo das pistas estritamente linguísticas. A gramática de natureza filosófica ou normativa já vinha sendo questionada desde o início da modernidade, no século XVII, com as novas descobertas científicas e com o advento do método científico de Copérnico, Galileu e Newton, com mais rigor e precisão na observação e na análise dos fenômenos investigados.

Essa tendência, de natureza aristotélica, tinha como base regras do bem dizer e da verdade, de natureza retórica, ou platônica, de natureza semântica, de investigação entre a realidade e a materialidade linguística. Esses eram elementos *a priori*, dispensando qualquer experiência. A ciência dos gramáticos histórico-comparados, por sua vez, era baseada no método científico, numa tendência predominante no meio científico, no século XIX, num sistema filosófico chamado positivismo, em que as

evidências empíricas servem como base para todo conhecimento tido como confiável. (MARTELOTTA, 2008).

As ideias românticas estiveram em destaque no século XIX. Foi nesse ambiente que algumas ideias prosperaram e que a gramática histórico-comparativista surgiu. Esse imaginário fazia com que o racionalismo fosse abandonado, dando-se ênfase aos sentimentos e emoções, voltando-se muitas vezes às origens e às raízes pré-civilizatórias. O adágio de Rousseau “o homem é bom, a sociedade é que o corrompe” ilustra bem a cosmovisão da época, que via na reconstrução da língua uma destruição da cultura e uma volta a uma era de pureza, deturpado pela construção social.

A descoberta do sânscrito vem como consequência desse sentimento, tendo em vista que acontece um grande movimento em busca do “exótico”, isto é, do não explorado, do colonial, daquilo que estava fora do eixo das metrópoles europeias, num movimento de contracultura, que se opunha ao racionalismo ocidental.

Muitas expedições foram enviadas à Índia para que se estudassem a língua, a filosofia, a meditação e o modo de vida daqueles povos, até então vistos como menores e desprezíveis de interesse. As semelhanças, que pareciam ocasionais, foram tomando forma e acabaram virando uma grande teoria de estudo comparado da gramática e de reconstrução de estágios perdidos de línguas, vivas ou desaparecidas.

Ideias de Charles Darwin como origem das espécies, evolução e seleção natural foram algumas das adotadas não só por linguistas, mas por cientistas de várias áreas do conhecimento na época, tendo em vista que o clima de opinião predominante era o das ciências naturais. Naturalmente, esse modo de fazer ciência acabou prevalecendo sobre as demais formas de busca do conhecimento existentes à época.

1.1.1 Rasmus Rask, Franz Bopp e Jacob Grimm

Rasmus Rask investigou a história das línguas escandinavas em comparação a outras línguas originadas do germânico. Foi o primeiro a achar essas relações do germânico com outras línguas, no seu caso, o islandês. Usou as leis sonoras como elemento comprobatório do parentesco das línguas. Ignorou o léxico. Estabeleceu o parentesco entre línguas não germânicas. Combateu duas leis de mudança de línguas germânicas.

Franz Bopp foi o autor do *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache* (“Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o da língua grega, latina, persa e germânica”, 1816). Foram comparados sânscrito, persa, grego, latim, lituano, gótico e alemão. Sua lei pode ser resumida no seguinte quadro:

Português “levar”	Sânscrito	Grego antigo (dialeto dórico)	Latim	Alto alemão antigo	Eslavônico eclesiástico antigo
1ª. pess. sing.	<i>bhar-a-mi</i>	<i>pher-o</i>	<i>fer-o</i>	<i>bir-u</i>	<i>ber-a</i>
2ª. pess. sing.	<i>bhar-a-sti</i>	<i>pher-eis</i>	<i>fer-s</i>	<i>bir-is</i>	<i>ber-esi</i>
3ª. pess. sing.	<i>bhar-a-ti</i>	<i>pher-ei</i>	<i>fer-t</i>	<i>bir-it</i>	<i>ber-etu</i>
1ª. pess. pl.	<i>bhar-a-mas</i>	<i>pher-o-mes</i>	<i>fer-i-mus</i>	<i>ber-a-mês</i>	<i>ber-e-mu</i>
2ª. pess. pl.	<i>bhar-a-ta</i>	<i>pher-e-te</i>	<i>fer-tis</i>	<i>ber-et</i>	<i>ber-e-te</i>
3ª. pess. pl.	<i>bhar-a-nti</i>	<i>pher-o-nti</i>	<i>fer-u-nt</i>	<i>ber-a-nt</i>	<i>ber-a-tu</i>

(FULK, 2018)

A lei de Grimm (1825) pode ser resumida no seguinte quadro:

Indo-Europeu	Germânico
[p]	[f],
[t]	[θ],
[k]	[s] e [x]

Exemplo: lat. *piscis*, gót. *Fisks*

ou apenas a primeira de um grupo de plosivas transforma-se em aspirada:

Lat. *octo*, gót. *ahtau*

Lat. *noctis*, gót. *nahts*

(FULK, 2018)

Uma exceção à lei de Grimm é que a consoante permanece inalterada diante do som [s].

1.1.2 Karl Verner

Karl Verner foi o autor da lei de Verner, formulada em 1872, que foi um aprimoramento da lei de Grimm,

Indo-Europeu	Germânico
*f	*β,
*p	*ð,
*s	*z,
*h,	*γ,
*h ^w	*γ ^w

Explicou que a natureza do som dependia da posição da sílaba tônica na palavra indo-europeia. No Indo-Europeu, a sílaba tônica poderia ocorrer em qualquer sílaba da palavra. No Germânico, a sílaba tônica recai na primeira sílaba do radical lexical. (KOERNER; ASHER, 1996)

Depois de uma vogal átona, as aspirantes fricativas [f, θ, h] (< [p, t, k]) e [s] passava a ser sonora e se tornava [Ḧ, ð, γ] e [z]; depois, [Ḧ, ð, γ] > [b, d, g]:

Russo свекровь

Germânico Schwieger

Indo-europeu *pa'ter > Proto-Germânico antigo *fa'θar > *fa'ðar > Proto-Germânico tardio faðar

Além das aspirantes surdas [f, θ, h], a consoante [s] é afetada. Depois de uma vogal átona, [s] torna-se sonoro, [z], nas línguas germânicas. Este [z] torna-se [r] em línguas germânicas ocidentais e do norte (mas não no gótico, onde [r] > [z]).

Lituano ausis, gót. auso > Inglês Antigo. ēare, ModE. ear

Gótico maiza > Inglês Antigo māra, > Inglês Moderno. more

1.2 Schlegel, Schmidt e Schleicher

August Schlegel foi um estudioso do sânscrito. Caudatário da tradição de William Jones, dividiu as línguas em isolantes, aglutinantes e flexionais (tipologia

morfofossintática). Posteriormente, Edward Sapir criou uma classificação alternativa, inspirado em Schleicher, em duas categorias: línguas sintéticas e línguas analíticas.

Como botânico, enxergava a língua como organismo vivo. Ela nasce, cresce (desenvolve-se) e morre (desaparece). Com essa visão, ele pensava que o movimento de variação da língua seria uma espécie de corrupção e, dessa forma, um presságio para que essa língua virasse extinta, como acontecera com o indo-europeu.

Nesse movimento, ele tratou as línguas derivadas da língua-mãe num esquema de árvores, até hoje bastante difundido no meio da filologia românica, onde o indo-europeu seria a raiz e as línguas dela derivadas, os galhos. Ele propôs a seguintes classificação em grupos (ou troncos) e ramos, dentro da chamada família indo-europeia:

- a) O **grupo indo-irânico** - com um *ramo hindu*, que apresenta, entre outras, algumas línguas da Índia, como o védico e o sânscrito; e um *ramo irânico*, que compreende, entre outros, o afegão e o persa;
- b) O **armênio**;
- c) O **albanês**;
- d) O **balto-eslavo** — com um *ramo báltico*, composto pelo lituano, o letão e o antigo prússia; e um *ramo eslavo*, que compreende o russo, o búlgaro, o esloveno e algumas outras línguas;
- e) O **itálico** - dividido em *itálico ocidental*, com o latim e as línguas dele derivadas, e o itálico oriental, já desaparecido, que compreendia línguas como o osco e o umbro;
- f) O **céltico** — contendo o *celta continental*, representado pelo gaulês (desaparecido) e o *celta insular*, que engloba principalmente o cimbriano, o bretão, o irlandês e o escocês das Highlands;
- g) O **germânico** — que possui um *ramo setentrional*, que compreende as línguas escandinavas: dinamarquês, norueguês, sueco, islandês e feroês (falada nas ilhas Faroé); um *ramo oriental*, já desaparecido, representado, entre outros, pelo gótico ocidental e oriental; e um *ramo ocidental*, englobando o inglês, o frisão, o neerlandês e o alemão.
- h) O **grego** - que reúne os antigos falares da Grécia e o grego moderno.

MARTELOTTA et al. (2008)

Ele escreveu uma fábula em indo-europeu, célebre pelo tom inusitado e criticada pela natureza inócua e artificial.

Avis, jasmin varnā na ā ast, dadarka akvams, tam, vāgham garum vaghantam, tam, bhāram magham, tam, manum āku bharantam. Avis akvabhjams ā vavakat: kard aghnutai mai vidanti manum akvams agantam.

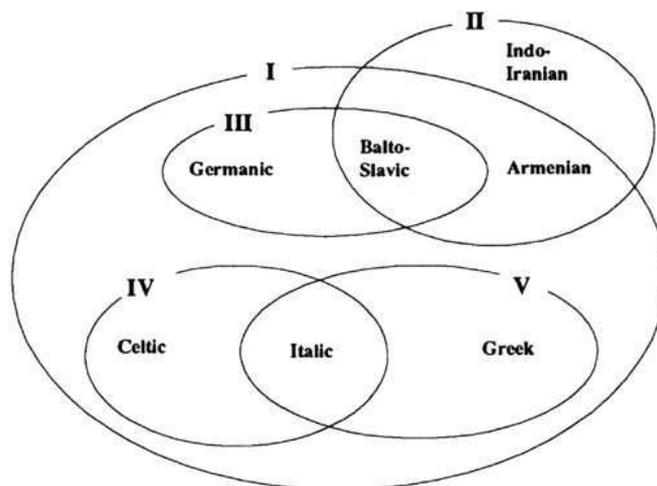
Akvāsas ā vavakant: krudhi avai, kard aghnutai vividvant-svas: manus patis varnām avisāms karnauti svabhjam gharmam vastram avibhjams ka varnā na asti.

Tat kukruvants avis agram ā bhugat

a ovelha e os cavalos

uma ovelha que não tinha lã viu cavalos, um deles puxando uma carroça pesada, um carregando uma grande carga, e um carregando rapidamente um homem. a ovelha disse aos cavalos: "meu coração dói, de ver um homem controlando cavalos." os cavalos disseram: "escute, ovelha, nossos corações doem quando vemos o seguinte: um homem, o mestre, faz da lã da ovelha um abrigo quente para si mesmo. e a ovelha fica sem lã." tendo escutando isso, a ovelha fugiu pela planície (MALMBERG, 1974).

Johannes Schmidt criou a chamada Teoria das Ondas ou *Wellentheorie* – baseado em Hugo Schuchardt e sua teoria dos contatos linguísticos (pidgins e crioulos), como mostra a figura abaixo.



Fonte: Sutori.com

Rupturas entre línguas não ocorrem abruptamente, elas se distinguem lentamente na forma de variedades (dialetos), e posteriormente ainda mais, a ponto de poderem ser chamadas e classificadas como línguas diferentes. Vale ressaltar que a distinção de

dialeto para língua nem sempre é fácil e previsível, relacionando-se com questões econômicas, políticas e ideológicas, por exemplo.

A teoria das ondas original vê a interação entre as línguas como algo natural e pacífico. Nos estudos da linguagem, em geral, mudanças acontecem em meio à convulsão social. A conquista ou movimentos de população em massa, de forma que são faladas no mesmo território, podem interagir entre si de variadas maneiras, são meios de inovação no léxico da língua, pelo contato entre as línguas.

Se a nova língua é retirada dos mais velhos, eles podem introduzir traços da língua antiga na nova língua. Esse é o chamado efeito de substrato, uma camada que continua existindo de forma velada. (BASSETTO, 2001)

Outra possibilidade é a nova língua tornar-se politicamente dominante a língua do poder e da administração, mas não adotada pela maioria da população, que se mantém usando sua antiga língua. Algumas vezes isso ocorreu porque as novas palavras expressaram novos conceitos, algumas vezes porque os usuários quiseram usá-las, por julgá-las mais cultas ou eufônicas. Esse fenômeno é conhecido como relexificação.

Isso pode ainda acontecer em grupos linguísticos que ocupam o mesmo território em relativa paz, inter-relacionados e que posteriormente tornam-se um só. Isso pode fazer com que o fenômeno da mudança aconteça ou que até mesmo seja acelerado.

Diz-se que apenas 20% do vocabulário do Inglês Antigo sobreviveu até os dias atuais. Em certa medida, isso é verdadeiro, mas é preciso considerar que as palavras que sobreviveram são normalmente as mais comuns, e a maioria da estrutura das palavras ainda é anglo-saxã.

Dessa forma, embora possa ser fato que a maioria das palavras do léxico da língua inglesa, herdadas do inglês antigo, tenham sido substituídos por palavras do latim ou do francês, pode-se ver que, num simples texto de jornal, a maior parte das palavras é endógena do inglês. Isso se dá pelo hibridismo, uma vez que muitas das novas palavras latinas ou francesas têm sufixos ingleses ou morfemas da língua. Portanto, o inglês permanece, de uma forma subjacente, numa chamada coabitação em nível (sub)lexical.

A teoria das ondas é um modelo de mudança linguística em que um traço linguístico inovador ou uma combinação de traços de línguas se espalha de uma região central de origem para círculos concêntricos enfraquecidos tal como o movimento de uma pedra jogada em um corpo de águas, como afirmou Johannes Schmidt, o autor da teoria. A história da língua, dessa forma, tem estreita relação com a etimologia.

Para essa abordagem, como também para o linguista Hugo Schuchardt, cada palavra tem sua história e revela o seu pensamento. A história de uma palavra é resultado de várias influências de diferentes procedências

1.3 Neogramáticos

Os neogramáticos foram um movimento iniciado na segunda metade do século XX e que se opunham aos métodos de estudar a língua iniciados pela chamada gramática histórico-comparativa. Seu marco inicial costuma ser demarcado pela publicação do Manifesto Neogramático, de autoria de Osthoff e Brugmann, em 1878.

Esse manifesto fazia uma crítica ao fazer metodológico dos comparatistas, que desprezavam os fatores psíquicos envolvidos na mudança, bem como davam um enfoque desproporcional a fases do passado em detrimento da língua mais próxima, em sua riqueza de variedades e dialetos. (TARALLO, 1986). Além disso, dava-se uma ênfase exagerada à modalidade escrita, único testemunho disponível, e usos de línguas consideradas mortas, isto é, já desaparecidas, ou que já não eram encontrados em suas comunidades históricas.

Eles foram chamados de *junggramatiker Richtung* (jovens gramáticos). A tradução fora da Alemanha tornou *neogrammatici*, por Graziadio Ascoli (donde o português *neogramáticos*). O nome sugere uma ideia, portanto, equivocada, do viés daqueles que queriam rotular o movimento, haja vista que o elemento de composição *neo-*, presente na língua portuguesa e em outras neolatinas, denota algo novo (recente), e não juventude, como era o caso em questão.

A gramática comparativa do indo-europeu desenhava um novo quadro do indo-europeu primitivo. Em *Fundamentos da Gramática Comparativa das Línguas Indo-Germânicas*, Brugmann e Delbrück, fizeram uma investigação abrangendo fonologia, morfologia e sintaxe (esta última devida a Delbrück, despida da perspectiva logicizante, dando ênfase ao uso das formas e criando uma teoria da oração).

A principal contribuição desse trabalho foram as chamadas leis fonéticas. De acordo com os neogramáticos, elas operam com uma necessidade cega. Por esse motivo, por trás da mudança linguística está um aparato fisiológico e psíquico, que subjazem às alterações fonéticas.

Assim, o esforço dos neogramáticos centrou-se na explicação do que fugia à inexorabilidade das leis fonéticas, que se apresentavam regulares e bem estruturadas, ao que deram o nome analogia. Para Mattoso (2006), o termo analogia não é novo nos

estudos na linguagem, e na gramática grega, significava a perfeita harmonia entre formas gramaticais e as ideias lógicas que se propunham representar.

Foi em 1878 que veio a lume o primeiro número da revista *Morphologischen Untersuchungen* [Investigações morfológicas], fundada por Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919), cujo prefácio, assinado pelos dois autores, é tido como o manifesto neogramático.

Para os neogramáticos, o objeto da linguística não é o sistema completo, mas o idioleto, que pode ser identificado no indivíduo, observado diretamente. Viam a língua como uma atividade psicológica com um correspondente físico-fisiológico. A mudança linguística poderia ocorrer e espalhar-se na língua como resultado de causas mais ou menos acidentais ligadas ao uso linguístico. Criam que havia apenas psicologia individual e que a etnopsicologia era um mito.

Foi uma abordagem que começou a tratar a língua como viva, real e atual, fora de um retrato estático do passado, em movimentos de variação e mudança. Tratava-se, portanto, de uma teoria para demonstrar princípios subjacentes à mudança linguística, e não apenas uma relação de parentesco entre as línguas, com uma origem e resultado dessas mudanças. O foco, portanto, era no processo e não na comparação entre a origem e o resultado.

Os comparatistas do século XIX, por sua tendência naturalista na visão e abordagem dos fenômenos linguísticos, tendiam a ver a mudança linguística como um paralelo com as formas de vida biológicas: nascimento, desenvolvimento e morte. Dessa forma, havia uma visão de que elas, ao mudarem, estavam numa via de corrupção (tal como na gramática normativa e tradicional), mas, para além disso, no caminho da extinção, a exemplo do que acontecera com a *Ursprache* e tantas outras línguas desaparecidas.

Hermann Paul, lexicógrafo e linguista, é tido como o principal representante da escola neogramática. Ele estava certo de que havia tantas línguas quanto havia indivíduos. Uma abordagem sociológica para a língua, numa reação ao pensamento dos neogramáticos, na figura de Humboldt, Baudouin de Courtenay, Fortunatov. Para Paul, a mudança é inconsciente, isto é, o falante ou escrevente acredita que seus usos serão estáveis sempre, até que ele deixe de existir.

Ele foi, também, defensor da lei do menor esforço, um postulado que afirma que os usuários da língua tendem a diminuir ao máximo o esforço na produção de segmentos fonológicos, até o limite em que não haja prejuízo de sentido. Esse seria um

fenômeno em que, portanto, o falante ou escrevente procura usos mais confortáveis do ponto de vista articulatório (MALMBERG, 1974).

Esta difere da chamada lei da economia linguística, muito conectada ao isomorfismo linguístico e à iconicidade, nas abordagens funcionalistas do século XX. O princípio do isomorfismo fala de uma relação de paridade entre a forma e o significado. Se existe uma perda em cada um dos polos, a tendência, quase sempre, é que haja uma mudança análoga do polo oposto.

Um ponto bastante citado na abordagem de Paul é o problema da implementação, que trata justamente do lugar e do momento em que ocorre a variação e a mudança linguísticas. Esse foi um dos pontos levantados pela escola idealista, que preconizava aspectos como idade, sexo, e escolaridade e procedência geográfica, que viriam a ter grande centralidade no século posterior, na chamada sociolinguística.

Ele tratou a língua, como os neogramáticos em geral, como algo presente no indivíduo, no idioleto, em oposição ao dialeto, que é algo associado ao domínio social. Ele levava em conta a questão da língua e dos demais indivíduos na mudança, seja naqueles que ainda estavam em fase de aquisição, sejam os que já tinham a língua materna bem internalizada.

No entanto, Hermann Paul parece não definir bem a relação entre quais seria (m) o(s) idioleto(s) e a sua relação de composição no dialeto, bem como até que ponto esses dialetos são homogêneos, já que os indivíduos são únicos, mas compartilham aspectos que os unem em dado grupo, como o léxico, que é o repositório de conhecimentos comuns da comunidade (ROBINS, 2001).

Ele dizia que o que permanece na língua é aquilo que serve para comunicar, e aquilo que já não tem relevância comunicativa, sofre mudança ou deixa de existir na língua, numa clara influência do evolucionismo darwiniano. Tal como na moderna sociolinguística, existem a ocorrência de um dado, a co-ocorrência com um outro e, posteriormente, desaparecimento de um deles ou especialização de uso de ambos.

Quanto ao método de investigação, Paul focalizou o uso dos usos reais da língua, em oposição a usos introspectados (isto é, presumidos como possíveis por usuários da língua) ou reconstruídos, no caso dos marcados com asterisco pelos comparatistas, que indicavam reconstrução teórica de algum estágio anterior da língua para o qual não se atestou evidência empírica concreta. Além disso, procurou encontrar usos já estabilizados, isto é, que tivessem um estatuto consolidado temporalmente na língua e um espriamento na comunidade (KOERNER, ASHER, 1995).

Acreditava ainda que, se existisse algo de natureza morfofonológica, essa estrutura não seria senão um reflexo gramatical de um correspondente psíquico. Assim, uma categoria discreta na morfologia, por exemplo, existiria devido a esse correlato psicológico, mantido e existente na mente do escrevente ou falante da língua.

Sobre sua teoria semântica, ele afirmou que, apesar de serem facilmente identificáveis os traços semânticos da palavra em seu surgimento, essa relação vai ficando cada vez mais opaca com o passar do tempo, embora seja recuperável por meio da etimologia e ainda restem vestígios perceptíveis dessa relação.

O linguista ainda falou sobre a frequência de uso e sua implicação na mudança linguística. O que recebe mais estímulos, isto é, o uso ao qual o falante ou escrevente é mais exposto acaba por fixar-se mais em sua mente, dada a frequência de uso, e que faz o uso espalhar-se de forma estatisticamente maior no seio da comunidade e manter sua forma original, e o que tem menor ocorrência tende a desaparecer ou perder estrutura formal.

A difusão lexical difere da mudança fonológica neogramática, tendo em vista que a mudança de som neogramática é foneticamente gradual: acontecendo por minuto e incrementos lexicais abruptos operam simultaneamente em todos os itens lexicais e para todos os usuários da comunidade linguística. A mudança fonética, por sua vez, acontece de forma lenta e gradual.

Nesse ponto, é interessante notar que, de fato, a tendência de analogia no caso da mudança morfológica é mais comum e visível do que na fonológica. Formas verbais, por exemplo, por parte de crianças que estão aprendendo o idioma, tendem a ser conjugadas com base no paradigma regular, por analogia, em todos os casos, incluindo os verbos irregulares, abundantes e anômalos, por exemplo, no caso do português.

Ferdinand de Saussure, conhecido por seus trabalhos na linguística, na verdade era um neogramático. Ele tem um conhecido trabalho, *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, em que, como sugere o título, analisa a estrutura e a mudança dos sons vocálicos da protolíngua até as línguas contemporâneas que dela se originaram.

Para Hermann Paul, era importante uma abordagem sincrônica, pois esta, realmente, era a abordagem que indicava o uso real e presente da língua. Saussure compartilhava desse pensamento e afirmava que o estudo diacrônico necessitava de um estudo específico e de um conhecimento técnico dominado por uma pequena e específica comunidade de pesquisadores.

Em Saussure, é nítida a influência do pensamento de Hermann Paul, que seria uma espécie de mestre do estudioso genebrino. As noções de paradigma e sintagma, bem como a ideia de imagem acústica correspondente a uma estrutura linguística, já estão presentes na obra de Hermann Paul, e uma leitura mais atenta na obra de Saussure parece apontar para um grande comentário sobre as obras de Paul, em seu Curso de Linguística Geral (que, na verdade, não é uma obra do suíço, mas trata-se, antes, de notas de aula escritas por seus alunos e publicadas após a morte do professor) (LAUSBERG, 1974).

O objeto de investigação dos Neogramáticos era o idioleto (a linguagem localizada no indivíduo e, portanto, diretamente observável) e não o sistema linguístico. Pontos que mereceram destaque na abordagem dos neogramáticos foram a mudança de significado, os empréstimos linguísticos, a analogia, e algumas exceções também sistemáticas, regidas por regras à parte.

As plosivas surdas [p], [t], [k] tendiam a tornar-se [f], [β], [h] como previsto, mas por vezes sonoras [β], [ð], [z], contrariando a regra de mudança fonológica da lei de Grimm. Os neogramáticos vão afirmar que não há exceções, mas na verdade as exceções são ignoradas em seu método, o que faz com que elas não sejam inexistentes, mas tratadas como algo à parte, ou nem mesmo sendo abordadas, como se realmente não existissem.

Para os comparatistas e August Schleicher, o método comparativo despreza o contato linguístico e a mudança fonológica é regular. Não houve nenhum contato subsequente entre as línguas-irmãs depois do desaparecimento da protolíngua (indo-europeu), segundo eles. No método comparativo, esta é a causa da disputa entre modelos mais apropriados (adequados) a lidar com a mudança fonológica e os tipos de relação entre as línguas.

A relação genética não é apenas representada na família (diagrama da árvore). Mas há outra relação entre línguas, que é o empréstimo de uma para a outra.

1.4 Graziadio Ascoli

Ascoli foi outro crítico da teoria dos neogramáticos. No entanto, ele era mais alinhado do que Schuchardt ao que era apregoado por eles. Na obra “Duas Cartas Glóticas”, ele aceitou as leis fonéticas, mas afirmava que elas deviam ser explicadas em

relação com questões históricas, que também estavam por trás da analogia. (MATTOSO, 2006).

Concentravam-se na Universidade de Leipzig, fato pelo qual receberam o nome de Escola de Leipzig. A neogramática era uma corrente dominante no século XIX nos estudos da linguagem. Hermann Paul, nos *Princípios de História Linguística*, representou a principal obra dessa tradição, tornando-se referência na investigação dos postulados teóricos da abordagem neogramática.

Para Paul, a Linguística era uma ciência que estudava o desenrolar histórico dos fenômenos linguísticos, excluindo qualquer outra possibilidade de estudo, em qualquer abordagem ou recorte teórico-metodológico concorrente. Ele atribuía uma deficiência às fontes ou ao próprio pesquisador o fato de esse método não ser utilizado. Mattoso (2006) faz distinção entre estudos linguísticos, pré-linguísticos e paralinguísticos. Para ele, Paul se inscreve numa tradição paralinguística biológica e pré-linguística de “certo e errado”. Com exceção disso, o que se encontra em sua obra além do viés histórico tem natureza psicológica, como complementar ao histórico.

Estudou, além disso, as palavras, em especial sua mudança de significado, classificando-as de acordo com esses tipos de mudança, de especificação ou ampliação, relacionando-as com a metonímia e a metáfora. Para ele na mudança linguística, existia um correspondente psíquico para cada mudança de natureza fonético-articulatória. Dessa forma, segue-se sua posição de que a mudança se inicia no indivíduo, em sua mente, e daí se espalha para a comunidade.

1.5 Geografia Linguística

O alemão Georg Wenker (1852-1911) quis comprovar a validade das leis fonéticas dos neogramáticos nos dialetos alemães. Para isso planejou o “Atlas Lingüístico da Alemanha Setentrional e Central”, do qual apenas um capítulo foi publicado em 1881. O método de pesquisa empregado na elaboração do trabalho consistia em questionários enviados a religiosos e professores da região em estudo. As isoglossas de alguns fenômenos foram insuficientes para delimitar certas áreas geográficas. O atlas só continha informação de caráter fonético, sendo o autor um seguidor da abordagem das leis fonéticas dos neogramáticos.

Com isso, apenas a analogia e o empréstimo foram os fatores externos ao sistema gramatical tiveram lugar em sua análise. Os aspectos sociais e culturais, por

exemplo, ficaram de fora de seu escopo de análise, fato que levou ao fracasso da iniciativa, levando a resultados diferentes e até oposto ao esperado por Wenker. O mérito do autor foi ter sido pioneiro na aplicação da teoria neogramática aos estudos da geografia linguística. Trabalho semelhante empreendeu Gustav Weigand com o Atlas Lingüístico Daco-Romeno. (BASSETTO, 2001)

O Atlas Lingüístico da França, publicado em Paris entre 1902 e 1910 pelo lingüista suíço Jules Gilliéron, é comumente apontado como o pioneiro nos estudos da geografia linguística e da dialetologia. No entanto, como já visto, o trabalho de Weker é anterior ao de Gilliéron.

Ele já tinha publicado dois trabalhos com material recolhido *in loco* com os camponeses da região, dois dele publicados entre 1880 e 1881. Professor de dialetologia da École des Hautes Études de Paris, iniciou a empreitada de descrever e registrar as variedades linguísticas da França à época. O dialeto da Île-de-France era o oficial do país, por uma ideia monarquista de centralização político-administrativa.

Essa centralização fazia com que as demais variedades linguísticas existentes no país fossem pouco a pouco desprestigiadas, chegando-se até mesmo à sua extinção. Gilliéron decidiu esforçar-se para preservá-las de uma forma perene e segura, por meio da documentação desses usos em um atlas linguístico. Para isso, aplicaria um questionário com os informantes, que podia responder a mais de 900 itens, muito superior ao dos sujeitos de pesquisa envolvidos na produção dos atlas anteriores, sendo todo o material obtido registrado e distribuído num mapa, de acordo com o local em que foi coletado.

Além de questões puramente fonéticas, procurava obter dados de outros aspectos linguísticos como léxico (palavras e construções populares e eruditas) e sintaxe. Incluiu no questionário denominações de seres vivos, por terem maior uso popular e estarem mais sujeitos a variação e mudança linguística no espaço. Foram escolhidos 639 lugares da França, em todos os lugares onde estivessem distribuídos os dialetos franceses, provençais e franco-provençais, incluindo-se algumas localidades da Bélgica e da Suíça, onde se usava o galo-românico.

Foram excluídos os territórios franceses de língua não românica: a Bretanha, cuja língua é o bretão, a de língua flamenga (de origem holandesa), a nordeste e a de influência basca ao sul, bem como boa parte das maiores cidades. Foi incluída a metade sul da Bélgica e a chamada Suíça românica, dos dialetos provençais e franco-provençais. Gilliéron enviou como seu colaborador o comerciante Edmond Edmont,

com a missão de inquirir os informantes das 639 localidades escolhidas, percurso longo e árduo feito com auxílio de uma bicicleta. O trabalho durou aproximadamente quatro anos e meio. (VIDOS, 1996)

Pensando que os melhores informantes eram os mais velhos, que preservavam as tradições locais e conseqüentemente os usos linguísticos mais antigos, Edmond perguntava e registrava as respostas em cadernos, de forma voluntária, respondendo-se apenas ao que se queria. Terminados os registros em caderno, que eram enviados pouco a pouco a Gillierón, formou-se o Atlas, com 1920 mapas, número das perguntas do formulário, com brochura explicativa e índice alfabético.

O mapa mais conhecido é o número 1, em que constam os diferentes nomes para abelha (*abeille*, em francês). entre os quais *mouche à miel*, *avette*, *mouchette*, *aveille*, *essete*, *essei*, *mouche*, *ruche*. nem todas originadas do latim *apis* nem do diminutivo *apicula*. Há outros fenômenos correlatos, como a homonímia, a metáfora e a paráfrase.

O Atlas Linguistique de la France (ALF) teve repercussão ampla, com críticas e elogios por parte da comunidade científica da época, dentro e fora da França. Vista como uma nova forma de fazer científico na área dos estudos da linguagem, a Geografia Linguística consolidou-se como uma importante área do saber. O atlas comprova que palavras diferentes para uma mesma referência semântica ocorrem em um lugar, transportam-se para outro, concorrem, se especializam ou desaparecem, a partir de um centro, no caso Paris.

Como já se tinha verificado anteriormente com o atlas de Wenker, o ALF deixou claro que não há limites dialetais precisos, apenas limites de certos traços ou fenômenos linguísticos. Provou-se, por fim, que a tão defendida regularidade das leis fonéticas sofre influência psicológica, como os presentes em questões relativas à homonímia e à etimologia popular. Criou-se, a partir daí, uma escola de Geografia Linguística na França e fora dela, tendo muitos livros e atlas sobre geografia linguística sido produzidos.

Já no Brasil, em 1958, Antenor Nascentes lançou as bases para a confecção do Atlas Linguístico do Brasil, intitulado *O Linguajar Carioca* (primeiramente publicado em 1922, segunda edição em 1958). O Atlas Prévio dos Falares Baianos, de Nelson Rossi, com 154 mapas, publicado em 1963, foi a incitativa mais próxima desse intento. Existem vários trabalhos dialetológicos, como *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, que iniciou a fase científica da dialetologia brasileira, bem como *A Língua do Nordeste*,

Alagoas e Pernambuco, de Mário Marroquim, além de outros estudos sobre dialetologia brasileira da autoria de Serafim da Silva Neto, Sílvio Elia e Gladstone Chaves de Melo.

Cunha chegou a defender que nos países latino-americanos a Geografia Linguística de Gilliéron seria inaplicável, porque a finalidade dela, para eles era a conservação da variedade linguística e cultural em extinção, e que isso estaria fora do contexto dessa realidade do continente. A geografia linguística horizontal seria inútil, mas no plano vertical, quanto aos estratos ou camadas sociais, seria válida. Neste século, porém, a geografia humana brasileira haveria de mudar completamente, com o aparecimento de cidades e o crescimento de outras já existentes, por imigração interna (caso dos retirantes nordestinos para o sudeste, centro-oeste e norte, por exemplo), com algumas cidades que eram sedes de geradoras e transmissoras de meios de comunicação exercendo influência sobre outras, fazendo com que usos linguísticos mudassem ou até mesmo desaparecessem.

1.6 Escola Idealista

A Geografia linguística recolocou o elemento positivo no estudo da língua, de uma forma pioneira, embora não fosse sua intenção direta, por meio de evidência empírica recolhida e analisada, equilibrando o estudo da forma e do conteúdo linguístico ao considerar a abordagem da linguística histórica na investigação dos fenômenos.

Essa era uma oposição, mesmo que velada, ao método histórico-comparado. E esses estudiosos usam um método de caráter indutivo-positivista. Um movimento do indivíduo em direção ao espírito, que recebeu o nome de Idealismo, como oposição ao método histórico-comparado. O destaque é Karl Vossler, derivado das ideias de Giambattista Vico, Wilhelm von Humboldt e Benedetto Croce. (VIDOS, 1996)

1.6.1 Giambattista Vico e Benedetto Croce

Giambattista Vico fazia uma associação entre língua e poesia e arte. Para Humboldt, a língua é produto do espírito, que se expressa na sociedade, nas artes e nas ciências. Ele afirmava que a língua é uma atividade (*energeia*) e não um produto (*ergon*), na condição de uma atividade criadora. (VIDOS, 1996)

Nessa abordagem, para ele, não representa a realidade, mas apenas uma impressão dela. A *Weltanschauung*, essa visão pessoal que o usuário da comunidade

tem a respeito da língua, é a *innere Sprachform*; a *äussere Sprachform* é estrutura gramatical, seja fonética, morfológica ou sintática. A *innere Sprachform*, do ponto de vista analítico, seria o conjunto de possibilidades de expressão na língua, uma espécie de paradigma saussureano.

Para ele, a língua é uma maneira de ser nacional. A *innere Sprachform* é o que caracteriza um povo, que o constitui como uma unidade individual, pois reúne traços sociais, culturais, políticos, étnicos. Já Benedetto Croce baseia seu sistema de pensamento no filósofo Henri Bergson, com sua teoria da intuição, na sua identificação da impressão com a expressão, sendo a língua algo pertencente a uma dimensão estética, uma arte, e a Linguística uma ciência dessa expressão, a estética. Esse posicionamento já o coloca em rota contrária ao positivismo, manifesto na Geografia Linguística.

1.6.2 Karl Vossler

Vossler, seu discípulo, também fez frente a essa abordagem naturalista do método indutivo adotado pela linguística, expresso por seus postulados, fundamentação metodológica e coleta e análises de dados, bem como conclusões obtidas. Ele se opôs a esse método atomístico, afirmando que o espírito é causa da mudança linguística.

A dependência da mudança linguística está no acento e no ritmo, que têm por trás de si o estado de espírito do falante ou escrevente.

“Das inúmeras mudanças fonéticas individuais, ficam e se desenvolvem posteriormente aquelas que estão na atmosfera, por assim dizer, e para as quais existe, na comunidade linguística, certa inclinação coletiva”. Parece uma vacilação entre o fator individual e o coletivo na mudança linguística.

Para Vossler, a expressão linguística é criação do espírito, logo a História da Linguística é uma História das formas de expressão linguística, que seria uma história do espírito ou da cultura. Ele objetivava chegar à língua por meio da cultura. Influenciado pelo idealismo hegeliano, tenta identificar a língua com o espírito da época (*Zeitgeist*), determinando quais *innere Sprachform* surgiram naturalmente e quais destoam dessas.

Com isso, ele afirmou que a França tinha uma mentalidade comercial limitada e calculadora (VIDOS, 1996), relacionando esse fato com o surgimento do partitivo na

língua francesa, no fim da Idade Média, séculos XIV e XV, sendo raro no século XIII, firmando-se no XIV e XV devido a essa mentalidade.

A crítica, no entanto, afirmou em contrário que seria contraditório que no italiano o uso do partitivo estivesse desaparecendo. *Fu dato d'un bonissimo, mangiare del buono, cogliesse dei fruti* assim como no romeno *niste lapte, niste pâine* ou no espanhol *unas cartas, unos huevos*, que não têm o senso da divisão e da repartição apresentarem tais formas, e a inglesa e a americana, por exemplo, não terem o artigo partitivo? (VIDOS, 1996). A propósito, a língua portuguesa tem, desde pelo menos o período arcaico, construções do tipo *comer do bolo* (uma parte dele) em vez de *comer o bolo* (o bolo inteiro).

Tal abordagem falha ao apontar o surgimento do uso de forma instantânea e abrupta, sem investigar eventuais nuances de significado e sentenças semanticamente próximas que poderiam dar origem essas novas estruturas, não por um momento de epifania e inspiração do espírito, mas num processo gradual a partir de traços semânticos e semelhanças de forma já existentes.

No latim, a noção de partitivo era, geralmente, expressa pelo genitivo, que denotava a função sintática de adjunto adnominal restritivo. Um subtipo de gerúndio era o gerúndio partitivo, que fora posteriormente substituído por construções de ablativo regidas pela preposição “de”, já no latim vulgar. Mas já no século XIII, para dar maior precisão, já usam o “de”. No século XV, essa tendência pendeu para a generalização. Tal foi essa generalização no uso que uma expressão que, de início, indicava partitivo, já servia para denotar expressões em que essa noção já não existia.

O argumento de que o uso do partitivo serviria para evitar a confusão existente diante da queda do –s final do francês (antigo francês, *conquerrai citez*, francês atual *je conquerrai des villes*). Mas o italiano o fez justamente para diferenciar formas singulares e plurais.

Essa é a falha do método espiritual, que busca investigar os elementos de acordo com o cenário histórico, geográfico, político e ideológico da época, negligenciando, boa parte das vezes, questões de natureza gramatical, como os sons e os morfemas formadores de palavra, tão em ênfase na chamada abordagem positivista, da gramática histórico-comparada. O erro mais comum de Vossler, para Vidos, é o da livre criação da língua, sem levar em conta os limites impostos pela tradição, que tem fulcro na comunidade.

Baseado em Humboldt, ele usava a noção de *Eigenart* (a visão do mundo), e questionava se era possível chegar à essência do ser por meio da língua. A *Wesensgestalt* ou *Wesensart*, essa forma a que se busca chegar, não é eterna e homogênea, mas depende de fatores históricos, geográficos, políticos e étnicos, bem como é afetada por fatores de natureza externa. (VIDOS, 1996)

Com base na *Wesenskunde* (o conhecimento da *Wesensart*) afirma que *plurent si oil* (seus olhos choram) e *pluret des oilz* (chorar pelos olhos) existem porque o francês já não apresenta o verbo *lacrimare*, que indicava um choro mais sofrido, com soluço, pelo que teve de adicionar o reforço *des oilz* (com os olhos) para denotar esse traço semântico, ausente no verbo também de origem latina *plorare*, que, a seu ver significava, pura e simplesmente “lamentar-se”.

O que faltou a ele e aos demais idealistas foi um estudo esmerado nas línguas românicas, investigando-se as nuances semânticas nas neolatinas (francês *pleurer*, catalão e provençal *plorar*, espanhol *llorar*, português *chorar*) (sardo *pranghiri*, italiano *piangere*, daco-romeno romeno *plânge*), o que prova que a noção de força no choro já estava presente mesmo sem qualquer reforço lexical. Os espanhóis também usavam, na épica, expressão *llorar de los ojos*, como no Cantar del Mío Cid, mais um elemento que mostra apenas se tratar de um reforço no que se pretende dizer.

Um problema a mais que se põe na abordagem dos idealistas é a questão dos empréstimos. O francês tem para “tio” e “tia” *oncle* e *ante*, e o italiano, apenas um, *zio* (feminino *zia*). No latim, existia uma diferenciação entre o irmão do pai e o irmão da mãe (*patruus* e *avunculus*) e a irmã do pai e a irmã da mãe (*amita* e *matertera*).

No entanto, é preciso notar que o italiano herdou do grego *theios*, que deu *zio*, assim como do alemão *Onkel* o francês obteve o seu *oncle*, com o *tante* sendo incorporado no léxico alemão e holandês. Esses fatos falam muito mais de um intenso intercâmbio cultural do que propriamente de um desprezo por detalhar de maneira mais minuciosa certos tipos de relações familiares, por uma suposta falta de afinidade entre os membros de uma família numa dada comunidade. Fala, muito mais, de uma necessidade de diferenciação jurídica que passou a ser dispensável posteriormente.

Vidos continua e afirma que o francês não tem um termo contrário de *ivre* (bêbado). Para dizer que alguém está sóbrio, apenas nega-se que está bêbado ou se vale de uma perífrase lexical (*il n'a pas bu*, *il n'es pas ivre* etc.). Desse fato não decorre, como faria pensar o arrazoado dos idealistas, que não haja pessoas ébrias em lugares onde o francês é falado.

Da mesma forma, se já não é possível fazer um diagnóstico preciso sobre o que é um povo, se já é difícil por meio de uma análise política, linguística, étnica, sociológica e antropológica, tanto mais seria apenas com uma análise fortuita, sem profundidade e comparação com línguas da mesma família sobre o que é o ser de um dado povo.

Desse fato, no entanto, não se pode dizer que ela é inútil; bem ao contrário, a descrição linguística serve para uma compreensão a respeito do espírito de um povo, de uma comunidade. No entanto, ela sozinha não é suficiente para abarcar a complexidade das relações envolvidas, mas dá pistas de como isso se manifesta no conhecimento da comunidade.

Por exemplo, argumenta-se que o romeno não tem palavras relacionadas com o mar, devido à sua distância deste. Mas também não tem em relação às janelas, fato pelo qual obteve a palavra *geam* do turco. Seria errôneo, portanto, dizer que os romenos só conheceram as janelas a partir de seu contato com os turcos, quando existem inúmeras evidências em contrário.

1.7 Schuchardt

Wilhelm Wundt considerou errôneo o enfoque no aspecto histórico, forte entre os neogramáticos. Ele tinha um trabalho sobre Psicologia e Linguística, contra o qual Hermann Paul e Delbrück se opuseram.

Wundt acreditava num movimento da psicologia coletiva em direção à psicologia individual. Tinha uma abordagem de natureza mais generalista e sintética, enquanto os neogramáticos tinham um viés mais individual. Segundo ele, o falante pensaria no todo, na oração e, daí, depreenderia o sujeito e o predicado, ao contrário dos neogramáticos, que partiriam num movimento composicional, indo do sujeito e predicado para a oração, num percurso da parte para o todo. (MATTOSO, 2006).

Wundt, diferentemente de seus contemporâneos, não usava, em seus estudos, dados de línguas majoritárias europeias; antes, dava ênfase às da África, ao hindu e outras chamadas “exóticas” (isto é, desconhecidas ou ainda não suficientemente bem descritas, sobretudo das colônias da América, Ásia e Oceania). Os neogramáticos reagiam a essa diferença metodológica, apontando que somente a indo-europeística era um campo com uma fundamentação teórica e metodológica consistente, considerando todo o resto como abordagens frágeis, não científicas e sem confiabilidade.

Wundt não era um linguista, mas um psicólogo da linguagem, que visava a lançar os fundamentos dessa área, sobretudo no artigo que publicou, intitulado “História e Psicologia da Linguagem”, em resposta a Delbrück. A ele se deve a frequente interseção entre Psicologia e Linguagem, que deu origem à Psicologia da Linguagem, ou Psicolinguística, nos Estados Unidos.

Mas foi na figura de Hugo Schuchardt que as leis fonéticas encontraram maior oposição e resistência. O professor da Universidade de Graz, na Áustria, que teve seus escritos amplamente divulgados por um de seus aprendizes, Leo Spitzer, no *Manual de Linguística Geral*. É nela em que se encontra o famoso artigo *Sobre as Leis Fonéticas* (1855), também conhecida como *Contra os Neogramáticos*. Diferentemente dos neogramáticos, que falavam de uma influência externa das leis fonéticas atuando de fora pra dentro nos indivíduos, Schuchardt criticou essa posição, ao defender a centralidade da psicologia individual como motor da mudança linguística. (VIDOS, 1996)

Um impulso aleatório e instantâneo era o motivador da mudança linguística, que estavam por trás de associações fonéticas. Para ele, os segmentos fonéticos que podemos apreender são externalidades dependentes da atividade mental do usuário.

Schuchardt, diferentemente de seu mestre Schleicher, acreditava que cada palavra deveria ser investigada em sua individualidade, com mudanças particulares e, portanto, imprevisíveis, por meio de sua história, dando ênfase, por isso, à etimologia.

Criticou a genealogia das línguas, pois acreditava na ideia de mistura nas línguas, tanto em nível de grupo, de indivíduo para indivíduo, como dentro da língua, de variedade para variedade, ou de uma língua para outra diferente.

Línguas românicas em suas formas populares e línguas ibéricas antes da ocupação romana, tendo destaque o seu estudo *Vocalismo do Latim Vulgar*, de 1866-70, em que fez uma abordagem sobre o basco como língua românica. Schuchardt também foi uma referência nos estudos de crioulística, isto é, a mescla entre línguas majoritárias, sobretudo românicas (como o inglês e o francês) com línguas dos povos originários das colônias da América, da Ásia da África da Oceania. Sua tese, já questionada e hoje pouco adotada, era de que as línguas românicas, inclusive o português, eram crioulos, da mescla entre o latim e a língua pré-românica existente no território. Apesar disso, muitos pressupostos de suas investigações são usados até hoje na crioulística.

2. MATTEO BARTOLI: A NEOLINGUÍSTICA

Matteo Bartoli fez oposição aos neogramáticos. Os neogramáticos foram uma escola formada por estudiosos da língua que buscavam formular uma teoria da mudança linguística. Eles eram conhecidos como *Junggramatiker*, ou seja, jovens gramáticos. Eles utilizaram como instrumento para alcançar esse objetivo a construção das chamadas leis fonéticas. O manifesto neogramático foi publicado por Osthoff e Brugmann, em 1878.

Eles rejeitavam a hipótese anterior, da gramática histórico-comparativa, de construir árvores com as línguas humanas. Dessa forma, não concordavam com a classificação das línguas conforme a ascendência e descendência.

Esse método trazia em si muitos problemas, principalmente a questão de encontrar os dados para a reconstrução das línguas de estágio anteriores. Labov chegou a chamar o estudo da linguística histórica como o “melhor uso de maus dados”. Não por acaso, as línguas neolatinas são as mais bem documentadas e, por isso, as mais estudadas até hoje, tendo em vista a tradição de estudos e a grande quantidade de fontes primárias conhecidas.

Eles advogavam pelas leis fonéticas, capazes de prever a mudança de um morfema ou som de uma língua em outra, fazendo da língua uma espécie de sistema com regras rígidas e previsível conforme o estado atual e as leis de mudança. Daí, portanto, chegaram a vários estágios remotos anteriores, por meio dessas leis que, embora não atestados, poderiam ser alcançados via análise, assinalados com asterisco (*), as chamadas formas teóricas.

Houve muitos estudiosos que se opuseram ao caráter inexorável das leis fonéticas, entre eles Karl Vossler, Benedetto Croce, Jules Gillieron e talvez o mais famoso de todos, Hugo Schuchardt. O principal ponto de contato, entre o pensamento de todos eles, era o caráter individual de cada palavra, que não pode ser apreendido por um simples conjunto de processos, de forma mecânica.

“Wörter und Sachen” (palavras e coisas, em alemão) era o nome da teoria seguida por Schuchardt, segundo a qual deveria existir um estudo da conexão entre os nomes e as coisas semasiologia e a onomasiologia (que parte dos conceitos para a estrutura linguística). Era um tipo de análise linguística que privilegiava a cultura do povo, e como sua visão de mundo refletia nos itens linguísticos usados para designar ideias e coisas em diferentes línguas, a chamada visão onomasiológica.

Quanto à Geografia Linguística, também de viés onomasiológico, Jules Gillierón e seu assistente Edmond Edmont foram seus principais representantes, este último era o que coletava os nomes e os organizava, por meio da confecção de atlas geolinguísticos, que se utilizavam de cartas léxicas para investigar as variedades de termos usados para uma mesma ideia ou coisa.

A palavra tem uma realidade social, histórica, estilística e individual. Por mais que haja um conhecimento histórico (a língua em si) e uma capacidade da qual todo ser humano é dotado (uma condição da espécie), a língua experimenta mudanças devido ao lugar de onde o usuário se origina, seu grau de instrução, sua idade, seu sexo,

Também fez parte dessa tradição de linguistas Matteo Bartoli, que tentou se opor às tendências neogramáticas, por pensarem que as leis fonéticas eram uma maneira excessivamente simplista de explicar os fenômenos de mudança na língua.

Ele acreditava que os fenômenos da língua tinham de ser explicados não apenas por características articatórias e suas correspondências em determinadas línguas derivadas ou mesmo em famílias de línguas aparentadas. Deveriam ser analisados aspectos da vida social do falante ou do escrevente.

Esses aspectos, na visão de Bartoli, estariam baseados nas áreas de usos linguísticos em um determinado território. Como Bartoli estudou as línguas românicas, que lhe deram estofos para formular as hipóteses de sua teoria da “neolinguística” ou “linguística areal”, ele descreveu e explicou os fenômenos presentes nas áreas do antigo Império Romano, de onde se originaram as línguas neolatinas.

Bartoli separa os usos em áreas dentro da Península Ibérica, de acordo com o surgimento mais recente ou mais posterior de documentos e, portanto, de cada língua. Ele elaborou cinco critérios principais: a) norma da fase anterior e posterior b) norma da área central e da lateral, c) norma da área isolada c) norma da fase desaparecida e da sobrevivente e d) norma da área maior e menor. De acordo com tal distribuição, era possível compreender a história das línguas e da mudança do léxico (BARTOLI; BERTONI, 1925).

Para Bartoli, se um dado linguístico aparecesse em duas áreas, uma mais antiga e uma mais recente, de acordo com sua conquista e integração no Império Romano, a que foi conquistada primeiro tende a ser mais inovadora, e a mais tardia, mais conservadora: lat. *haedus* (“cabrito”) > logudorês *edu*, romeno *ied*, em oposição a lat. *capritus* > italiano *capretto*.

Da mesma forma, se dois usos ocorrem em uma área mais central e outra mais lateral (também segundo o critério da integração ao Império Romano), a área mais lateral tende a ser mais conservadora e a central, mais inovadora: lat. *fervere* > port. *ferver*, esp. *hervir*, romeno *a fierbe*) em oposição a *bullire* > cat. *bullir*, prov. *boulhir*, franc. *bouillir*, rético (friulês) *bòli*, ital. *bollire*.

O autor também diz, que se houver uma área mais isolada do ponto de vista geográfico, esta costuma ser mais antiga, isto é, mais conservadora: lat. *comedere*, *avunculus*, *lingula* (“comer”, “tio”, “colher”) > port. esp. e *comer*, franc. *oncle*, romeno *lingură*, em oposição a lat. *manducare*, *thius*, *cochlearium* (it. *mangiare*, *zio*, *cucchiaio*). Bartoli afirma ainda que, de duas fases cronológicas, se uma desapareceu e a outra ainda é sobrevivente, a mais antiga é a que deixou de ser usada: lat. *focus* > port. fogo, esp. *fuego*, francês *feu*, italiano *fuoco*, romeno *foc*, catalão *foc*; a fase antiga *ignis* desapareceu.

Por fim, se de duas fases cronológicas, uma é mais difundida no espaço e uma outra é menos, a que é mais disseminada é a mais antiga entre ambas: lat. *causa* > (port. *coisa*, esp. *cosa*, franc. *chose*, italiano *cosa*); *lucrum* > (port. e esp. *lucro*; romeno *lucru* ‘coisa’).

Segundo Bartoli, as línguas centrais seriam o italiano e o francês, passado pela península ibérica, com o português e o espanhol, chegando às áreas mais periféricas, a Sardenha e a Romênia (Dácia). Essa classificação segue a ordem de aparecimento das línguas na Romênia.

Em síntese, Bartoli defende que as áreas centrais apresentam usos mais antigos, isto é, mais próximos do latim, enquanto as áreas mais periféricas apresentariam usos mais inovadores, por meio de suas normas areais.

Bartoli (BARTOLI; BERTONI, 1925) afirma que estudiosos pensavam, em sua época, que o *a* do latim *pater* e o *i* do hindu antigo *pitár-* não vêm nem de um *a* nem de um *i*, mas de uma vogal “indistinta” como o *-e* napolitano em *Nápule*, da mesma forma que o *k* do grego *δέκα* e o *ç* do hindu antigo *daça* derivam de um som parecido com o *chi* do italiano *marchio*, ou com o *ch* de *marchi*, *chinare* etc.

Outros, que em todo o território do latim vulgar convivessem *plus* e *magis* na função que vemos, por exemplo, em *magis necessarius*, *magis sanus*, etc. e que *plus* seja “sobrevivente” na Gália e na Itália, e *magis* na Ibéria (a atual península Ibérica) e na Dácia (aproximadamente, o território da atual Romênia): franc. *plus* e ital. *più*, esp. *más* e rom. *mai* e, igualmente, línguas indo-europeias convivessem desde inicialmente

com os tipos *pyr* e *ignis*, e que *pyr* sobreviveram no grego e no armênio, no céltico e no germânico e *ignis* nas outras línguas da família.

Bartoli critica os estudiosos de *ecclesia* seja mais antigo do e *basilica* no significado de “templo cristão” pensa que aquele seja mais antigo do que este. a maioria neogramáticos, até citando o mérito de Ascoli. Mas eles se opõem aos neolinguistas por não responderem às três questões seguintes (*id.*, p. 64):

- 1) Qual é a relação cronológica entre essas fases? Isto é, se o mais antigo é o *a* ou *i*, e o *k*, ou o *ç* etc.?
- 2) Encontrada a inovação, ou seja, descoberto que, por exemplo, que *plus* é mais recente que de MAGIS, pergunta-se qual é a pátria da inovação. Isto é, qual *plus* surgido nas áreas onde o encontram ou está juto de uma área ou outra? E de qual?
- 3) Qual é a causa dessa inovação? Isto é, por que *plus* foi preferido quanto ao seu predecessor MAGIS?

Bartoli tenta abordar esses três grandes tópicos: (a) A relação cronológica entre as fases linguísticas: (b) Os centros de irradiação e (c) As causas das inovações, além de um apêndice em que é feita uma comparação entre o método de investigação dos neolinguistas e neogramáticos.

Em cada par, como IGNIS e *focus*, MAGIS e *plus*, BASILICA e *ecclesia*, será indicada com maiúsculas a fase anterior e a posterior em minúscula. Isto é, IGNIS é uma fase mais antiga que *focus*, e nesse caso entende-se o *focus* tardio, que significava “fogo”, não o *focus* antigo, que equivalia a “lareira”. Ou seja, MAGIS é anterior a *plus* que vamos ver em casos como *plus sanus*, por MAGIS SANUS, o qual, por sua vez, é mais tardio que SANIOR. E BASILICA é mais antigo que o *ecclesia* tardio, o qual assumiu o significado de “templo cristão”.

Das várias fases anteriores serão acolhidos os pares somente do período indoeuropeu, como IGNIS e MAGIS, e como exceção BASILICA, que é do período cristão, portanto muito mais tardio. Para isso, quando se escrever, IGNIS *focus*, pretender-se-á dizer que IGNIS é muitos séculos anterior a *focus*.

Em Bartoli, são estudadas somente fases posteriores que são documentadas no latim, como dos *focus*, *plus*, *ecclesia*.. A relação cronológica entre duas fases linguísticas pode ser deduzida de apenas dois elementos: da relação cronológica entre os

documentos onde essas fases são atestadas e da relação geográfica entre as áreas onde essas fases se encontram.

Em alguns casos pode-se recorrer a dois elementos, e em outros apenas a um deles. Segundo a primeira norma, de duas fases linguísticas, aquela que é documentada primeiro é, em geral, a mais antiga. Podem ser definidas, assim, as áreas mais isoladas, as áreas laterais, as áreas maiores, a área mais recente e a fase desaparecida.

Isolado, para Bartoli, é o território menos exposto às comunicações. Nessas áreas, as fases tendem a ser conservadas. Veja-se o quadro abaixo:

I. – SARDENHA	<i>Toscana</i>	1. – <i>Sardenha</i>	TOSCANA
EQUA	<i>caballa</i>	<i>serrare</i>	CL(A)UDERE
logudurês EBBA	<i>cavalla</i>	logud. <i>serrare</i>	CHIUDERE
II. – LADÍNIA	<i>Toscana</i>	2. – <i>Ladínia</i>	TOSCANA
AGER	<i>campus</i>	<i>aviaticus</i>	NEPOS
III. – PORTUGAL	<i>Catalogna</i>	3. – <i>Portugal</i>	CATALOGNA
COMEDERE	<i>manducare</i>	<i>thius</i>	AVUNCULUS
IV. – VÉLIA	<i>Fiume</i>	4. – <i>Vélia</i>	FIUME
CAPUT	<i>testa</i>	<i>brut-is</i>	NURUS

Quadro 01 (*id.*, p. 67)

A Sardenha e a Ladínia são mais isoladas, dentro dos domínios de Roma, do que a Toscana, e Portugal é mais isolado que a Catalunha, e a Vélia é mais que Fiume, semelhantemente. Nos quadros I, II, III e IV, a fase anterior conserva-se na área mais isolada e a posterior encontra-se na área *menos isolada*; no quadro 1-4 acontece o contrário.

Esse quadro demonstra que a área mais isolada conserva, em geral, a fase anterior. Na história da língua, em geral, as ilhas são mais conservadoras que os continentes e as montanhas mais do que as planícies e os mares, além de certas áreas laterais mais do que a área do meio e os centros menores mais que os maiores.

Bartoli fala das áreas centrais e laterais. A Gália transalpina e a Itália são áreas consideradas centrais, e a Ibéria e a Dácia seriam áreas laterais. No quadro seguinte, a fase anterior se conserva nas áreas LATERAIS e a fase posterior encontra-se nas áreas de *centro*:

I. – IBÉRIA	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	DÁCIA
EQUA	<i>caballa</i>	<i>caballa</i>	EQUA
II. – IBÉRIA	<i>Gália</i>	ITÁLIA	DÁCIA
CAP-UT	<i>testa</i>	CAPUT	CAPUT
III. – IBÉRIA	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	DÁCIA
OV-IS	OV-IS	<i>pecora</i>	OVIS
IV. – PORTUGAL	<i>Castela</i>	CATALUNHA	
AVIS	<i>passer</i>	AV-IS	
V. – CASTELA	<i>Provença</i>	LADÍNIA	
CAP-UT	<i>testa</i>	CAPUT	

Quadro 02 (*id*, p. 69)

O oposto acontece no quadro seguinte:

1. – <i>Ibéria</i>	GÁLIA	ITÁLIA	<i>Dácia</i>
<i>passer</i>	AV-IS	AV-IS	<i>passer</i>
2. – <i>Ibéria</i>	GÁLIA	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i>
<i>istud</i>	-HOC	<i>-istud</i>	<i>Istud</i>
3. – <i>Ibéria</i>	<i>Gália</i>	ITÁLIA	<i>Dácia</i>
<i>flos illa</i>	<i>flos illa</i>	FLOS ILLE	<i>flos illa</i>
4. – <i>Portugal</i>	CASTELA	<i>Catalunha</i>	
<i>sirictus</i>	ANGUSTUS	<i>strictus</i>	
5. – <i>Castela</i>	PROVENÇA	<i>Ladínia</i>	
<i>istud</i>	-HOC	<i>-istud</i>	

Quadro 03 (*id*, p. 69)

A fase das áreas laterais é a da fase anterior porque a área do meio não é a mais isolada. A Sardenha central é uma área mais isolada que a Sardenha setentrional e a meridional, que é a menos exposta às comunicações com o continente e com as duas grandes outras ilhas italianas. Os portos da Sardenha e as duas capitais Cagliari e Sassari, encontram-se justamente na Sardenha setentrional e na meridional; as duas capitais são os dois centros principais lugares da ilha, onde se situam as duas universidades e o arcebispado. Por isso a Sardenha central é, na história da língua e em geral na história dos costumes, mais conservadora que a Sardenha setentrional e a meridional, áreas laterais em comparação com a Sardenha central.

A fase conservada na área maior diz respeito à área que abrange a Ibéria e a Gália transalpina e Itália, em relação à Dácia. Nos quadros seguintes, as fases anteriores se conservam na área MAIOR e a inovação encontra-se na área menor.

I. – IBÉRIA	GÁLIA	ITÁLIA	Dácia
APERIRE	APERIRE	APERIRE	<i>discludere</i>
II. – IBÉRIA	GÁLIA	<i>Itália</i>	DÁCIA (§ 4 III)
OV-IS	OV-IS	<i>pecora</i>	OVIS
III. – IBÉRIA	<i>Gália</i>	ITÁLIA	DÁCIA (§ 4 II)
CAP-UT	<i>testa</i>	CAPUT	CAPUT
IV – <i>Ibéria</i>	<i>Gália</i>	ITÁLIA	DÁCIA
<i>germanus</i>	FRATER	FRAT-ER	FRATER
V. – PORTUGAL	CASTELA	<i>Catalunha</i>	
COMEDERE	COMEDERE	<i>manducare</i>	
VI. – <i>Castela</i>	PROVENÇA	LADÍNIA	
<i>passer</i>	AV-IS	AV-IS	
VII. – PORTUGAL	<i>Castela</i>	CATALUNHA (§IV)	
AV-IS	<i>passer</i>	AV-IS	
VIII. – CASTELA	<i>Provença</i>	LADÍNIA (§4V)	
CAP-UT	<i>testa</i>	CAPUT	

Quadro 04 (*id*, p. 71)

O oposto acontece nestes outros oito quadros:

1. – <i>Ibéria</i>	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	DÁCIA
<i>cochlearium</i>	<i>cochlearium</i>	<i>cochlearium</i>	LINGULA
2. – <i>Ibéria</i>	<i>Gália</i>	ITÁLIA	<i>Dácia</i>
<i>flos illa</i>	<i>flos illa</i>	FLOS ILLE	<i>flos illa</i>
3. – <i>Ibéria</i>	GÁLIA	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i>
<i>istud</i>	-HOC	<i>-istud</i>	<i>-istud</i>
4. – IBÉRIA	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i>
COMEDERE	<i>manducare</i>	<i>manducare</i>	<i>manducare</i>
5. – <i>Portugal</i>	<i>Castela</i>	CATALUNHA	
<i>thius</i>	<i>thius</i>	AVUNCULUS	
6. – CASTELA	<i>Provença</i>	<i>Ladínia</i>	
COMEDERE	<i>manducare</i>	<i>manducare</i>	
7. – <i>Portugal</i>	CASTELA	<i>Catalunha</i>	
<i>strictus</i>	ANGUSTUS	<i>strictus</i>	
8. – <i>Castela</i>	PROVENÇA	<i>Ladínia</i>	
<i>istud</i>	-HOC	<i>-istud</i>	

Quadro 05 (*id*, p. 72)

Pode-se observar que os pares das linhas I-IV estão em maior número que os de 1-8. Portanto, a área maior conserva, em regra, a fase anterior, porque a área menor não é a mais isolada e não é constituída das áreas laterais.

Na fase conservada na área mais recente, podem ser mencionadas as províncias romanizadas, e a Itália seria uma área mais antiga em relação a elas, em que COMEDERE, AVUNCULUS, LINGULA passaram respectivamente para a Ibéria, a Gália transalpina e a Dácia. Portanto, a Itália é a área mais antiga desta fase, sendo a Ibéria, a Gália Transalpina e a Dácia, as áreas mais recentes.

Quando comparados os itens, I, II e III são da fase anterior presentes nas áreas posteriores romanizadas, e a fase mais recente na Itália que é área mais antiga, o contrário dos quadros 1-3 (*id*, p. 73):

A Itália inova	A Itália conserva
I. – IBÉRIA <i>Itália</i>	1. – <i>Ibéria</i> ITÁLIA
COMEDERE <i>manducare</i>	<i>farius</i> SATULLUS
II. – GÁLIA <i>Itália</i>	2. – <i>Gália</i> ITÁLIA
AVUNCULUS <i>thius</i>	<i>sifilare</i> SIBILARE
III. – DÁCIA <i>Itália</i>	3. – <i>Dácia</i> ITÁLIA
LINGULA <i>cochlearium</i>	<i>-istud</i> -HOC

Quadro 06

Há muito mais exemplos dos quadros I, II e III que os dos quadros 1-3. Na área mais recente, a fase mais antiga conserva-se. Essa norma é abstraída de casos similares, como o das ilhas linguísticas ou colônias linguísticas que se distanciam de uma área anterior, a exemplo das ilhas linguísticas espanholas do Levante (de Ebrei espanhóis) e as várias ramificações galo-romanas no sul da Itália, na Sicília, na Apúlia e na Calábria. Percebeu-se que muitas vezes as fases passaram da origem para as colônias, se conservadas nelas, nesta ficaram dominadas em uma outra fase. A fase em questão, normalmente, é mais recente que a dominada (que passou pela inovação de uso linguístico), com algumas exceções. (BARTOLI, BERTONI, 1925, p. 73).

Da mesma forma, as fases passadas aparecem em outras línguas, por exemplo, do latim no céltico, no germânico, no eslavo, no albanês, no grego, no berbere, no basco, difundidas nos territórios romanizados. Muitas dessas palavras foram “dominadas” por outras nessas línguas neolatinas, pela inovação. (BARTOLI, BERTONI, 1925, p. 74)

Existe a chamada fase desaparecida como no caso das fases ARDUUS *altus* e JUVENIS *adolescens*. (*id.*, p. 74)

	<i>Ibéria</i>	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i>
ARDUUS <i>altus</i>	<i>altus</i>	<i>altus</i>	<i>altus</i>	<i>altus</i>
	IBÉRIA	GÁLIA	ITÁLIA	DÁCIA
JUVENIS <i>adolescens</i>	JUVENIS	JUVENIS	JUVENIS	JUVENIS

Quadro 07

No primeiro caso prevaleceu a inovação (*altus*), no segundo caso a fase anterior (JUVENIS). A fase ARDUUS foi dominada pela fase *altus*. Na mesma linha, *adolescens* ficou inicialmente no lugar de JUVENIS, que obteve o significado de “jovem”, mas depois o prestígio desta criação diminuiu, e a fase JUVENIS tomou seu lugar. Se de duas fases linguísticas uma foi dominada, desaparecida ou prestes a desaparecer, e outra sobrevive, a fase dominada é, em regra, a fase anterior.

Depois de mostrar as normas, Bartoli tentou apontar os centros de irradiação das inovações linguísticas. Começa comparando os quadros abaixo (*id.*, p. 76):

I. – IBÉRIA	<i>Gália e</i>	<i>Itália</i>	DÁCIA
EQUA	<i>caballa</i>	<i>Cabala</i>	EQUA
II. – <i>Ibéria e</i>	<i>Gália</i>	ITALIA	DÁCIA
<i>nucarius</i>	<i>nucarius</i>	NUX	NUX
III. – IBÉRIA	GÁLIA	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i>
MOLERE	MOLERE	<i>machinare</i>	<i>machinare</i>

Quadro 08

	GÁLIA	ITÁLIA	Dácia
1. – <i>Ibéria</i>			
<i>passer</i>	AV-IS	AV-IS	<i>passer</i>
2. – <i>Ibéria</i>	GÁLIA	<i>Itália</i>	DÁCIA
<i>thius</i>	AVUNCULUS	<i>thius</i>	AVUNCULUS
3. – IBÉRIA	<i>Gália</i>	ITÁLIA	<i>Dácia</i>
RADICEM	<i>radicina</i>	RADICEM	<i>radicina</i>

Quadro 09

Nos quadros I, II e III as duas áreas inovadoras são mais próximas nos quadros 1-3. Isto é, a *Gália* é próxima da *Itália* e a *Ibéria* da *Gália* mais do que a *Ibéria* da *Dácia* etc. Os quadros I-III têm muito mais exemplos que os 1-3. Os quadros I-III são do tipo EQUA *cabala* e os 1-3 do tipo AVIS *passer*. Dessa forma, o tipo EQUA *cabala* é normal e AVIS *passer*, anormal.

Considerando-se as áreas de MAGIS e *plus* e, mais particularmente, a difusão dessa fase na Gália transalpina e na Itália, tem-se na GÁLIA: provençal MAI(S), franc. *plus*. *Itália*: ital. *più*, e da mesma forma em toda a Itália dialetal, abrangidas suas áreas marginais ladinas¹, sardas, dalmáticas: engadino² *plüs*, *friul. p(l)ui*, sardo logudurês *plus*, *prus*, velhoto³ *ple*.

A carta 1041 do Atlas linguístico da França (em “je suis malade *plus* que toi”) mostra que a fase MAGIS permaneceu, com o significado de “mais”, na França meridional inteira. Na Itália, a fase MAGIS limitou-se a cada variedade provençal ou provençalizante; não na acepção do ital. *mai* e *ma*, mas a do francês *plus*, sempre com a noção de “mais”.

Parece que, nos casos como “je suis malade *plus* que toi”, a inovação *plus* é mais difundida na Itália que na Gália transalpina (a parte da antiga Gália romana, antes dos Maciço Alpino; a Gália cisalpina encontra-se na Itália) e que, ao contrário, a fase MAGIS, é de longe, a mais frequente nesta região que naquela. Para o fenômeno, existem três hipóteses: I. – Que *plus* surgiu na Itália e na Gália transalpina independentemente; II. – Surgiu na Transalpina e de lá veio para a Itália; III. – Surgiu na Itália e dela passou à Transalpina.

Quem sustenta a primeira hipótese toma por base casos como o do latim AVIS *passer* que têm o quadro: *Ibéria* GÁLIA ITÁLIA *Dácia*. E de fato estes casos “poligenéticos” (isto é, que têm várias causas que explicam seu surgimento) são possíveis. Mas antes de tudo, como se viu, foram isolados, isto é, muito menos frequentes que os casos opostos (*id.*, p. 78). Bartoli afirma que “fundar uma hipótese sobre a analogia dos casos isolados quer dizer ou fundá-la mal ou absolutamente nada”.

Por outro lado, os quadros como *Ibéria*, GÁLIA, ITÁLIA *Dácia* não provam o ponto de que a inovação das áreas laterais (*Ibéria-Dácia*) tenha nascido

¹ Língua do norte da Itália, da região de Trentino Alto-Adige e Veneza, nas montanhas dolomitas, sendo variedades do reto-românico.

² Língua do vale da Engadina, em Inn, Suíça.

³ Língua da Véglia, denominação italiana da ilha de Krk, no mar Adriático. Foi alvo de investigação particular de Matteo Bartoli.

independentemente: no caso do italiano, é muito possível que a inovação (*passer*) tenha vindo para a Dácia e para a Ibéria de uma origem comum. Pensa-se que a mudança semântica de *passer* assemelha-se à de *unde* em lugar de UBI.

A segunda hipótese, para Bartoli, também não tem fundamento, por não apresentar prova nem indício. A terceira, de que a inovação *plus* foi documentada muito antes na Itália que na Gália transalpina e que essa inovação é muito mais difundida na Itália que na Gália transalpina, e, pelo contrário, a fase anterior MAGIS é muito mais na Gália do que na Itália, seria mais convincente.

Para Bartoli, a qualidade das normas nas fontes pesquisadas é intuitiva e a validade das áreas é demonstrada quando se vê que a concordância dos indícios, excetuando-se algumas pouquíssimas irregularidades (por ele chamadas de anomalias). Primeiro são apresentadas as inovações “lexicais”, depois as “gramaticais”. Depois do léxico, a “fonética” “morfologia” e a “sintaxe”, distintas uma da outra. Ou em ordem alfabética, em casos excepcionais.

As inovações a seguir são mais antigas no latim da Itália, ou de uma província meridional ou oriental do Império Romano, que no latim de outras regiões. Disso se deduzem dois indícios: aquelas inovações foram documentadas antes no latim da Itália ou naquele de uma província meridional ou oriental do Império do que no latim de outras regiões.

A “Itália alpina e sub-alpina” corresponde à Itália setentrional e a Ladínia e a “Itália apenínica”, são a Itália central e meridional, com as três grandes ilhas italianas. Ora, todas ou quase todas as inovações citadas foram mais difundidas na área *apenino-balcânica* que na pirineu-alpina, e mais na Itália apenínica que na Itália alpina e sub-alpina. As fases anteriores correspondentes, ao contrário, foram mais difundidas nas áreas pirineu-alpina (situada na Cordilheira dos Pirineus, entre a Espanha e a França), alpina e sub-alpina. Eles podem ser classificados nos quadros abaixo: GÁLIA *Itália*, Dácia, IBÉRIA *Dácia*.

I. – GÁLIA *Itália*

§12. – Estas inovações foram mais difundidas na Itália que na Gália transalpina, e ao contrário, as fases anteriores são mais frequentes nessa região que na nossa.

ANTE *primum* e formas similares[...]

Depois são analisados os pares seguintes e as formas que não são derivadas (REW., s. vv.): AVUNCULUS *thius*, CULEX *zinzala*, ERICIUS *echinus*,[...] Até aqui, tratou-se das inovações “lexicais”. O mesmo vale para as inovações “gramaticais”.

Em primeiro lugar, deve-se mencionar a queda das consoantes finais e das vogais iniciais (v. § 21). Por -T, -S -M vejam-se DORMIT e DORMIUNT[...] as inovações *dormi* e *-iun, es, ecc.*, foram muito mais difundidas na Itália do que na Gália transalpina e na Ladínia, e, contrariamente, as fases anteriores conservam-se mais nessas regiões do que na nossa. Cfr. p. ex., franc. DORT e DORMENT, [...] CORPS e também MON TON SON, e ao contrário ital. *dorme*, e *-ono, è e sono, fece e fecero, corpo, mio tuo suo*. – Essas inovações e outras similares foram documentadas primeiro na Itália e nas províncias meridionais e orientais do Império que nas ocidentais e setentrionais.

Para Bartoli, a transformação de *ct, cs, gn* e *nd* em *tt ss* e *nn* não apresenta, nos limites da Itália, exemplos, pois mesmo COGNOSCERE e GRUND-IRE não são exemplos típicos. Em vários dialetos da Gália transalpina e cisalpina e na Ladínia, há ocorrências como COGNOOSKER, francês GRONDER, e ao contrário, italiano *conoscere* e *grugnire*.

Houve algumas seguintes séries de inovações “morfológicas” (*id*, p.83):

ALIUS *alter*: a fase AL-IUS conserva-se no franc. AUTANT (=aliud tantum) e AUSSI (=aliud sic) e ao contrário a inovação *alter-* se tem no italiano *altrettanto* e *altresì*. Cfr. agora o franc. AILLEURS (aliorum) com o nosso *altrove* (-ubi).

[...]

Cfr. portanto ECCE- e *eccum-*: essa fase conserva-se no franc. IC-I (ecce-hic) e franc. ant. IC-EST (ecce-istu), hoje C-ET, e de outra forma a inovação encontra-se no ital. *qu-i* e *qu-esto* e similares = *eccu-hic* ecc. – O ital. *ci* não vem de ECCE HIC, mas de HIC, como o ital. ant. *lince* de ILLINC etc.: Giorn. stor. d. letter. ital. LXIX, 379.

A fase MEUM AMICUM conserva-se no francês MON AMI, e a fase *illum meum amicum* no italiano *il mio amico*. Esse fato indica que o artigo foi mais difundido na Itália do que na Gália transalpina, antes nas províncias meridionais e orientais romanas do que nas setentrionais e ocidentais.

Um outro tipo de inovação são as difundidas na Dácia que na Gália (GÁLIA *Dácia*), e as fases anteriores faltam à Dácia, segundo as informações hodiernas, ou elas foram muitos menos difundidas que na Gália. (*id*, p. 84)

II. – GÁLIA *Dácia*

Aqui poderemos considerar a Gália transalpina e cisalpina, e por vezes também a Ladínia. [...] APERIRE *discludere*, COR *anima*, CORULUS *abelaina*, ESSE *fieri*.

-HOC *-istud*. A primeira das duas fases sobrevive agora na Gália transalpina e, ao contrário, a Dácia tem somente a inovação *istud* ou *istum*: cfr. prov. AQU-O (*eccu-hoc*) e rom. *asta*. [...]

As outras inovações deste quadro podem ser ordenadas em uma série alfabética. [...]

UBI *unde*: franc. OÙ, rom, *unde*, que então obteve o significado de “ubi” como o nosso *dove = de ubi*. (p. 84)

Também neste quadro, como no anterior, a fase anterior desapareceu na Dácia de acordo como nossas informações hodiernas, ou foi muito menos difundida na Ibéria. A inovação, ao contrário, foi mais difundida naquela região do que nesta.

III. – IBÉRIA *Dácia*

CAECUS *orbus*, DEUS *Dominus*, EDERE *manducare*, EXPERGISCERE *excitare*, FERMENTUM *levamen*, LAMBERE *limgere*, MOLERE *machinare*, SOMNIUM *visum*, TAM *sic*. [...]

MINOR e *magis parvus*, MINUS e *magis paucum*, ou seja, MAJOR e *magis grandis*, e esp. MENOR, MENOS, MAYOR por um lado e rom. *mai mic*, *mai putin*, *mai mare* seuem o caminho oposto (conservação da Dácia, inovação na Ibéria)

Cfr. por outro lado DIES ILLE e *dies illa*: esp. EL DÍA e EL DOMINGO (=dominicus dies) e rom. *zioa* e *duminica* (*dominica d.*).

(*id*. p. 85)

Continua a tabela abaixo (*id*. p. 85):

<i>Ibéria</i>	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i> (§ 7)
-	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i> (§ 20 I c)
<i>Ibéria</i>	-	<i>Itália</i>	<i>Dácia</i> (§ 20 II c)
<i>Ibéria</i>	<i>Gália</i>	-	<i>Dácia</i> (§ 20 III c)

Quadro 10

Nesses quadros, a inovação também está na Dácia, mas a fase anterior não se conserva na Ibéria ou na Gália. A distribuição nas áreas atuais não é indício suficiente, segundo Bartoli, pela hipótese da origem meridional ou oriental da inovação. Mas tal hipótese foi sugerida pelos documentos ao quais ele teve acesso. Essas inovações foram documentadas muito antes no latim da Itália, ou das províncias meridionais ou orientais do Império romano, que no das províncias setentrionais ou ocidentais. A exemplo de *EXTRA foris*, *EXUERE spoliare*, *FORMUS calidus*, *MUS sorex*, *TEGERE cooperire*,

Quanto às inovações de origem setentrional ou ocidental, estas são mais antigas no latim da Gália ou da Ibéria que no de outras regiões, por terem sido documentadas antes nelas do que no latim ou no “neolatim”, nas palavras de Bartoli, de outras regiões. Muitas aparecem primeiro nos Glossários, sobretudo nos da Gália, ou da Ibéria, a exemplo do “*Corpus glossariorum latinorum*”.

“Quase todas as inovações citadas anteriormente”, segundo Bartoli, “foram mais difundidas ou na área pirineu-alpina que na apenino-balcânica ou mais na Itália alpina e sub-alpina que na Itália apenínica. As fases anteriores correspondentes, ao contrário, foram mais difundidas nas áreas apenino-balcânica e apenínica”. (*id.*, p. 87)

Todas podem ser classificadas em um dos quadros seguintes: *ITÁLIA Gália* e *ITÁLIA Ibéria* (*id.*, p. 87-88).

I. – *ITÁLIA Gália*

As inovações deste quadro foram mais difundidas na Gália transalpina que na Itália e as fases anteriores mais nesta região que naquela. [...]

HAEDUS caper e derivados [...] I e U breves em *e o* fechados. Confrontam-se estas duas séries: *CINGERE*, *TINGERE*, *LINGUA* E *PUGNUS*: ital. *CINGERE*, *TINGERE*, *LINGUA* e *PUGNO*, e, por outro lado, franc. *ceindre*, *teindre*, prov. *lengua*, franc. *poing*.

[...] Mais na Gália transalpina que na Itália, e as fases anteriores correspondentes foram, ao contrário, mais na Sardenha que no resto da Itália meridional e mais nesta que na setentrional[.] Confrontem-se, pois, as fases *FLOS ILLE* com *flos illa*; a primeira se conserva no italiano *IL FIORE*, a outra aparece no franc. *la fleur*. [...]

O par PANE *de pane*, com o significado “partitivo” (relação parte/todo, um pedaço), também aparece no italiano PANE e no francês *du pain*, assim como em ACER *acerabulus*, AGNUS *agnellus*, DIES *diurnum*, PISARE *pilare*. E, o tipo CANTO e *ego canto*, no italiano CANTO, franc. *je chante* (*id.*, p. 89).

I. – ITÁLIA Ibéria

§18 – Estas inovações foram mais frequentes na Ibéria do que na Itália, e as fases anteriores mais nesta do que naquela. A inovação *cama* não ultrapassa os confins da Ibéria, ou a duras penas. As outras foram ou tinha sido, da mesma forma, difundidas na Gália do que na Ibéria, ou também um pouco mais.

Cfr. antes de tudo as fases seguintes ou fases similares (REW., m. vv.): CLAUDERE *serrare*, LECTUS *cama*, METERE *secar*.

Por outro lado, deve ser considerada a lenização das surdas intersonânticas:

-T- em *d*: -ATUS -ATA -ITUS -ITA (CANTATUS -A etc.), POTERE, ROTA = ital. -ATO -ATA etc., POTERE, RUOTA, esp. *-ado, poder, rueda*;

-C- em *g*: CACARE, LACRIMA, e também OCLUS: ital. CACARE, LACRIMA, OCCHIO, esp. *cagar, lágrima, ojo*, de *-ogl*;

-P- em *b*: COOPERIRE, SUPRA = ital. COPRIRE, SOPRA, esp. *cobrir, sobre*.

Bartoli afirma que “A lenização das surdas intersonânticas — isto é, entre duas vogais, portanto entre vogais e R (LACRIMA) ou L (OCLUS), ou como entre U e vogal (AUCA) — foi muito mais difundida na Ibéria do que na Itália, e era mais frequente na Gália transalpina do que na Ibéria e na Itália setentrional, e mais nesta do que na Itália central e meridional”, tendo sido documentados primeiro na Gália transalpina.

Para os demais casos, Bartoli atribui o rótulo “anomalias” (semelhante ao que os neogramáticos chamariam de exceções, via analogia) em poucos casos, nos quais o indício das áreas contrasta, ou parece contrastar, com esses dois documentos. Para essas irregularidades conjuntas, exceto o par SPATULA *espátula*, há como base as ocorrências documentais e áreas atuais, como no quadro abaixo (*id.*, p. 90):

		Área ocidental ou píreo-alpina		Área oriental ou Apenino-balcânica	
		Ibéria	Gália	Itália	Dácia
SPATULA	<i>espatula:</i>	<i>espalda</i>	<i>épaule</i>	SPALLA	SPATE
EXCALDARE	<i>scaldare:</i>	ESCALDAR	ÉCHAUDER	<i>scaldare</i>	<i>scalda(re)</i>

Quadro 11

A inovação *espatula*, como *estare* e variações gráficas e fonéticas (*ispatula*, *istare* etc.), está mais difundida na área ocidental que na oriental. No entanto, *spatula* foi documentada antes nas províncias orientais do Império romano do que nas ocidentais. Na área oriental EXCALDARE tornou-se *scaldare*, por isso *espatula* e dessa forma *estare* e similares voltaram a ser *spatula*, *stare*. Ou seja, o italiano *stare* é uma conservação aparente.

Outras anomalias similares, reais ou aparentes, são notadas pelas palavras que seguem e pelas formas similares como AVIS *passer*, NURUS *brutis*, VELLE *quaerere*, SIBILARE *sifilare*, e ainda no feminino, como o caso de MELE e SALE. Na sequência, o autor fala das causas das inovações linguísticas, conforme o quadro a seguir.

	I. - Ibéria		GÁLIA	ITÁLIA	DÁCIA
a) FRATER	<i>germanus:</i>	<i>germanus</i>	FRATER	FRAT-ER	FRATER
b) ARGENTUM	- :	(<i>plata</i>)	ARGENTUM	ARGENTUM	ARGENTUM
c) SILERE	<i>TACERE:</i>	(<i>callar</i>)	<i>TACERE</i>	<i>TACERE</i>	<i>TACERE</i>
	II. - IBÉRIA		Gália	ITÁLIA	DÁCIA
a) CAPUT	<i>testa:</i>	CAP-UT	<i>testa</i>	CAPUT	CAPUT
b) AUDIRE	- :	AUDIRE	(<i>entendre</i>)	AUDIRE	AUDIRE
c) DOLIUM	<i>BUTTIS:</i>	<i>BUTTIS</i>	(<i>tonneau</i>)	<i>BUTTIS</i>	<i>BUTTIS</i>

Quadro 12 (*id.*, p. 91)

	III. - Ibéria		GÁLIA	ITÁLIA	DÁCIA
a) OVIS	<i>pecora:</i>	OV-IS	OV-IS	<i>pecora</i>	OVIS
b) -	- :	(faltam exemplos nos limites pré-estabelecidos)			
c) CAPERE	<i>PREHENDERE:</i>	<i>PREHEND-</i>	<i>PREHEND-</i>	(<i>pigliare</i>)	<i>PREHEND-</i>
	IV. - IBÉRIA		GÁLIA	ITÁLIA	Dácia
a) APERIRE	<i>discludere:</i>	APERIRE	APERIRE	APERIRE	<i>discludere</i>
b) MENSIS	- :	MENSIS	MENSIS	MENSIS	(<i>lună</i>)
c) CIERE	<i>MOVERE:</i>	<i>MOVERE</i>	<i>MOVERE</i>	<i>MOVERE</i>	(<i>miscare</i>)

Quadro 13(*id.*, p. 92)

Para Bartoli, “As inovações da série *a*, *germanus*, *testa*, *pecora*, *discludere*, foram documentadas já no latim, antes do período carolíngio. As inovações entre parênteses (*b* e *c*) foram documentadas depois daquele período” e “*plata* (port., esp., catal.) foi mais difundido que *argent* (catal.) na Ibéria, e analogamente todas as outras inovações que foram reunidas neste parágrafo para a série *b* e *c* foram mais difundidas, em cada uma das quatro regiões, que todas as outras palavras com o mesmo significado.”

Na série *c*, as fases *SILERE*, *DOLIUM*, *CAPERE* e *CIERE* são mais antigas que as fases *TACERE*, *BUTTIS*, *PREHENDERE*, *MOVERE* e de inovação a série *callar*, *tonneau*, *pigliare*, *miscare*. As inovações do tipo *b* não ocorrem na Itália e as do tipo *c* são bem menos frequentes na Itália do que na Dácia, Gália e Ibéria. A região mais latina é a Itália, entre as neolatinas, afirma Bartoli.

Ascoli, segundo Bartoli, já teria chegado a essa conclusão, ao afirmar que na Itália, ou na área itálica (osco-umbra e latina), o latim estava “em sua própria casa”, livre de mudanças, diferentemente de outros territórios do império, onde o latim teria passado por variações e mudanças de acordo com os comportamentos linguísticos dos povos originários pré-romanos da Gália, da Ibéria e da Dácia.

A essa hipótese, e à dos substratos étnicos, foram feitas várias objeções, e por fim não foi confirmada a estatística da série *a*. A estatística da série *b* e *c*, continua ele, foi confirmada por inúmeros indícios cujas inovações, entre parênteses, são pós-romanas, tendo origem nos povos germânicos, eslavos e árabes e seus contatos com os povos neolatinos (sobretudo relações de ocupação e dominação), na língua e em outras atividades, menos na Itália e mais nas outras três regiões.

Para Bartoli, “seja com a hipótese ascoliana, seja com alguma outra, deve-se pensar sempre na influência de outras línguas”. Isto é, todos ou quase todos os historiadores, incluídos os linguistas, de qualquer escola, concordam com esta opinião: “o motivo pelo qual, na língua e em outras tantas manifestações espirituais, a Itália conservou a latinidade melhor que as outras regiões, está no fato de que essa tem sofrido menos influência de povos estrangeiros”.

Desse fato e dos outros similares, para Bartoli, deduz-se que as línguas mais conservadas são aquelas que menos sofreram influxo de línguas estrangeiras. Deve-se dizer, ao contrário das línguas estrangeiras, que línguas faladas pelo povo que têm um maior prestígio exercem uma influência sobre usuários de línguas de menor prestígio,

que passam a “imitá-la”, nas palavras de Bartoli. Segundo o pensamento ascoliano, portanto, as inovações da língua têm sua origem na imitação das outras línguas, de maior prestígio.

Em suas palavras, trata-se de outras línguas, sem distinção entre “línguas” e “dialetos”, entre línguas latinas e não latinas, ou pré-romanas e pós-romanas. Bartoli, com isso, entra na discussão de que se trata de línguas de maior ou menor prestígio, sendo aquelas consideradas línguas, e estas, dialetos.

Esse é um pensamento de Ascoli, dos substratos étnicos, uma imitação do pensamento de Leonardo Bruni, segundo o qual as línguas “continuamente variam de século em século e de país em país, mediante a mistura de povos, que por guerras ou outros acidentes constantemente se misturam, e as mesmas línguas são submetidas ao esquecimento, e são mortais, como as outras coisas criadas.”

Dois indícios fundamentais para isso são a queda das consoantes finais e a queda das vogais iniciais, além do aspecto geográfico (*id.*, p. 95):

	IBÉRIA	GÁLIA	<i>Itália</i>	DÁCIA
SEX SES:	SEIS	SIX	<i>sei</i>	SASE
ERICIUS:	ERIZO	HÉRISS-ON	<i>riccio</i>	ARICIU

Quadro 14

A fase final de SEX ou de SES e a fase inicial de ERICIUS são muito mais raras na Itália que em qualquer uma das outras três regiões. As evidências quanto à queda de consoantes finais, que se percebem desde os mais antigos monumentos latinos, são muito complicadas, mas podem ser resumidas neste simples quadro (*id.*, p. 95):

Período pré-clássico:	(DORMIS)	<i>dormi</i>
Período clássico:	DORMIS	<i>dormi</i>
Período pós-clássico:	(DORMIS)	<i>dormi</i>

Quadro 15

A fase entre parênteses é a que é, em parte “dominada”, pela outra. Em tese, porque as duas fases são atestadas em um dos três períodos, coexistindo na forma de uma co-ocorrência; no latim escrito e falado, sendo o tipo DORMIS mais frequente no período clássico.

Quanto ao latim mais recente, a fase *dormi* progrediu na Ladínia e na Sardenha, e posteriormente na Gália transalpina e na Ibéria. Houve algumas causas para que as consoantes finais fossem apocopadas e depois reaparecessem, tanto as latinas como as neolatinas.

Para alguns estudiosos, segundo Bartoli, a apócope do *-d* “justifica-se pela influência dos sons vizinhos, pois o *-D* cairia depois de uma vogal longa e se conservaria depois de uma breve, como SENTENTIAD tornou-se *sententia*, e QUĪD permaneceu”. E o oposto teria acontecido com o *-S*. Mas Bartoli aponta que a tese é problemática, pois não considera o aspecto geográfico e o cronológico.

Uma outra hipótese defendia que DORMIS e AMATUS, tornaram-se *dormi* e *amatu*, e voltaram a ser DORMIS e AMATUS por influência das escolas (instituições de ensino), principalmente onde se ensinava o grego, assim como dois *-s* serão com uma influência da antiga tradição latina e do grego φίλεις φίλος etc. Essa hipótese despreza o fato geográfico, mas na verdade ressignifica, por duas razões, segundo o autor.

É possível perceber que as consoantes finais latinas se mantêm menos na Gália do que na Ibéria e na Ladínia, e menos na Ladínia do que na Sardenha; as escolas, ao contrário, eram mais frequentes na Gália do que na Ibéria e na Récia, e menos ainda na Sardenha. Por outro lado, as consoantes finais foram muito mais conservadas na parte oriental do que na ocidental da România, e mais no norte do que na parte meridional, o contrário do que acontecia, se na Grécia tivesse ocorrido o mesmo.

Uma terceira hipótese leva em conta esses aspectos neolinguísticos e considera que a queda das consoantes latinas seja uma imitação de uma queda similar no umbro pré-romano, como umbro *pus* = POST, *dede* = DEDIT;

Nota-se, além do fato geográfico já apontado, também a maior frequência dessa inovação no período pré-clássico. Desde aproximadamente o primeiro século antes de Cristo, o osco-umbro tinha prestígio sobre o latim. Por fim, onde sobreviveram o umbro pré-românico. *pus* e *dede* POST e DEDIT, essas fases latinas se tornaram *pos* e *dedi*, donde o itaiano. *poi* e *diede*.

Quanto pois à inicial de ERICIU, da qual o italiano *riccio*, Bartoli critica o fato de alguns analistas dizerem que essa queda por aférese não significa nada, sem acrescentar ao menos o motivo pelo qual essa queda é mais frequente na Itália do que nas outras três regiões, que, segundo ele seria pelo fato de que na Itália pré-existiam duas condições que faltavam naquela região.

Na Itália, as consoantes finais latinas tinham caído primeiro e de forma mais frequente que nessa área, e as vogais finais se conservaram até hoje mais tenazmente. Para que a Itália viesse a ter um tipo fonético segundo a regra *consoante + vogal + consoante + vogal*, era natural que as poucas palavras discordantes, como ILLI ERICII, se “assimilassem” segundo o conceito ascoliano, ou seja, se harmonizassem ao ritmo da língua dominante, tornando-se *li ricci*, frente ao espanhol LOS ERIZOS, originado de ILLOS ERICIOS, por exemplo.

Sobre o par DEUS *Dominus*, esta é a sua atual distribuição geográfica (*id.*, p. 99):

IBÉRIA	GÁLIA	ITÁLIA	Dácia
DIOS	DIEU	DIO	Domn

Quadro 16

Dominus foi mais difundido na Dácia do que em qualquer uma das outras três regiões, onde *Dominus* é representado hoje por *Signore, Seigneur, Señor*. Ao contrário, DIOS, DIEU, DIO foram mais difundidas em qualquer uma das três regiões que o romeno ZEU. Quanto aos documentos, é relevante que *Dominus* por DEUS aparece primeiro nas províncias greco-romanas.

É natural, portanto, que se pense imediatamente no gr. Κύριος, que tinha primeiro o significado de “amo” e depois o de “Deus”. E Κύριος “Deus” é mais antigo que *Dominus* “Deus”.

Seguindo esse padrão, tem-se Ἑσπερα, substituto de ὄψια, que significava antes “hora tardia”; VESPER, substituto de *sera*, que significava antes “hora tardia”; Μαλλον, substituto de πλέον, já em Heródoto; MAGIS substituto de *plus*, já em Ênio. (*id.*, p. 99).

Há também a semelhança fonética entre Ἑσπερα e VESPER, e entre Μαλλον e MAGIS e também entre πλέον e *plus*; e ainda a relação entre ὄψέ e ὄψια por um lado e *sero, sera* por outro. E, por fim, note-se que em Roma e nas províncias greco-romanas muitíssimos eram os bilíngues, que falavam grego e latim.

Estes, quando consideravam arcaísmos Ἑσπερα e Μαλλον, e preferiam ὄψια e πλέον, era natural que, falando latim, evitassem também os semelhantes VESPER e MAGIS, e que os substituíssem *sero -a* e *plus*, que eram só “traduções” de ὄψέ -ία πλέον.

Seria possível, nas palavras do autor, que as inovações *pos* e *dedi*, de POST e DEDIT, e assim *Dominus* por DEUS, *sero -a* por VESPER, *plus* por MAGIS por um lado e essas fases umbras e gregas por outro tenham sido originadas independentemente, ou seja, sem nenhuma ligação, nem direta nem indireta, nem de origem, nem do que por Bartoli é chamado de “imitação”, nem de outra natureza. Mas é mais provável, ao contrário, a relação que se viu de um ou outro similar, de causa e de efeito. De fato, essa independência não tem em seu favor nem prova nem indício, para ele, de ter sido constituída, e, ao contrário, essa dependência foi sugerida ao menos pelos indícios que citados, geográficos e cronológicos.

A rigor, não se pode mais afirmar a independência, a “poligênese” de duas ou mais fases linguísticas. Não se pode mais excluir “toda relação, seja direta ou indireta”, nem ao menos entre as fases que se encontram “a grande distância” uma da outra: como em *passer* e *unde*. E se pode, ao contrário, e dessa forma se deve de fato, fazer sempre a pesquisa dessas ligações, fundando-a sobre indícios geográficos e cronológicos.

A criação da língua, as imitações, podem ser mais ou menos originais, mais ou menos italianas, para Bartoli=li, que tinha como referência o italiano. A queda da inicial de ERICIUS, donde *riccio*, é mais italiana que as outras inovações mencionadas anteriormente, pois *riccio* nasceu do ritmo italiano, e, ao contrário, *diede*, *poi*, *Dominus*, *sero*, *plus* são produto das línguas estrangeiras. Da mesma forma, Κύριος era, por sua vez, um caudatário de uma inovação semelhante, ocorrida em línguas semíticas, e era, por isso, uma criação menos original do que tantas outras criações de natureza grega, para Matteo.

As inovações como *Dominus*, *sero -a*, *plus*, podem ser chamadas, nas palavras de Bartoli, criações de “espírito” (semântica) grega e de “matéria” (materialidade morfofonológica) latina, por imitar uma língua que Ascoli usou em pesquisa semelhante sobre a influência germânica no ladino dos Grisões e também são denominadas decalques. As criações como *Dominus*, *sero -a*, *plus* e também essas como *pos* e *dedi* são de origem externa, e as do tipo de *riccio*, de origem interna.

Por fim, Bartoli busca as causas de todas as inovações mencionadas anteriormente, e se percebe até agora que se encontrará só por pouquíssimas inovações e que entre esses só uma minoria é de origem interna italiana.

O que vale para *Dominus*, *sero -a*, *plus*, *pos* e *dedi* vale também para outras inovações expostas mais tarde por Bartoli. O indício cronológico, isto é, o fato que a inovação latina ou neolatina é posterior à fase semelhante que se encontrava na língua

imitada, e isso aponta para o fato de que a inovação da imitação dessa fase tenha vindo de outra língua.

Matteo começa pelas inovações de origem grega primeiramente à série do tipo *Dominus*, de semântica grega e de forma latina. *Tarde*, que significava primeiro “lentamente” e depois “tardiamente”, teve influência do grego βραδέως [bradéōs], significando “lentamente” e “tarde” e *intro*, usado com verbos de movimento e de permanência, do grego ἔνδον [endon]. Seguem a mesma tendência semântica, segundo Bartoli, *visum*, “visão, vista” e depois “sonho” do grego ὄψις [ófis], *passer* “pardal” e depois “pássaro, em geral”, de στρουθός [strouthós] “pássaro” e *ficatum* “figado engordado com figos”, de συκωτόν [sykotón] (σύκον “figo”) (*id.*, p. 102).

Nas inovações *dies illa* e *venter illa* em lugar *DIES ILLE* e *VENTER ILLE*, especialmente o indício geográfico e casos análogos de mudança de gênero destacadas por Schuchardt apontam que esses femininos são decalques de ἡ ἡμέρα e ἡ γαστήρ.

Para Bartoli, é necessário estudar a relação entre o artigo grego e o neolatino, que pode ter sido originado daquele, de acordo com os indícios geográficos e cronológicos. Depois, o autor começa a tratar das inovações de origem itálica osco-umbra.

Além da queda de consoantes finais, em *pos* de *POST* e *dedi* *DEDIT* e similares, houve a assimilação de *CT* e *CS* em *tt ss* e *GN ND* em *nn*, formando-se as chamadas consoantes geminadas. Seguiram a mesma tendência o umbro *essu* (=osco *EKSUK*) e o osco *sakrannas* -ANDAS etc. A origem osco-umbra de *f* em palavras como *siflare* seguiu o caminho oposto, o da dissimilação.

A inovação italiana *per* com significado de *PRO* liga-se ao umbro *per* de *fratrus* = lat. *PRO FRATRIBUS*. O caso de *quaerere*, com o significado de “querer” por sua vez, origina-se do umbro *heriest* “quer”, por analogia fonética, embora de étimo diferente de *quaerere*.

À influência céltica vários estudiosos atribuem a inovação de *CT* e *CS* em *ht*, *hs*, donde frac. *it is*: cfr. *OCTO TEXERE* (=TECS-), franc. *huit*, prov. *teisser*. Por outro lado, os indícios das áreas e dos documentos nos permitem separar a lenização neolatina da intersonântica das múltiplas lenizações célticas. São de origem céltica, *carruca*, *cavannus*, *cleta*, *glenare*, *sugia*, *tunna* e *verna*.

O romeno tem palavra parecida que se poderá dizer de espírito eslavo e de “matéria” latina. O búlgaro *mésec*, que significa “lua” e “mês” foi imitado no rom. *lună*, que tem por isso o significado de “lua” e “mês” (*id.*, p. 105). O búlg. *usta* significa

“gola” e “boca”, e assim também o rom. *gura* do significado de “garganta” passou ao de “boca”. – Da mesma forma nos dialetos franceses. Mais evidente é a origem eslava de *babǎ, ciocan, git, gol, ovǎs, sutǎ, trǎi(re), trup, vista*.

Também entre os elementos germânicos das neolatinas se encontram vários casos — e mais que não se imaginem — de “matéria” (morfofonologia) latina, o franc. *combien* “quanto”, que é provavelmente um decalque (um “eco”, para Bartoli) de uma forma semelhante germânica: alem. *wie viel* = “quanto”, com *wie* = “como” e *viel* = “muito”.

Por fim, note-se que em várias línguas germânicas *nehw* e formas semelhantes passaram do significado de “perto” ao de “depois”: cfr. alem. *nahe* = “perto” e *nach* “depois”. Da mesma forma o franc. *après* passou a significar “depois”.

Nas inovações espanholas, encontra-se uma palavra que provavelmente é a imitação, isto é, o “decalque” de uma palavra árabe: o árabe *eltah't* “embaixo” e *tah't* “sob”; da mesma forma o esp. *bajo* assumiu o significado de “sob”.

Quanto pois à origem que há pouco se diz interna, eis os exemplos em questão. Antes de tudo *cochlear*. O grego tinha dado ao latim *κοκλίας*, donde *cochlea*, e o latim tinha criado depois *cochlear -arium*. Por outro lado, o grego tinha dado *ἄτης*, donde *eta* e deste a Itália meridional e central criou *-et-anus*: *aln-et-anus*, como *Napol-et-ano* etc.

Quanto a uma inovação interna da Gália transalpina, *hibernum* é um eco do grego ἡ χειμερῆα = “a [estação] invernal”. Ora, quando *HIEMS* conservava-se ainda nessa área, distante da pátria de *hibernum*, e coexistiam *HIEMS* e *hibernum* e também *DIES*, era natural que surgisse igualmente *diurnum*, porque a ligação entre as formas *HIEMS* e *hibernum* é igual à entre *DIES* e *diurnum*.

Nesta seção, à parte, chamada por Bartoli de apêndice, fala-se da oposição entre neogramáticos (*Junggramatiker*), também chamados “Indogermanisten” (estudiosos da relação entre latim e germânicas) e neolinguistas.

Nesta parte, há duas seções. Na primeira, veem-se os cinco problemas e as soluções que cada abordagem oferece para resolvê-los; na segunda, estabelece-se claramente a distinção teórica entre as duas perspectivas. As línguas com palavras iniciadas por maiúsculas são chamadas δέκα ou ἑκατον (uma proposta alternativa para línguas *centum*, também chamadas *dáça* ou *çáta-m*).

Os neogramáticos sustentavam, à época, uma tese de Graziadio Ascoli de que Roma seria a região onde se encontraria o latim mais preservado, que, segundo Bartoli

seria “crível em seu tempo mas frágil hoje”. O indo-europeu tinha, inicialmente, nas expressões para “dez”, “cem” e em outras, um *k* igual ao de *Marco*.

Os neolinguistas costumam fazer a busca do período, do local de origem e da causa de uma inovação lexical, como transição da fase *machinare* para *MOLERE*, e a história de uma inovação fonética e de norma, como *dormi* para *DORMIS*, diferentemente dos neogramáticos, que não as consideram.

Quanto à questão da vogal indistinta, da qual diziam derivar o *a* do lat. *pater* e o *i* do híndi antigo *pitár*, Bartoli fez um estudo em textos bíblicos, no Evangelho de São Lucas, em palavras do quadro que designam o conceito de “pai” no início da Parábola do Filho Pródigo (Lucas XV 12): “dixit patri”, é diferente do *pater*: “pater, da mihi...” (*id.*, p.110)

irl. ATHIR
lat. PATER

got. FADAR
grego PATER

(tocár. PACAR)
Ind. *pitár-*

Quadro 17

	IBÉRIA	GÁLIA	ITÁLIA	<i>Dácia</i>
MENSIS:	MES	MOIS	MESE	lună

Quadro 18

Cristian Pedersen pensou que o sânscrito apresenta, neste caso, uma inovação frente às outras línguas indo-europeias, que fosse *PATĒR*, ou forma semelhante, e não **P_ETĒR*, como pensavam os neogramáticos.

Em favor da tese de Pedersen, estão ao menos dois indícios, e nenhum a favor da dos neogramáticos:

I. a norma da área maior (§ 5). – A área do *A* é de, de longe, muito mais vasta que a área de *i*. Ora, segundo a tese dos neogramáticos, esse *A*, ou seja uma suposta inovação, será difusa na ampla área que vai do céltico e do itálico ao tocário. Ou, pior, que o *A* terá surgido em cada um dos dialetos indo-europeus pela “poligênese”, com miraculosa concordância (v. § 21). Ou pior ainda! Palavras como *pa-*, no significado de “pai” e “papai” retornam em muitas outras línguas, também não indo-europeias; ora bem, alguns neogramáticos supunham que o indo-europeu tivesse inicialmente, ao contrário, *PATĒR*, ou outro similar, mas que depois esse *PATĒR* tenha-se tornado **P_ETĒR*, e do qual de novo *PATĒR* no grego etc. – Mas desse retorno se falará no tempo oportuno.

II. a norma da área mais isolada (§ 3) – Como foi percebido por vários estudiosos, o híndi e também outras línguas meridionais da família indo-europeia têm muitas inovações que não aparecem nas línguas indo-europeias setentrionais, e estas eram mais isoladas que aquelas.

Quanto ao tema das consoantes, Bartoli trata dos termos para “dez” e “cem” nas línguas indo-europeias modernas e antigas (*id.*, p. 111):

irl. DEICH >>CET (-K)	alem. ZEH(E)N >> HUNDERT	lit. <i>déšimt</i> >> szimtas	toc. CAK (>> KANTE)
Sardo do Nuorês	{ DEKE KENTU	alb. <i>dhjetë</i> gr. DEKA >> EKATÓN	arm. <i>tasn-</i> pers. <i>sasa</i> >> <i>satëm</i>
			bulg. <i>desetŭ sŭto</i> sânc. <i>dáça</i> >> <i>çatá-m</i>

Quadro 19

Este [k] se tornaria algo como o *chi* de *marchio* ou como o *ch* de *marchi*, *chinare*. E esse som, que seria $*k^i$, de outras maneiras se tornaria *k* no gr. δέκα, ἑκατόν, lat. *dekem*, *kentum*, e assim sucessivamente, uma vez que este *k* se tornaria $*k^i$ no “latim vulgar”. Na Sardenha, tornar-se-ia *k*.

Pensou-se entre outras razões, segundo Bartoli, que o log. *poska* “indi” viesse de um $*posk^i$ e este de POSTEA, o segundo $*k^i$, pré-palatal, se transformou em *k* no sardo *kentu*. Giovanni Campus e Wilhelm Meyer-Luebke refutaram essa hipótese. Segundo Matteo, para o primeiro dos dois $*k^i$ os “Indogermanisten” “não encontraram o menor indício”;

Também a tese contrária foi sustentada pela primeira vez na Itália, especialmente por Campus. Segundo ele, o *K* indo-europeu conserva-se no lat. KENTUM e no sardo KENTU. Esta hipótese tem em seu favor três indícios:

I. — o indício ou a norma das fases laterais (§ 4). É verdade que o tocário não existe mais, e não temos portanto, hoje, essa área lateral. Mas os tivemos certa vez e isso basta para nossa tese. De resto, podemos substituir as palavras tocárias por palavras não indo-europeias para “dieci”, qualquer que seja a relação entre essas palavras e as ário-europeias: trata-se de palavras tais como o eston. *kümm*, o banto *likumi* e *dikumi*, sempre para “dieci”.

II. — a norma da área isolada ou menos exposta às comunicações (§ 3) especialmente para o sardo, mas também para as outras línguas δέκα. muito mais presentes na parte Ocidental (céltico, itálico, germ., grego) do que na oriental: cfr. § 25.

III. — a norma da área posterior (§ 6). Também esta norma vale mais pelo *K* latino que pelo indo-europeu. Ou seja, trata-se de palavras do tipo *Kaiser*, de KAESAR-.

Toda esta argumentação, exceto as formas não indo-europeias, encontra-se já no estudo de Campus, que, segundo Bartoli, era ignorado pelos neogramáticos estrangeiros

e italianos. A história de MAGIS e *plus* e de IGNIS e *pyr*, como dos outros pares do latim clássico e das línguas neolatinas, envolve boa parte da história do latim vulgar ou falado e das línguas indo-europeias, além de demonstrar a diferença entre o método dos neogramáticos e o dos neolinguistas.

Magis e *plus* podem ser representados da seguinte forma (*id.*, p.113):

IBÉRIA	<i>Gália</i>	<i>Itália</i>	DÁCIA
MAGIS	<i>plus</i>	<i>plus</i>	MAGIS

Quadro 20

IGNIS e *pyr* são representados da seguinte forma:

irl. AN. e <i>ur</i>	alto al. ant. <i>fuir</i>	lit. UGNIS	bulg. OGNI
lat. IGNIS, umbro <i>pur-</i>	gr. <i>pyr</i>	arm. <i>hur</i>	ind. AGNI-S

Quadro 21

Segundo o critério das áreas laterais, MAGIS é mais antigo que *plus*, e o tipo IGNIS é anterior ao tipo *pyr*. Por outro lado, MAGIS VARIUS, MAGIS PROPINQUUS e afins estão documentados antes de *plus varius*, *plus propinquus*. Antoine Meillet afirmou ainda, em um estudo, que os gêneros “masculino e feminino” de IGNIS e AQUA, e de outros conceitos animados ou divinizados, representam uma fase agora mitológica, animística (como o nome do Deus védico AGNI-H), e o gênero “neutro” $\pi\upsilon\rho$ e $\acute{\upsilon}\delta\omicron\rho$ é indício de um dado (e de uma noção) mais moderno, por sua vez.

Entretanto, a inovação *plus*, originada da Itália, conquistou também grande parte da Gália transalpina, e restringe-se mais à área anterior MAGIS. Da mesma forma a inovação do tipo *pyr*, de uma área que não se pode ver hoje, foi encravada na área do tipo IGNIS.

Os neogramáticos não buscam a relação cronológica entre *magis* e *plus*, *ignis* e *pyr* etc., e assim *basílica* e *ecclesia*, e pensam que *magis* e *plus* se encontraram um dia em cada uma das quatro regiões neolatinas supracitadas, e assim os tipos *ignis* e *pyr* em cada uma das línguas indo-europeias. Depois uma região teria “escolhido” *magis* e outra, *plus*, e assim uma língua indo-europeia teria “escolhido” o tipo *ignis* e um outro tipo *pyr*. E dizem ainda que *magis* tinha desaparecido por “prevalecer” sobre *plus*, p. ex., na Dácia, e assim o tipo *ignis* tenha conseguido prevalecer sobre o tipo *pyr* p. ex. no híndi.

Mas não há indícios da competição entre *magis* e *plus* na Dácia e entre os tipos *ignis* e *pyr* no híndi. Os neogramáticos, segundo o autor, pensam de *magis* e *plus*, a partir de algum lugar no latim vulgar, que *magis* seja “implantado” em uma região e *plus* em outra. E assim o tipo *ignis* seria “implantado” na Itália e o tipo *pyr* mais além, ocasionalmente.

Mas se assim tivesse acontecido, não existiria esse quadro:

MAGIS	<i>plus</i>	<i>plus</i>	MAGIS
IGNIS	<i>pyr</i>	<i>pyr</i>	IGNIS

Quadro 22

Em seu lugar estaria este, mais confuso

MAGIS	<i>plus</i>	MAGIS	<i>plus etc.</i>
<i>pyr</i>	IGNIS	<i>pyr</i>	IGNIS etc.

Quadro 23

Sobre o par BASILICA e *ecclesia*, as duas palavras têm o significado de “templo cristão”, no romeno com BASILICA e em outras línguas românicas com *ecclesia*: rom. BISERICĂ, it. *chiesa*, fr. *église*, esp. *iglesia*.

Pode-se deduzir que BASILICA seja mais antigo que *ecclesia*, nessa acepção, por três indícios (*id.*, p. 117):

I. — dos documentos. Segundo a recente publicação de A. Longnon (Les noms de lieu de la France, Parigi 1920 § 1384 e 1400), BASILICA “est arrivée dès le V^e siècle... à designer um édifice chrétien [chegou desde o século V ... para designar um edifício cristão]” e *ecclesia* só “para o fim do século VI”. Estas datas valem para a Gália, mas a mesma ligação pode-se ver também pelas outras regiões latinas, como parece das cortesias e abundantes comunicações que me são favoritas da redação do Thesaurus e serão publicadas em outro lugar.

II. — da norma da área posterior (§ 6). Isto é BASILICA e *ecclesia* são uma das duplas que pertence à figura III do § 6: DÁCIA *Itália*. Tais são, p. ex., AGER *campus*, HAEDUS *capritus*, POST *retro*, SCIRE *sapere*. Isto é, como AGER e INTELLIGERE etc. passaram da Itália para a Dácia, assim passou o BASILICA cristão, que é abundantemente documentado em várias inscrições cristãs da Itália (v. Thesaurus II 1765 sg.) e também — note-se — na toponomástica de quase todas as regiões a Itália: da Itália alpina e também da apenínica.

III. — da norma da área mais isolada (§ 3). Isto é, a dupla BASILICA *ecclesia* pertence a dois dos quadros que se veem no parágrafo LADINIA — Toscana e VEGLIA — Fiume; cfr. engad. BASELGIA e tosc. *chiesa*, e assim veglioto BASALKA e fiumano *c'efa*.

Segundo esses indícios, BASILICA se encontrava também antes onde hoje se verifica *ecclesia*. Esta inovação, difundida em uma área mediterrânea, não se sabe exatamente onde, não chegou à Dácia (rom. BISERICĂ) mas somente à Ilíria (vegl. BASALKA, alban. BIESHKA e pure *qishë*) e à Ladínia: engad. BASELGIA e friul. *gléfië*.

Outros estudiosos chegaram a conclusões totalmente diferentes que se ocuparam da dupla *ecclesia* e *basilica* pouco antes do trabalho de Bartoli, quase nenhum deles neogramático. Na primeira investigação, seguindo o método neogramático sem fazer a devida investigação sobre a relação cronológica entre aquelas duas fases, tinham suposto que ECCLESIA no significado que afirmou ser mais antigo que *basilica*. Desse erro primário, para Bartoli, derivaram muitos outros.

A diferença entre esses dois métodos está no modo de entender as leis fonéticas, sobretudo em três consequências que os neogramáticos obtêm daquelas leis, às quais os neolinguistas não levam em consideração.

No caso do lat. *pater* e ind. *pitár-*, *magis* e *plus*, *caput* e *testa*, *dormis* e *dormi*, estes são considerados “normais” pelos neogramáticos, e os neolinguistas “não teriam nada a dizer nesse sentido”. Mas os neogramáticos agregam que essas fases são consequentemente (*id.*, p 120):

I. — *antigas*, e aqui se necessita fazer prontamente uma distinção. Alguns neogramáticos contentam-se em dizer assim, “antigas”, sem nenhum confronto, e os outros dizem, ao contrário, explicitamente ou implicitamente, que o *a* do lat. *pater* e assim de outras palavras indo-europeias e não indo-europeias seja tão antigo quanto o *i* do ind. *pitár-*. — Ora, no primeiro caso, quando se diz “antigo” ou “recente” e não se faz nenhum confronto, não se diz em verdade nenhuma que valha, e no segundo caso se enuncia uma enormidade, porque, como se viu, esse A é muito mais antigo do que esse *i*.

II. — *endógenas*; e que se deveria repetir a dupla distinção que foi feita ora pelo conceito “antigos”. E se deve observar que, como se viu no §9, a inovação *plus* foi importada sobre a área de MAGIS, e similarmente as outras inovações dos §§ 12-4, e a inovação *testa* na área da fase CAPUT, e da mesma forma as outras inovações dos §§ 17 sg., embora todas essas inovações sejam normais.

III.— *espontâneas* ou partenogenéticas; e isto é, p. ex., a inovação *dormi* de DORMIS será gerada espontaneamente, sem nenhuma ligação com uma inovação parecida com o osco-umbro (§ 21). E também esta afirmação é sem sombra de fundamento.

Quando não há aspectos normais, os neogramáticos fazem as três investigações necessárias (para os neolinguistas), procurando a relação cronológica e a procedência geográfica e a causa dessas inovações.

Os neolinguistas sempre usam esses critérios em suas investigações, quer se trate de fases normais ou anormais, lexicais ou gramaticais, populares ou literárias, ou de outras, começando com a relação cronológica e terminando na causa.

A principal diferença entre os neogramáticos e os neolinguistas pode ser vista nesses três aspectos (*ergo*, nas palavras de Bartoli). Para ele, os neogramáticos são “muito atravessados e precipitados nas conclusões, e que, nas premissas, ou melhor, nas investigações de áreas e documentos, esses foram muito mais contestáveis e menos tenazes e menos rudes trabalhadores do que os neolinguistas; os quais não se apaziguam mais, a nenhum resultado, por ‘definitivo’ que pareçam”.

Por isso, a escola dos neogramáticos e a dos neolinguistas foram diferentes não só nas concessões teóricas, mas também nos resultados práticos, e o trabalho dos neogramáticos é menos proveitoso que o dos neolinguistas porque aqueles creem poder negligenciar várias aspectos, que não o são pelos neolinguistas.

O abuso dos asteriscos, categoria para as fases intermédias hipotéticas e de sinais gráficos ou “diacríticos” e dos termos técnicos infinitos, que por exemplo o grau zero e a numerosa família dos sons “indistintos” que seriam depois mais que zero, para Bartoli, são artifícios que soam profundos, mas no fim são ineficazes e servem para criar uma ilusão de seriedade para os neogramáticos.

Meyer-Lübke disse que os “Indogermanisten” (como chamava os neogramáticos) se desvirtuam para culpar a essa desgraçada língua mãe indo-europeia precisamente os sons menos articuláveis. E os “Indogermanisten” costumam dar duas respostas. Uma delas é que um som inarticulável por alguns pode ser articulável para outros. Bartoli não discorda da afirmação, mas do fato de que os sons são supostos “de forma inútil e infundada”.

Além disso, os neogramáticos defendem que $*_E$ e $*K^i$ são notações, puros símbolos, necessários para a explicação e compreensão. Bartoli rebate, afirmando que essas notações e símbolos são prejudiciais porque desvirtuam o conhecimento e escondem lacunas do conhecimento.

A afirmação de que o *a* do lat. *pater* é contemporâneo do *i* do ind. *pitár-*, originados de um terceiro, som, e não numa relação de qual é mais antigo ou mais, é temerária. É por essa razão que Bartoli chega a afirmar que os neogramáticos pensam que o indo-europeu já é bem descrito e explicado: porque eles não levam em conta muitos aspectos necessários à análise.

O método dos neolinguistas teve como fonte de ideias e o Atlas linguístico da França, mas também a linguística ascoliana e a filosofia idealista. Ascoli, em suas Cartas Glotológicas criticou ferozmente os neogramáticos, sendo ele chamado de neogramático, mas para Bartoli, realmente suas ideias estão muito próximas do neolinguistas o que faria dessa afirmação impossível. Os dois problemas capitais daquelas cartas, para Matteo, foram o *y* (*ü*) galo-romano de *dyr* DURUS e o *éi* de *–éis* – ENSEM, fr. ant. *franceis*, piem. *piemuntéis*.

Ascoli estudou a origem dessas duas inovações com ênfase nas influências célticas em um *y* gálico e em ditongos gálicos, possíveis de reconstruir ao estudar as línguas célticas hodiernas.

Os opositores, dos neogramáticos ou não, objetavam com dois argumentos:

- I. — os diversos sons galo-romanos que vos disse, isto é, os diversos *y* e os diversos ditongos, são diversos também dos sons célticos nessa questão.
- II. — os galo-romanos *y* e *ei* são “reflexos normais” e, por consequência lógica, são partenogenéticos (§ 29).

Hoje Ascoli replicaria, basicamente, dessa forma:

- I. — Imitar não significa reproduzir de forma *idêntica*: significa, na história da linguagem, recriar os sons e as palavras e as frases de uma outra língua, de maior prestígio (§ 20), pelo modo que se ajustam aos sons e às nossas palavras e frases (p. 99)
- II. — A história da língua não se pode limitar aos confins restritos e arbitrários dos reflexos “anormais”.

E nesses dois pontos cruciais, para Matteo Bartoli, os neolinguistas são ascolianos superiores aos neogramáticos. A filosofia crociana e gentiliana adentrou na Linguística, que da época de Wilhelm Humboldt, e que, com exceção de Hugo Schuchardt, isolou-se da influência filosófica. Bartoli ainda afirma que a filosofia italiana ajudou eficazmente a combater os três *ergo* e outros erros dos neogramáticos, que são, no fundo, os materialistas da linguística.

Para Matteo, Croce ensinou aos neolinguistas que entre as várias divisões tradicionais, as quais o “léxico” e a “gramática”, e assim entre as várias de suas partes, tais como “fonética”, “morfologia” e “sintaxe”, não subsiste de outra forma a diferença acenada anteriormente, e que os reflexos fonéticos não são de fato explicados por causas fisiológicas.

Esta é a característica essencial dos neolinguistas da Itália se comparado aos de outros países: eles são estudiosos da *geografia das palavras* e das *coisas*, embora muitos tenham se limitado a uma simples lexicologia.

3. RECEPÇÃO E CRÍTICA ÀS IDEIAS DE MATTEO BARTOLI

3.1 Jörn Albrecht

Os desenvolvimentos da neolinguística ecoaram nos estudos descritivos não só da Europa, mas também dos Estados Unidos. Até hoje, são alvo de discussão no âmbito da linguística e da filologia italianas. A neolinguística reforçou o caráter antipositivista, originado em Giambattista Vico, que dominou a Itália na primeira metade dos anos XX, reforçada pelo pensamento de Benedetto Croce.

Albrecht (1995) aborda (a) aspectos externos à escola neolinguística (b) questões-chave dos neolinguistas para o pensamento da linguística teórica e da gramática comparada e (c) críticas feitas à neolinguística pelos pares. Afirma que o termo *neolinguistas* foi criado em oposição ao termo *neogramáticos*, justamente numa mudança de orientação teórica, e que, mais tarde, numa adequação de denominação em relação à sua metodologia de pesquisa, mudou o termo para linguística areal (*linguistica spaziale*).

Uma escola propriamente neolinguística nunca existiu. Ela surgiu na segunda década do século XX, na pessoa de Matteo Bartoli e Giulio Bertoni. Apenas Bartoli foi linguista de fato, sendo Bertoni mais um filósofo do que um linguista. Ambos eram estudiosos de linguística românica e aplicaram esses princípios primeiramente a essas línguas. Posteriormente, acompanhando tendência da época, passaram a aplicar suas ideias ao domínio do indo-europeu (como na distinção entre línguas *satem* e línguas *centum*).

Suas influências estão, de um lado, no filósofo Benedetto Croce, cujo pensamento é inspirado em Wilhelm Humboldt, Georg Hegel, Giambattista Vico, Leonardo da Vinci, entre outros, e de outro lado, por inúmeros geógrafos linguistas, como Graziadio Ascoli. Hugo Schuchardt e Jules Gillieron também o influenciaram, sobretudo no contraponto feito às leis fonéticas dos neogramáticos.

O foco principal da escola, como se pode ver, é na área das línguas românicas, sobretudo em partes que hoje têm despertado menos interesse na pesquisa em linguística, sobretudo para explicar as ditas normas laterais.

A neolinguística parece não ter resistido ao falecimento de seu representante maior, Matteo Bartoli. Leo Spitzer, Karl Vossler e Hugo Schuchardt, embora considerados como membros da neolinguística, seriam mais bem classificados como

simpatizantes ou antecessores do movimento. Mario Fubini, Benvenuto Terracini e Alfredo Schiaffini são autores que têm em suas reflexões elementos da neolinguística. Bruno Migliorini, Antonino Pagliaro e Giacomo Devoto compartilham o pensamento antipositivista de Bartoli. Giuliano Bonfante pode ser considerado o único seguidor de Matteo Bartoli até hoje.

Os neolinguistas tinham em comum com os idealistas o entendimento de afastar qualquer explicação de língua como organismo ou fato social, nem outra representação que a desassocie do ser humano. Como consequência, rejeitaram o uso do asterisco para atestar formas hipotéticas ou reconstruídas via análise.

Para os neolinguistas, a língua é um fenômeno inteiramente consciente. A diferença entre a fonologia e o léxico é o nível de vontade e de consciência, sendo os sons mais acessíveis aos sentidos e regidos por regras necessárias, independentes da vontade do falante, o contrário acontecendo com o léxico, são rejeitadas pela escola. A divisão clássica em níveis de análise, como fonologia, morfologia e sintaxe também é vista com equivocada, tendo em vista que os homens usam palavras e frases, e não fonemas ou morfemas, por exemplo.

No fim de sua vida, Bartoli fez diferente de Bertoni, que tratou da mudança como individual e intuitiva, com ênfase na questão do estilo e do idioleto. Bartoli passou a crer que pensamentos dessa natureza seriam mais filosóficos do que propriamente linguísticos, e que o linguista precisa de um arcabouço teórico próprio para manter-se no terreno dos estudos da linguagem.

A neolinguística, segundo Albrecht, pode ser considerada uma abordagem comparatista que leva em conta aspectos históricos e geográficos e o ambiente social. Bartoli faz, então, uma abordagem histórica, mais do que diacrônica, uma distinção entre o gramático e o linguista: o primeiro fazendo uma abordagem com base em abstrações; este último, em dados reais, partir do léxico (e em alguns casos na morfologia) das línguas românicas.

Os neolinguistas veem a língua como uma criação individual, predominantemente estética, e a mudança, portanto, é algo que não deve ser visto com espanto, mas algo esperado. Toda espécie de mudança linguística é criação de um indivíduo, imitada e recriada por outros em áreas diferentes à sua maneira em uma área mais ou menos vasta.

Desse ponto de vista, Albrecht crê que os neolinguistas sejam superiores aos neogramáticos, porque falam não somente da mudança em si, um fenômeno individual,

mas também de sua difusão na comunidade, um fenômeno coletivo. Mas crê que os neolinguistas trataram a mudança de uma forma simplista. Bartoli rejeita a ideia de uma árvore genealógica das línguas, conforme postulou Schleicher; preferiu a Teoria das Ondas, conforme Johannes Schmidt.

Para Jörn, os modelos da árvore e das ondas não são mutuamente excludentes, mas complementares. As mudanças pré-étnicas (inovações anteriores à ruptura de um grupo linguístico homogêneo) e pós-étnicas (inovações posteriores a essa ruptura, geográfica e linguística) mostram que ambos os modelos são válidos.

A afirmação de que “cada palavra tem uma história”, usada pelos geolinguistas e tomada pelos neolinguistas, é sinal, para Albrecht, de uma hipergeneralização. Um exemplo disso seria que o fato de a mudança fonética ser modificada por empréstimos lexicais não necessariamente implica que a mudança linguística aconteça em só palavras e não em fonemas.

Os escritos dos neolinguistas foram tomados com entusiasmo no início, para além dos apoiadores italianos. Mas as críticas surgiram. Giovanni Nencioni critica a falta de formação de Bertoni, que, para ele, era mais filósofo do que linguista. Para o pensamento linguístico contemporâneo de que a língua não é um sistema homogêneo, mas co-ocorrências de variedades linguísticas, os neolinguistas foram criticados porque duas formas linguísticas contemporâneas podem ser variedades estilísticas ou diastráticas.

Bartoli, com o passar do tempo, passou a ser criticado por ter-se tornado rígido e esquemático como os neogramáticos. Os neolinguistas foram considerados neogramáticos que foram além e incorporaram em sua abordagem descobertas mais recentes dos estudos da linguagem.

Para Albrecht, a maior crítica aos neogramáticos é terem confundido filosofia da linguagem com linguística. Isso porque, embora tendo uma razoável noção da essência da língua, eles deixaram de lado o caráter regular e sistemático, que são o alvo e objeto de estudo de uma ciência. Filósofos procuram saber o que as coisas são, e cientistas, como elas se comportam. Esse teria sido o sucesso dos neogramáticos em relação aos neolinguistas, uma vez que Hermann Paul entendeu esse ponto, ainda que trabalhando com dados não reais, em certos casos.

3.2 Benedék Vidos

A fase mais recente *caprittus* continua num território não isolado, de fácil acesso em termos de transporte e comunicação, a Itália (italiano *capretto*). Na comparação das fases latinas mais antigas *domus*, *magnus*, *agrestis* e *ianua* em relação às mais recentes *casa*, *grandis*, *silvaticus* e *porta*, estas estão presentes no sardo (logudorês) *domo* ‘casa’, *mannu* ‘grande’, *arèste* ‘selvagem’, *giàna* ‘porta’, e aquelas no italiano (*casa*, *grande*, *selvatico*, *porta*). Ocorre também o contrário, estando a fase mais recente aparece no sardo (logudorês) e a menos recente no italiano, que não está isolado (por exemplo, italiano *volere* < *velle*, *volere*, e sardo (logudorês) *kérrere* ‘querer’ < *quaerere*), mas menos frequentemente.

A fase mais antiga do latim *fervere* encontra-se nas áreas laterais (Península Ibérica, Dácia) (>português *ferver*, espanhol *hervir*, romeno *a fierbe*); a mais recente *bullire*, em territórios que são relativamente mais centrais, como na Catalunha, na Gália, nos Alpes reto-românicos e na Itália (>catalão *bullir*, provençal *boulhir*, francês *bouillir*, rético (friulês) *bòli*, italiano *bollire*).

O latim *arena* ‘areia’ manteve-se, nas áreas laterais (romeno *arină*, espanhol *arena*, português *areia*), enquanto na área central é atestada a forma mais recente *sabulum* (> francês *sable*, italiano *sabbia*). Num limitado território românico podemos constatar a mesma situação: na Romênia se encontra *arină* (ou *anină*) ‘areia’ no norte e no sul, isto é, nas áreas laterais, enquanto no centro se usa para areia o romeno *nisip* (de origem eslava) ou romeno *homoc* (que vem do húngaro).

O contrário, a fase mais recente como ocorrência em território mais extenso, também se verifica, conquanto mais raramente (como a fase mais clássica do latim *li(n)gula*, *densus*, no romeno *lingură* ‘colher’, *des* ‘denso’, enquanto a mais recente, *cochlearium* e *spissus*, é vista no português *colher*, espanhol *cuchara*, francês *cuiller*, italiano *cucchiaio*; português *espesso*, espanhol *espeso*, francês *épais* e italiano *spesso*). Na direção oposta, a fase mais antiga está presente na Itália e a mais recente nas colônias, também ocorre (como a fase mais antiga *volere* no italiano *volere* e a mais recente *quaerere* no espanhol e no português *querer*).

Para Vidos, “Destas cinco normas chamadas *normas areais*, as três primeiras são evidentes por si mesmas depois da Geografia Linguística e dos estudos de Gilliéron (cf., por exemplo, a presença da fase mais antiga *apis* nas áreas laterais da França)” (VIDOS,

1996). Todas estão cheias de exceções e de contradições, inclusive as duas primeiras, que são, contudo, as mais utilizáveis. Enquanto no geral (por exemplo, na França e na Romênia) as áreas laterais conservaram a fase arcaizante e o centro a mais recente (cf. *apis* e *arena*); na Sardenha, pelo contrário, o centro é mais arcaizante do que as áreas laterais. Assim vemos que a segunda norma deve combinar-se com a primeira.

O maior problema de natureza da Linguística Espacial, para ele, seria o excesso de esquematização demonstração de resultados por meio de fórmulas, desprezando-se a variação linguística. As normas formuladas por Bartoli são muito rígidas, sem espaço para irregularidades e traços mais graduais, sendo incapazes de abarcar aspectos sociais e estilísticos, por exemplo, no uso da língua. As normas espaciais, combinadas entre si e com outros métodos, podem prestar bons serviços como critérios de orientação geral, quando se trata de estabelecer correspondências muito gerais entre as línguas neolatinas (observe-se, por exemplo, a norma terceira, que só pode ser aplicada ao conjunto das línguas românicas).

Vidos afirma, por fim, que “Em vez de descobrir a vida da linguagem, a Linguística Espacial, na realidade, apenas sistematizou o aspecto exterior, o puramente geográfico, da Geografia Linguística”. Em outras palavras, a linguística espacial seria um desenvolvimento da geografia linguística, com a aplicação de certas normas que explicariam a ocorrência de dados em tal ou qual lugar de acordo com a data da conquista por Roma.

3.3 Bassetto

Para Bassetto (2001), Bartoli também é caudatário das ideias dos neogramáticos, por ter sido discípulo de Wilhelm Meyer-Lübke, ainda que se oponham as leis dos neogramáticos, pois criaram as suas próprias “leis”, no caso as *norme areali*, que são regras aplicadas conforme o espaço geográfico.

Os neolinguistas têm, na opinião do autor, o trunfo de terem tentado estabelecer uma ordem cronológica para os usos, ainda que de forma intuitiva, sem usar dados reais, que muitas vezes eram indisponíveis ou até mesmo inexistentes.

Quanto à primeira norma, a da fase anterior na área isolada, Bassetto aponta as seguintes exceções, do logudurês em relação ao italiano: it. *volere*, do lat. vulg. *volere* (em lugar de *velle*), mas log. *kerrere*, de *quarere*, na acepção de “querer”, com mudança do significado de “procurar” para “almejar”.

A segunda norma diz respeito, as formas mais antigas nas regiões periféricas (e das inovadoras nas centrais), Cita o lat. *arena* conservou-se no port. *areia*, cast. *arena*, cat. e prov. *arena* e no rom. *arină* e *anina* no sul e no norte do país, enquanto na parte central usa-se *nisip* (eslavo) e *homoc* (do húngaro). A palavra mais recente é *sabulum*, que permanece no it. *sabbia.*, fr. *sable*, donde veio a forma do provençal. O port. *saibro* e o gal. *jebra* significam “areia grossa”.

A terceira norma afirma que as formas mais antigas ocorrem com mais frequência na área maior do que na área menor, que tendem a ser inovadoras. Quanto às exceções, vejam-se os casos de *li(n)gulă* e *cochlearium*, *densus* e *spissus*

lat. *li(n)gulă* > rom. *lingură*;

densus > rom. *des*

(BASSETTO, 2001)

Essas duas palavras ferem a primeira regra, por se tratar de inovação em área periférica, mas então em conformidade com a segunda. Em todo o restante da românia persistiram as formas mais recentes:

lat. *cochleariu* (gr. κοχλιάριον) > port. *colher*, cast. *cuchara*, fr. *cuiller*, it. *cucchiaio*.

spissus > port. *espesso*, cast. *espeso*, fr. *épais*, it. *spesso*.

(BASSETTO, 2001)

Para a quarta norma, a de que usos mais antigos permanecem nas áreas mais recentes, Bassetto cita novamente o par it. *volere* e log. *kerrere*, uma vez que o esperado seria que na Sardenha, uma área colonizada posteriormente, houvesse uma forma do latim clássico e não do vulgar. Quanto ao quinto critério, o da norma da fase desaparecida, em que usos antigos costumam desaparecer ou arcaizar-se, não há objeção.

Bassetto afirma que todas essas normas podem ser reduzidas a duas ou três, por decorrência lógica, o que significa que alguns deles são, por si sós, repetitivos e desnecessários. A maior contribuição que poderia ser dada pela linguística espacial seria a combinação das normas entre si ou das normas com outros métodos de investigação.

A metodologia neolinguística é excessivamente esquemática e rígida, sem levar em conta aspectos estilísticos, a extração social, entre outros aspectos. Isso sem contar

com as várias exceções encontradas, que parecem não ser desprezíveis quanto ao número de ocorrências, mas pecam em “precisão e abrangência”, nas palavras de Bruno.

3.4 Robert Hall Jr.

Para Hall Jr. (1946), a neolinguística tem um lado positivo e um lado negativo. No lado negativo, a crítica de Bartoli aos neogramáticos, principalmente à sua teoria da mudança fonológica. Do lado positivo, que ele substitui os princípios neogramáticos.

São cinco critérios: a da área documentada mais antiga, a da área isolada, a da área lateral, a da área mais recente e a da área desaparecida. Geralmente, é acompanhada pela afirmação de Bartoli de que “frequentemente, mas não sempre”, com conjuntos de exemplos organizados em quadros comparativos, que exibem a sua relação geográfica, o estágio anterior em maiúsculas e o mais recente em itálico.

Quatro princípios de Bartoli são aceitos até hoje pela ciência linguística (1,2,3,6), utilizados por Bloomfield, em seu capítulo sobre Geografia Dialetal, por exemplo. Os critérios da área lateral e da área maior são menos aceitos. Isso porque uma mudança pode ser levada por colonizadores para uma área maior para uma área colonizada, e se esta for maior, a área maior e a mais recente vão exibir não o uso mais antigo, mas o mais recente.

Mas o que Bartoli afirma, no fundo, por meio de seus critérios, é que duas variantes existentes no mesmo território não podem ser coevas, sendo uma mais recente e uma mais antiga. Em qualquer área, duas formas podem coexistir, desde o início e continuar no passar do tempo. É difícil, por isso, determinar qual é a área central e quais são as áreas laterais, isoladas ou mais recentes.

Essa discussão traz consigo uma outra, a respeito da isolada, lateral ou posterior. A Itália, por exemplo pode ser considerada central (como em EQUA *cabala* ou OVIS *pecora*) mas como lateral (como em CAPUT *testa*). Isso depende do número de ocorrências levantadas de uma parte a outra. Para Hall Jr, o problema seria justamente que a argumentação de Matteo é baseada apenas nos seus exemplos, e não num levantamento de base quantitativa e interpretação qualitativa. Esse seria altamente desejável e daria um estofamento maior para conclusões mais consistentes, pois um conjunto de dados aponta numa direção, e outro na direção oposta, o que o obrigaria, em tese, a

abandonar ou a reformular seus construtos teóricos. Mas princípios científicos não dependem apenas de atestações, podendo ser deduzidos de outros aspectos.

O método de Bartoli seria quantitativo e literal ao lidar com relações espaciais. É complicado afirmar que áreas mais marginais ou periféricas são mais (conservadoras) marginais ou periféricas no sentido cultural e linguístico. Esse seria apenas um caso especial da norma da área isolada, sendo dispensável a existência das duas normas, em vez de uma só.

Bartoli, para Hall, não leva em consideração mais de um desenvolvimento ao mesmo tempo. Isso porque há um desprezo das chamadas áreas de transição, em que há estágios que não se enquadram nem como conservadores nem como inovadores. A análise de feixes de isoglossas aponta para empréstimos que aconteceram ou ainda estão acontecendo, embora não se saiba em qual direção, a não ser que tenham atestações ou dados históricos (como **ə* e **ĕ*).

Para Hall, Jr., no que diz respeito à reconstrução, os princípios de Bartoli falham completamente. Eles servem para explicar fenômenos, depois e ocorridos, sem recorrer a dados históricos, por reconstituição e classificação. Mas, segundo Hall, não se pode fazer nada quando confrontado com uma reconstrução válida como a do método histórico-comparativo.

É impossível afirmar qual é a área conservadora ou inovadora, ou central e lateral sem identificar e descrever as áreas envolvidas, nem dispor de dados históricos. Dessa forma, por exemplo, é impossível classificar o latim, o céltico, o germânico e o grego como áreas marginais em relação ao balto-eslavo, armênio, hitita e indo-irânico. Seria impossível estabelecer correspondência entre línguas indo-europeias primitivas como é feito hodiernamente com as línguas históricas.

O que o método comparativo faz é prover meios de reconstrução de estágio passado de uma língua, por meio de comparação de sistemas relacionados entre si, além de permitir fazer afirmações sobre o passado, sem atestação direta.

Quando Matteo critica o asterisco, não fala das discrepâncias nos conjuntos de correspondências fonéticas que elaborou. No método histórico-comparativo, o uso do asterisco oferece um elemento científico importante, a predição, ao ajudar a reconstruir estágios linguísticos perdidos, confirmado por descobertas científicas posteriores.

Para Hall, Jr., a neolinguística pode contribuir com descobertas, mas não chega a ser apta para substituí-la, fornecendo evidências das correlações entre desenvolvimento

linguístico e não linguístico e pistas de interpretação provável de formas em áreas isoladas, graduais e focalizadas .

3.5 Iorgu Iordan

Humboldt, Croce e Vossler, Schuchardt e Gilliéron predominam no pensamento de Giulio Bertoni, aprendiz e auxiliar de Matteo Bartoli. Bartoli é o verdadeiro e único neolinguista. Bertoni teve que abrir mão de alguns pontos de vista para estabelecer convergência com Bartoli para que o *Breviario*, que tinha como objetivo atingir estudantes, viesse a lume.

Os fundamentos da neolinguística já estavam postos cinquenta anos antes, em 1910, no artigo *Alle fonti dello neolatino. A Introduzione*, segundo Iordan, citando trecho da publicação, seria publicada originalmente como um fascículo suplementar, mas acabou tornando-se um livro autônomo.

Bartoli chega a zombar dos neogramáticos, por considerá-los como criadores excessivos de regras. Nesse ponto, eles chegam a ser comparados, em termos de normatividade, aos gramáticos normativos e tradicionalistas que existiam na antiguidade. Na opinião de Matteo, os estudos linguísticos passaram por quatro fases, quais sejam: a dos gramáticos, a dos linguistas, a dos neogramáticos e a dos neolinguistas.

Na *Introduzione*, ele afirma que suas ideias vieram de Gillierón e nas ideias de linguistas da Itália e de fora dela. Iordan (1996) afirma que esses autores são Wilhelm Meyer-Lübke, Schuchardt, Graziadio Ascoli, Giovanni Gentile, Wilhelm von Humboldt e Benedetto Croce. De Vossler, herdou a noção de que não há diferença entre gramática e léxico, e entre complexidade formal como sons, palavras ou estruturas formais mais complexas, que todas são estruturas da língua e que em essência devem ser tratadas de forma igual.

De Croce, a noção de recriação, segundo a qual imitar um som desconhecido não é reproduzi-lo fielmente, é recriá-lo, articulando-o de uma forma própria, da mesma forma as palavras e estruturas estranhas. De Antoine Meillet, que as formas linguísticas passam a ser replicadas e tornam-se dominantes quando provêm de um povo ou grupo visto pelos imitadores como prestigiado socialmente.

Ele não busca noções originais em Gillierón, como o princípio de a palavra deve ser investigada em sua profundidade (estratigrafia ou geologia linguística), nem outras

explicações dadas pelo francês ao desaparecimento de certas palavras (homonímia, contaminação, etimologia popular etc.), mas apenas aspectos mais genéricos, da geografia linguística exterior, como a difusão de usos linguísticos em áreas maiores e menores e a atribuição de centros de irradiação das mudanças ocorridas.

De Graziadio Ascoli, ele herdou as ideias sobre os contatos linguísticos, mais especificamente a teoria do substrato. Ele dá ênfase à migração dos povos, quanto às invasões bárbaras, e as influências de germânicos e osco-umbros na Itália. Schuchardt o teria influenciado pela ideia da miscigenação dos povos.

Depois disso, ele passou a contrapor os pressupostos dos neogramáticos com os dos neolinguistas. O principal ponto de divergência seriam as leis fonéticas. Mas, para Iordan, se retirado esse ponto de divergência, Bartoli assemelha-se, e muito, aos neogramáticos, revelando-se como um comparatista, chegando o italiano até mesmo a afirmar que a pesquisa linguística só se pode fazer pelo método histórico-comparativo. Por essa razão, ele ocupa-se de línguas, e não de dialetos (variedades) da românia, objeto de estudo caro à geografia linguística.

Bartoli considera Meyer-Lübke e Ascoli como neolinguistas, enquanto outros críticos e opositores os consideram neogramáticos, ainda que com posições moderadas. Para Iordan, os neolinguistas são neogramáticos. A semelhança de Bartoli com os neogramáticos seria sua tendência de fixar e organizar, como os neogramáticos, as descobertas propostas pela geografia linguística. Para outros, a neolinguística seria uma espécie de explicação de relações entre duas fases linguísticas por meio de relações cronológicas e de onde teriam partido essas mudanças, no espaço.

Bartoli também investigou as antigas línguas indo-europeias e acreditava que seu método fosse capaz de explicar também a causa da mudança nessas línguas. Meillet usou, em sua obra, a teoria de Bartoli para investigar línguas indo-europeias, e em outros artigos, para investigar relações do latim com as línguas celtas.

As hipóteses de Bartoli foram discutidas por numerosos autores, alguns elogiando, outros tecendo críticas. Quanto aos críticos, acusaram-no de ter apenas aplicado a geografia linguística ao domínio das línguas românicas, fato este admitido pelo próprio Bartoli (IORDAN, p. 367). Alguns críticos, citando o caso das variedades do romeno, explicam as mudanças nas áreas laterais, mais do que nas centrais, por uma maior exposição de influências aloglóticas, isto é, contatos linguísticos mais intensos.

Bonfante admite que a língua, para os neolinguistas, não é propriamente um fato social ou algo que nela tenha fulcro: é uma criação estilística, baseada no gosto de usuários de prestígio.

3.6 Wiltold Manczák

Manczak (1994) começa analisando o método dos quadros de Bartoli, que fazia comparação de palavras nas línguas neolatinas.

Espanha	Gália	Itália	Dácia
esp.	fr. <i>table</i>	it. <i>tavola</i>	rom.
<i>mesa</i>			<i>masă</i>

Manczak fez um estudo na obra de Carl Darling Buck, *A Dictionary of Selected Synonyms in the Principal Indo-European Languages*, que analisa sinônimos cognatos no latim, espanhol, francês, italiano e romeno, com o seguinte resultado de palavras que se mantinham:

Espanhol 324 Francês 260 Italiano 380 Romeno 182

Dessa forma, a argumentação de Bartoli parece errônea. É certo que o espanhol (área lateral) apresenta mais arcaísmos do que o francês (zona central), mas o francês é mais conservador que o romeno (zona lateral). A afirmação de Bartoli, baseada apenas em poucos exemplos, é falsa.

Como contar palavras no dicionário é diferente de contá-las num texto, Manczak (1994, p. 2,3,4) comparou trechos da Vulgata (Mateus, capítulo 13 e Lucas, capítulo 15) com as traduções italiana, espanhola e romena. No grupo de palavras abaixo, as palavras latinas apresentam a mesma estrutura consonantal do radical que as palavras latinas grafadas em itálico (os números indicam que a palavra é atestada mais de uma vez):

ab, da, desde, de la; *abscondere, nascondere*, ocultar, *ascunde\ abscondere, nascondere*, poner, pune; *absconditus*, occulto, ociúto, *ascuns; abundare, abbondanza, abundar*, prisos; *accendere, accendere, encender*, aprinde; *accipere, ricevere, recibir*, primi; *accurrere, conere*, alerga; *ad, a, a, la 2; ad, a*, hasta, pinã; *adducere*, menare, traer, *aduce*; *alligare, legare*, atar, *lega; amica, amica, amiga*, prietena; *amicus, amico, amigo*, prieten 2; *apparere, apparire, aparecer*, ivealã; *appropinquare, accostarsi*, acercarse, *se apropia; appropinquare*, vicino, acercarse, *se apropia arbor, albero, rbol*, copac; *audire, ascoltare, oír, auzi; audire, udire, oír*, ascolta; *auris, orecchio*, oído,

ureche 5; *beatus, beato*, dichoso, ferice; *cadere*, gettarsi, arrojarse, *cădea* 3; *calceamenta, calzari*, sandalias, *încălțăminte*; *centesimus, cento, ciento*, sută 2; *centum, cento, ciento*, sută; *chorus*, danza, coro, joc; *civis*,
p.3

abitante, *ciudadano*, locuitor; *claudere, chiudere*, cerrar, *mchide*; *coligere, cogliere*, arrancar, smulge 2; *colligere, cogliere*, tomar, smulge; *colligere, raccogliere, recoger*, smulge 2; *collum, collo, cuello*, grumaz; *comedere, mangiare, comer*, minca; *consummatio, fine, consumacion, sfirșit* 3; *convertere, convertere, convertir*, intoarce; *convocare, chiamare, convocar*, chema 2; *cor, cuore, corazon, inima* 3; *crescere, nascere, crecer, răsari*; *dare, portare, dar, da; de, di, de, cu*; *desertum, deserto, desierto, islaz*; *devorare, divorare*, consumir, minca; *dicere, dire, decir*, răspunde; *dicere, dire, decir*, spune 4; *dicere, dire, decir*, vesti; *dignus, degno, digno, vrednic* 2; *discipulus, discepolo, disdpulo, ucenic* 2; *dissipare, dissipare, disipar, risipi; dividere, spartire, dividir, împărți*; *dominus, signore, sefiior, donn; donec, fnchi*, hasta, *cmd* 2; *donec, fnche*, hasta, pina; *drachma, dramma, dracma*, leu 2; *eradicare, sradicare*, arrancar, smulge; *esse, essere, es, tine*; *esse, essere, estar, era* 3; *esse, essere, haber, avea*; *esse, essere, haber, era*; *esse, essere, haber, fi* 2; *esse, essere, hallarse, era*; *esse, essere, ser, este* 2; *esse, essere, ser, fi* 4; *et, e, y, și* 69; *exire, uscire, salir, ieși* 2; *exire, venire, salir, ieși*; *facere, far, dar, face*; *facere, fare, obra, face*; *facere, trattare, tratar, face*; *fames, carestia, hambre, foameta*; *fasciculus, fascio, haz, snop*; *fermentare, lievitare, fermentar, plamadeală*; *fermentum, lievito, fermento, aluat*; *frater, fratello, hermano, frate* 3; *fructus, frutto, fruto, rod*; *fructus, frutto, fruto, roadă* 2; *fructus, infruttuoso, fruto, neroditor*; *höhere, avere, tener, ave* 11; *höhere, essere, haber, ave*; *haedus, capretto, cabrito, ied; hefba, erba, hierba, griu*; *homo, uomo, gente, om*; *homo, uomo, uno, om* 2; *humerus, spalla, hombro, umer; ibi, M, alli, acolo*; *ibi, quivi, alli, acela*; *ibi, quivi, alli, unde; ibi, quivi, donde, acolo; ille, egli, oste, el*; *itnponere, mettere, poner, pune*; *in, a, a, in; in, a, en, in* 2; *in, a, en, la; in, di, en, in; in, in, a, in(tre)* 3; 1/1, IAI, a, pe; *in, in, con, la; in, in, en, despre; in, in, en, pe* 2; *in, in, sobre, in; / , per, a mtre; in, su, entre, intre*; *inimicus, nemico, enemigo, vräjmaș* 3; *iniquitas, iniquita, iniquidad, fărădelege*; *intelligere, intendere, entender, m Belege* 6; *interrogare, domandare, preguntar, intreba*; *ire, andar, ir, se duce; jam, piü, ya, mai* 2; *justus, giusto, justo, bun*; 7115(115, *giusto, justo, neprihănit* 3; *longe, lontano, lejos, departe; longinquus, lontano, lejano, depărtat*; *major, maggiore, grande, măre; malus, maligno, maligno, rău; malus, malvaggio, malo, rău; mandatum, comando, mandato, porunca; manducare, mangiare, comer, minca* 3; *manus, dito, mano, deget; margarita, perla, perla, mărăgăritar; messis, mietitura, siega, seceriș* 3; *messor, mietitore, segador, secerător; mirari, stupire, atonito, se mira; mittere, mandare, enviar, trimite; mittere, mandare, mandar, trimite; mulier, donna, mujer, femeie* 2; *multus, molto, numeroso, mulfime; mundus, mondo, mundo, lume; murmurare, mormorare, murmurar, cirti; mysterium, mistero, misterio, taina; nolle, non volere, no querer, nu voi; nos, ci, nos, noi; nunquam, mai, jamăs, niciodată; nunquam, mai, nunca, niciodată; omnis, offii, todo, orice; omnis, offii, todo, tot; ovis, pecora, oveja, oaie*

p.4

2; *parabola, parabola, parabola, pilda* 12; *pascere, pasturare, apacenter, p&zr, pater, padre, padre, tată; pater familias, padrone, amo, gospodar; /?öter familias, padrone, amo, stăpin; persecutio, persecuzione, persecucion, prigonire; /?ey, p/ede, /w, picior; petrosus, roccioso, pedregal, stincos; petrosus, roccioso, pedregoso, stincos; prae, per, de, de; primus, prima, primero, tntti; propheta, profeta, profeta, prooroc* 3; *prophetia, profezia, profecia, proorocie; publicanus, publicano, publicano, vameș; rapere, portare, arrebatat, răpi; regtium, regno, reino, împărătie* 11; *rogare, pregare, llamar, niga; saeculum, mondano, siglo, veac; salvus, salvo, sano, sanătos; sapientia, sapienza, sabiduria, in^elepciune; scandalizare, scandalizzare,*

escandalizar, lepăda; *scandalizare*, *scandalizzarsi*, *escandalizarse*, poticnire; *scandalum*, *scandalo*, *escătidalò*, păcatuire; *scriba*, *scriba*, *escriba*, cărturar 2; *se*, *si*, *si*, el; *semper*, *sempre*, *siempre*, întotdeauna; *separare*, togliere, *separar*, despărăi; *servire*, *servire*, *servir*, sluji; *servus*, *servitore*, criado, rob 3; *si*, *se*, *si*, daca; *sinapis*, *senapa*, mosteza, muștar; *sine*, *senza*, *sin*, fara; *soror*, *sorella*, hermana, *suroră*; *stare*, *stare*, quedar, *sta*; *stridor*, *stridore*, cruji, scrișnire 2; *substantia*, *sostanza*, hacienda, avere; *suffocare*, *affogare*, *ahogar*, ineca 2; *suus*, *suo*, *su*, lui 4; *tempus*, *tempo*, *tiempo*, vreme; *terra*, *terra*, *tierra*, pămint 3; *terra*, *terreno*, *tierra*, pămint; *thesaurus*, *tesoro*, *tesoro*, comoară; *thesaurus*, *tesoro*, *tesoro*, vistierie; *tribulatio*, *tribulazione*, tormenta, necaz; *triticum*, grano, *trigo*, griu 3; *tunc*, allora, *entonces*, *atunci* 2; *turba*, *turba*, muchedumbre, norod 3; *ubi*, *ove*, donde, unde; *vadere*, *va*, *va*, se duce; *vasum*, *vaso*, canasto, *vas*; *velle*, *volere*, querer, *vrea*; *venire*, giungere, volver, *veni*; *venire*, recarsi, *venir*, *veni*; *venire*, tornare, *venir*, intra; *venire*, tornare, vuelta, *veni*; *venire*, *venir*, *pleca*, *vetus*, *vecchio*, anejo, *veche*; *videre*, guardare, *ver*, privi; *videre*, *vedere*, conocer, *vedea*; *vitulus*, *vitello*, becerro, *vifel* 3; *zizania*, *zizzania*, *cizana*, neghina 8.

Não são, de forma alguma mais arcaicos que as áreas centrais. Pelo que se pode ver, a Itália é o lugar onde há mais arcaísmos, 320, o espanhol 256 e o que tem menos entre todos é o romeno, 98.

No seu livro publicado em 1991, apresenta uma nova maneira de classificar as línguas românicas, com base nas semelhanças lexicais vistas nos textos escritos nessas línguas. Quanto a palavras que têm origens comuns com as de outras línguas, foram encontradas 7498 em italiano, 7114 em espanhol e 3564 em romeno. O italiano é de uma área central e apresenta mais arcaísmos que o espanhol e o romeno, ambos de áreas laterais, contrariando uma das normas areais de Bartoli.

Os problemas dessa análise são que (a) Bartoli determinou, ele mesmo, os próprios critérios para sua análise e (b) se o latim é um “protorromano”, então obviamente as formas derivadas diretamente do latim clássico serão as arcaicas (num quadro como *mensa*, o esp. *mesa* será arcaico e o it. *tavola*, o mais recente).

Manczak pontua que seria difícil aplicar os critérios na área germânica, pois Bartoli jamais dividiu as áreas germânicas em centrais e laterais, além do fato de o protogermânico não ser atestado. Ele fez o teste com a Vulgata em gótico (Mateus, capítulo 7, versículos 13-19 e capítulo 8). Parece razoável que o baixo-alemão seja a área central, pois as línguas escandinavas são faladas ao norte, o holandês o frisão e o inglês a oeste e os dialetos alemães (Alemanha, Áustria e Suíça) ao sul. Essas são as semelhanças entre o gótico e o baixo-alemão:

af, *von*, *frän* 2; *af*, *von*, *ifrän*; *aggwus*, *eng*, *träng*; *bagrns*, *Born*, *trääd* 5; *dalap*, *dal-*, *ned*; *du*, *tau*, *till* 7; *fauho*, *Vöss*, *räv*; *fön*, *Füer*, *eld*; *gaggan*, *gaht*, *fara*; *gaggan*, *gütig*, *stiga*; *galaubeins*, *Glöwen*, *tro*; *galaubjan*, *Glow*, *kientrogen*; *galaubjan*, *glöwt*, *tro*; *gataujan*, *dan*, *göra*; *hvar*, *wo*, *dar*; *in*, *in*,

till; is, ehr, dem 7, is, em, han 20; izos, ehr, hennes; jains, jennen, den; laiseins, Uhren, förkunnelse; leitils, lütt, kientrogen; liugna-, Loegen-, falsk; ni, kein, ické; ni, kein, Ingen; ni, nich, ické 9; ni, nicks, aldrig; ni, nümms, Ingen; nih, nich, ej; nu, nu, därför; rums, ruum, bred; skip, Schipp, bat; slepan, slep, sova; taujan, daun, göra 4; pai, dei, -na 4; pairh, dörch, genom 2; pairh, dörch, pä; poei, dei, som; ufhausjan, huren, lydig; unmahts, Ahnmachten, krankhet; uslaubjan, verlöw, tillstäda; usniman, wegnahmen, taga; wairpan, warden, bliva 3; wairpan, wurden, ske; was, wir, gö; wilwan, wille, glupande.

Essas são as semelhanças entre o gótico e o sueco:

ana, pä, up 3; anabiudan, päbjuda, vörschrewen; atbairan, frambära, bring; fairra, ifrän, weg; fawai, fä, wenig; fram, frän, von; frumists, först, tauirst; gahrainjan, ren, gesund; galeikon, likna, is so äs; galeikon, likna, tau stahn kamen; greis, grät, hulen; hairda, hjord, Haud 3; haubip, huvud, Knopp; hrains, ren, fri; hrains, ren, gesund; hropjan, ropa, schrigen; hvazuh, var, jederein 2; hvazuh, vor, weckerein; in, i, an; in, /, bi; in, i, nah 2; in, i, tau 2; inngaggan, gö, kamen; manags, mänga, veel 4; manna, människa, Lud; qiman, komma, drew; rign, slagregn, Unweder; sai, se, dor; saihvan, se, wohr; seins, sin, ehr; swaswe, sä, un; pan, da, äs; pana, den, em; panuh, därefter, un; uns, oss, wi; usbairan, bära, dragen; usfullnan, füllborda, (recht kamen; wegs, vag, See; weitwodipa, vittnesböärd, Bescheid.

Veem-se 99 semelhanças lexicais entre o gótico e o baixo alemão, e 49 entre o gótico e o sueco, mais uma evidência contra a construção teórica de Bartoli das áreas centrais e laterais. A cronologia, e não o espaço, é, de fato, o fator determinante para definir se um uso é arcaico, pois as regiões colonizadas ou assimiladas linguisticamente mais cedo são mais conservadoras do que as regiões colonizadas ou assimiladas linguisticamente mais tarde.

O espanhol, o francês e o romeno apresentam mais inovações que o italiano porque a Espanha, a Gália e a Itália foram colonizadas depois da Itália. O baixo alemão é mais arcaico do que o sueco porque a indo-europeização na Germânica aconteceu do sul para o norte.

Já Manczak (1965) começa afirmando os cinco princípios de Bartoli, novamente. A quarta norma, a da área mais recente, foi posteriormente abandonada por Bartoli, segundo Manczak. E quanto à quinta, afirmou que ela não é uma norma areal.

Quanto à primeira norma, ficou claro, mais tarde, que regiões isoladas como ilhas e montanhas tendem a ser mais conservadoras, pois são menos expostas às comunicações. Para Manczak, isso não representaria nada de novo. Quanto à terceira norma, o primeiro caso (*fiamma*) confirma a norma; o segundo (*salīre*) contradiz a norma.

	Espanha	França	Itália	Romênia
fiamma	llama	flame	fiamma	flăcară
salīre	saltar	sauter	saltare	sări

Quanto à segunda norma, também o primeiro caso (*mēnsa*) confirma a norma, e o segundo (*dorsum*) contradiz a norma, embora os exemplos do primeiro caso sejam mais numerosos.

	Espanha	França	Itália	Romênia
mēnsa	mesa	table	tavola	masă
dorsum	espalda(s)	dos	dosso, schiena	spate

Essa segunda norma afirma que as áreas mais afastadas ficam mais propensas a apresentarem usos antigos (latinos), pois ficam longe do dinamismo dos centros. Existe uma România exterior, composta por Sardenha, Dácia e Ibéria, e a interior, com a Gália e a Itália.

Bartoli, em um artigo, fala da norma da área lateral como a mais antiga. Meillet, em artigo, tentar aplicar essa norma em formas terminadas em -r para terceira pessoa do plural, e chega à mesma conclusão, de que as áreas laterais do território indo-europeu conservam usos mais antigos. Sextil Pușcariu também afirma que isso acontece, normalmente.

Para Waver, a norma das áreas laterais seria uma formulação a partir da *Wellentheorie* de Schimdt. Isso se daria porque as inovações se propagam concentricamente. Mas essa teoria parece “mística”, nas palavras do autor, pois, se levada em consideração a questão da “mistura dos povos”, esse fenômeno acontece mais em áreas laterais do que em áreas centrais.

A fim de sanar essa dúvida, Manczak recorreu mais uma vez ao dicionário de sinônimos. Foram usados os termos *mundus*, *terra pulvis*, *lutum*, (*h*)*arena*, *sabulum*, *mōns*, *collis*, *planus*, *campus*, *vallēs/vallis*, *īnsula*, *continēns*. Pode se constatar, primeiro, que não faz diferença entre palavras herdadas e palavras tomadas de empréstimo do latim, além de não se fazer distinção entre palavras simples e derivadas.

Foram encontrados os seguintes dados, para as palavras citadas:

Italiano 8.0

Espanhol 7.3

Francês 6.5

Romeno 5.5

Para o dicionário inteiro, foram encontrados os seguintes dados, semelhantes aos anteriores:

Italiano 380.5

Espanhol 324.2

Francês 260.1

Romeno 180.6

Isso prova que não é verdadeiro o fato de que as áreas laterais têm mais arcaísmos que as centrais, pois o italiano tem mais arcaísmos do que o espanhol e o romeno. A afirmação contrária, de que a área central teria um vocabulário mais arcaico do que o lateral, também não é verdadeira, visto que o espanhol apresenta mais arcaísmos que o francês.

Dessa forma, parece não haver ligação, segundo Manczak, entre a posição lateral ou central e a quantidade de arcaísmos nela atestada. Como exemplo, cita o caso de *mensa*, nas áreas centrais e *tabula*, nas laterais, a suposição de que *mensa* estava em todo o domínio e que *tabula* seria uma forma inovadora é mais provável do que pensar que *tabula* era a forma inicial e que as áreas de *mensa* seriam provenientes de duas formas independentes e paralelas que se espraíram a partir de dois pontos.

Essa probabilidade é ainda maior quando há três áreas laterais em vez de duas, ou seja, quanto maior a quantidade de áreas, maior a probabilidade de encontrar arcaísmos nas áreas laterais. O fato de encontrar mais arcaísmos na área lateral do que na central não seria, para Manczak, porque eles são mais numerosos, mas por um cálculo de probabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Bartoli, ao comentar o cenário e estabelecer parentesco e hierarquia nas línguas majoritárias e minoritárias da România, bem como descrever a variação dialetológica das línguas da Itália, por meio das mudanças de natureza fonético-fonológica, morfológica e lexical, acaba por ocupar um espaço único, na condição também de uma teoria da mudança linguística e de sua difusão em um dado espaço geográfico num determinado período cronológico.

O estudo linguístico de Bartoli, dessa forma, vem preencher uma lacuna importante no estudo dialetológico. Ele faz uma comparação dos usos, por meio de pares, de formas mais cultas e mais vulgares oriundas do latim, por todo o antigo território do Império Romano.

Diferentemente do que pregavam os neogramáticos, Bartoli não se limita a um sistema de regras fonológicas que expliquem a mudança, dando a esse nível de análise um estatuto autônomo. Os neogramáticos conseguiram ir além de seus antecessores, os comparatistas, ao investigarem a mudança e não apenas tentarem estabelecer uma relação de parentesco entre línguas e itens linguísticos de línguas distintas. Matteo, diferentemente, fornece, em seu sistema de pensamento, uma análise que contempla mais variáveis e, portanto, traz conclusões mais pertinentes e substanciais.

Bartoli focalizou na distribuição dos usos num determinado território, bem como na questão do mapeamento cronológico dos usos e um exame detalhado de suas causas, por motivos diversos (como a analogia e o contato linguístico). Esse ponto fez com que sua abordagem, também influenciada por Graziadio Ascoli e Jules Gillieron, fosse bem além e obtivesse resultados mais consistentes do que os seus contemporâneos *Indogermanisten*.

O comentário sobre a obra de Bartoli é, pois, de fundamental importância para a compreensão do cenário da dialetologia italiana e da filologia românica. Este trabalho propõe-se a cumprir esse propósito de modo pioneiro ao realizar tal discussão em língua portuguesa.

ANEXO: LISTA DE PUBLICAÇÕES DE MATTEO GIULIO BARTOLI

1900

“Due parole sul neolatino indigeno di Dalmazia” na *Rivista dalmática*, anno II, Zara 1900, pp. 5-14

“Ueber eine Studienreise zur Erforschung des Altromanischen Dalmatiens”, na *Anzeiger da Academia Viennense da Ciência*, vol. XXV (1899-1900), pp. 159-180.

1901

“Pubblicazioni recenti di filologia rumena” nos *Studi di filologia romanza*, vol. VIII, Roma, 1901, pp. 517-628.

1902

Recensão dos *Studi sul dialeto trisetino* de Giuseppe Vidossi, na *Deutsche Literaturzeitung*, 1902, pp. 2151-3.

1903

“Grammatische übersicht ueber die italienischen Mundarten”, nos *Altitalienische Chrestomatie* de Paolo Savj-Lopez, Strasburgo 1903, pp. 171-215.

Lettere giuliane: per la storia dell'italianità nostra, Capodistria 1903, de pp. 53

1904

“Lingua letteraria”, no *Kristischer Jahresbericht ueber die Fortschritte der romanischen Philologie*”, vol. VII, Erlanger 1903-5, pp. 106-115.

1905

Di una metaforesi nel veneto di Muggia (Venezia Giulia), in *Bausteine zur romanischen Philologie: Festchrift fuer Adolfo Mussafia*, Halle 1905, pp. 289-308.

1906

Das Dalmatische. Altromanische Sprachreste von Veglia bis Ragusa u. ihre Stellung in der apenino-balkanischen Romania. Vol. I. Einleitung u. Ethnographie Illyriens; vol II, Glossare u. Texte, Grammatik u. Lexikon, na coleção *Schriften der Balkankommission* da Academia vienense delle scienze, volumi IV e V. Vienna, 1906.

1908

“Riflessi slavi di vocali labiali romane e romanze, greche e germaniche”, na *Festschrift Jagic – Zbornik u slavu V. Jagica Berlim 1908*, pp. 30-60.

“Note dalmatiche”, na *Zeitschrift j. roman. Philologie*, vol. XXXII, Halle 1908, pp. 1-16.

“Lingua letteraria”, no *Kritischer Jahresbericht* do Volmüller, 1908, pp. 117-131.

1909

“Lingua letteraria”, no *Kritischer Jahresbericht* do Volmüller, 1909, pp. 84-8.

Recensão da *Lautlehre der südsard. Mundarten* di Max L. Wagner, na *Deutsche Literaturzeitung*, ano 1909, pp 160-2.

1910

“Alle fonti del neolatino”, in *Miscellanea di studi in onore di Attilio Hortis*, Trieste 1910, pp. 899-918.

“Dalmazia e Albania: relazione sul quinquênio 1905-1910”, na *Revue de dialectologie romane*, vol. II, Bruxelas 1910, pp.456-490.

“Lingua letteraria” no *Kritischer Jahresbericht* do Volmüller, 1910, pp. 110-3.

1911

“Lingua letteraria”, no *Kritischer Jahresbericht* do Volmüller, 1911, pp.142-8.

1912

“România e ‘Ρώμανία’”, nos *Scritti varii di erudizione e di critica in onore di Rodolfo Renier*, Torino 1912, pp. 981-99.

“Lingua letteraria”, no *Kritischer Jahresbericht* do Volmüller, 1912, pp. 112-133.

1915

Colaboração no volume *Il diritto d'Italia su Trieste e l'Istria*, Turim 1915.

Recensão do livro de G. Bertoni *L'elemento germânico nella lingua italiana*, no *Giornale storico della letter. ital.*, vol. LXVI (1915), pp. 165-82.

1917

Recensão de *Aree e limiti linguistici nella dialetologia italiana moderna* de A. Trauzzi, no citado *Giornale storico*, vol. LXIX (1917), pp. 376-394.

1918

Recensão de *Ladini e italia*, de C. Salvioni, no citado *Giornale storico*, vol. LXXII (1918), pp. 345-9.

1919

“Le parlate italiane della Venezia Giulia e della Dalmazia: lettera glottologica a un collega transalpino (con una cartina paleografica)”, na revista *La Geografia*, ano VII, Novara 1919 e 1920, pp. 194-204.

1921

Colaboração no Fascículo *Piemonte-Romania*, Turim 1921 pag. 9.

1922

“Per un Atlante fisico-economico d'Italia: *Carte linguistiche*”, nos *Atti*, do Ottavo Congresso geográfico italiano, vol. I (Florença, 1922), pp. 104 e 105.

1923

“Per una federazione delle Società venete di storia patria”, no *Corriere di Zara*, 14 julho 1923.

1924

“Nomi e confini delle Venezie: Venezia Giulia, Venezia Tridantina, Venezia Eugànea”, na revista *La Geografia*, vol. XII (1924), pp. 65-87.

“Piano generale dell’Atlante linguistico italiano” na *Rivista della Società filologica friulana G. I. Ascoli*, 1924 e 1925, pp. 205-213.

“Il latino língua Internazionale e la questione della sua pronunzia”, na *Gazzetta del Popolo*, 9 de janeiro 1924.

1925

Introduzione alla neolinguística: principi – scopi – metodi, Ginevra 1925, de pp. VI e 109.

“Di una legge affine alla Legge Verner”, na *Rivista della Società filologica friulana G.I. Ascoli*, vol. VI (1925), pp. 161-70.

Breviario di neolinguística: Parte II, Criteri tecnici, Modena 1935, pp. 63-127.

“Per l’Atlante linguístico italiano” nos *Atti do IX Congresso geografico italiano*, vol. II (Gênova, 1925), pp. 479-81.

1926

Meyer-Lubke, *Grammatica storica della língua italiana e dei dialetti toscani*, nova edição, organizada por Matteo Bartoli, Turim 1926.

“Ancora Veglia ed aree vicine”, no *Archivio glotológico italiano*, vol XX. (1926), pp. 132-39.

“Ultime reliquie friulane di Muggia”, no mesmo *Archivio*, pp. 166-71.

Recensão de *Una voce moritura, ricerche sulla civiltà di CORYLUS*, de V. Bertoldi, *ibid.*, pp. 172-80.

“Per l’unità regionale delle Venezie (Venezia Giulia, Venezia Tridantina, Venezia Eugànea)” na revista *La Geografia*, vol. XIV (1926), pp. 3-20.

1927

“Per la storia del latino volgare”, no citado *Archivio*, vol. XXI (1927), pp. 1-58.

“Per la storia della língua d’Italia”, *ibid.*, pp. 72-94.

“La spiccata individualità della língua romena”, na revista *Studi rumeni*, vol. I (1927), pp. 20-34.

L’opera dell’Atlante linguistico italiano, relações anuais, Udine, 1927-9.

1928

“La monogenesi di *θεός* e *deus*” na *Rivista di filologia e d’istruzione clássica*, vol. LVI (1928), pp. 108-17.

“Ancora *deus* e *θεός* e una legge rel ritmo ario-europeo”, *ibid.*, pp. 423-53.

“Fatti caratteristici della romanità della Penisola ibérica”, nos *Atti do Primo Congresso nazionale di studi romani*, Roma 1928, pp. 391-5.

“L’atlante linguístico italiano”, nos *Atti da Società italiana per il progresso delle scienze*, Riunione XVII (1928), pp. 664-70.

“L’aspect géographique de la lexicographie et de la stylistique” na publicação *Premier Congrès international de linguistes à la Haye*, Nimega 1928.

1929

“Le sonore aspirate e le sonore assordite dell’ario-europeo e l’accordo loro col ritmo”, na *Sillogie linguistica dedicata alla memoria di Graziadio Isaia Ascoli*, Torino 1929, e republicada no *Archivio Glottologico Italiano*, volume XXII-XXIII (1929), pp. 63-130. Colaboração no volume de Sextil Pușcariu *Studii istroromâne, in colaborare cu M. Bartoli, A. belulovici și A. Byhan*, vol. II, Bucarest 1929, pp. 79-141.

“La norma neolingüística dell’area maggiore”, na citada *Rivista di filologia*, vol. LVII (1929), pp. 333-45.

“Bibliografia delle linguistica romanza”, nos *Atti da Società italiana per il progresso delle scienze*, Riunione XVIII, vol II (1930), pp. 329 e 330.

“Per Atlantin e gjuhës shqipe” [Per l’Atlante della língua albanese], na revista *Studenti shqiptar*, ano I (Torino 1929), pp. 5-8.

1930

“Le sorde aspirate dell’ario-europeo”, nos *Studi italiani di filologia clássica*”, Nuova Serie, vol. VIII (1930), pp. 5-23.

“Ancora una deviazione del greco dall’ossitonia ario-europea”, na citada *Rivista di filologia*, vol LVIII (1930), pp. 24-39.

“Um fait statistique explique par le príncipe que deux langues semblables s’influencent plus profondément que deux langues présentant moins de ressemblance”, nos *Actes do Primo Conngresso Internazionale di linguística*, Leida 1930.

“Graziadio Isaia Ascoli: commemorazione tenuta al Teatro Verdi di Gorizia il 25 maggio 1930”, in *Ce fastu?*, boletim mensal da Societá filológica friulana G.I. Ascoli, junho 1930, pp. 97-102.

1931

“Dal piano generale dell’*Atlante linguístico italiano*”, ibid. 1931, pp. 3-8.

“La conferma di due leggi fonetiche”, na *Rivista di filologia*, vol. LIX (1931), pp. 207-21.

“Le *Tre Basolche* di Ragusa e la coppia *basilica ed ecclesia*”, na revista *Dubrovnik*, vol. II, publicado em homenagem a Milan Rešetar, com o título *Zbornik iz dubrovačke prošlosti*, Ragusa e Dalmazia, 1931, pp. 413-27.

“Studi sulla stratificazione dei linguaggi ario-europei”, Parte I, “Il germanico e l’armeno”, no *Archivio glottologico italiano*, vol XXV (1931-3), pp. 1-51.

“L’accordo di due leggi dell’accento paleogermanico”, na revista *Neophilologus*, vol. XVI (1931), pp. 180-7.

“Le reliquie del dialeto albanese dell’Istria”, na revista *Studi albanesi*, vol. I (1931).

1932

“Accordi antichi fra l’albanese e le lingue sorelle: raccolta di fatti e discussioni di metodi”, nos citados *Studi alban.*, vol. II (1932), pp. 5-73.

“Um nuovo mezzo per trovare la posizione dell’accento ario-europeo”, na revista *L’Erma*, vol. III (1932), pp. 869-78.

“Ein neues Mittel zur Bestimmung der indogermanischen Akzentstelle”, na revista *Indogermanische Forschungen*, vol. 50 (1932), pp. 204-12.

“Dialetti e lingue ai confini d’Italia”, na citada revista *Ce fastu?*, vol. VIII (1932), pp. 49-55.

“Atlanti linguistici”, nos *Atti da Società italiana per il progresso delle scienze*, Riunione XX, vol. II (1932), pag. 473.

1933

Die chronologische Stellung des Germanischen innerhalb der ario-europäischen Sprachen”, na revista *Neophilologus*, vol. XVIII (1933), pp. 292-9.

“Il carattere conservativo dei linguaggi baltici”, na revista *Studi baltici*, vol. III (1933), pp. 1-26.

“Impronte delle lingue di Roma e Venezia nella Dalmazia, nell’Albania e nella Grecia”, na revista *Iapigia*, vol. IV, pp. 430-7, e nos *Atti da Società italiana per il progresso delle scienze*, Riunione XXII, vol. IV (1934), pp. 124-31.

“Le norme neolinguistiche e la loro utilità per la storia dei linguaggi e dei costumi” nos *Atti da Società italiana per il progresso delle scienze*, Riunione XXI, vol. IV (1933), pp. 157-67. Foi republicado o artigo “ La norma delle aree lateral” publicado anteriormente no *Bollettino dell’Atlante linguistico italiano*, ano I (1933), pp. 28-36.

“L’Atlante linguistico albanese” no *Essai de bibliographie linguistique générale* de Jos. Schrijnen, Nimega 1933, pp. 28-30.

1934

“La norma dell’area seriore” no *Programma scientifico* da XXIII Riunione da Società italiana per il progresso delle scienze, Napoli 1934, pag. 240.

“Le origini degli Indiani d’America lumeggiate dalle aree linguistiche”, nos *Annali do Istituto superiore di magistero di Torino*, vol. VII (1934), pp. 335-52.

“Questioni di geografia linguistica” no *Recueil des communications [au] II Congrès international des slavistes*, Section I, Linguistique, Varsavia 1934, pag. 9.

“Questioni linguistiche e diritti nazionali”, discurso de inauguração do ano acadêmico da R. Università, 6 de novembro 1933, no *Annuario della R. Università di Torino*, ano 530 (133-34), pp. 15-26.

“Studi sulla stratificazione dei linguaggi ario-europei”, Parte II, “Il posto che spetta al latino”, no *Archivio glotológico italiano*, vol. XXVI (1934), pp. 1-42.

Recensão de “Les pluriels analogiques em –ora dans les chartes latines de l’Italie” de P. Abebischer, *ibid.*, pp. 125-9.

Recensão da *Eiführung in die indogermanische Sprachwissenschaft* de E. Kickers, *ibid.*, pp. 248-50.

Com Giuseppe Vidossi, recensão de “Controllo fonetico per diciasette punti dell’A.I.S.” de Rafaele Giacomelli, no *Bollettino dell’Atlante linguístico italiano, anno II* (1934), pp. 106-8.

1935

“L’antichità dei tipi *dormire* e *uenire*”, no *Archivio glottologico italiano*, vol. XXVII (1935), pp. 1-12.

Recensão de publicações sobre a história do italiano e do latim vulgar, de G. Bonfante, Kv. Ettmayer, F. Lot., H. F. Muller, E. Richter, *ibid.*, pp. 97-106.

“La coppia ario-europea pot-í ‘dominus’ e pot-ni ‘domina’ e i loro succedanei”, na revista *Studi italiani di filologia clássica*, vol. XII (1935), pp. 49-59.

“Analogie di metodo fra la storia dei linguaggi e quella delle tradizioni popolari”, nos *Atti* do III Congresso Internazionale dei linguisti, Firenze 1935, pp. 415-28.

“Influenza reciproca dei linguaggi come causa d’innovazione”, *ibid.*, pp. 23 e 24; cfr 164-71.

1936

“Ario-europeo, uralico, semítico: luci e ombre nell’opera di Alfredo Trombetti”, no volume *Scritti in onore di Alfredo Trombetti*, Milão 1936, pp. 175-97.

“Caratteri fondamentali della língua nazionale italiana e delle lingue sorelle”, in *Miscellanea della Facoltà di lettere e filosofia*, Torino 1936, vol. I, pp. 69-106.

“Caratteri fondamentali delle lingue neolatine”, no *Archivio glotológico italiano* XXVIII (1936), pp. 97-133 e XXIX (1937), pp 1-20.

1937

“Le più antiche fasi di forme e di suoni dell’ario-europeo” *ibid.* XXIX (1937), pp. 47-69.

Recensão de *Das slavische Wort für Kirche* de G. Gunnarsson, *ibid.*, pp. 178-82.

“Ancora delle origini dei linguaggi precolombiani [d’America] alla luce dell’enorme spaziali”, in *Mélanges de linguistique et de philologie offerts à Jacq. van Ginneken*, Paris 1937, pp. 123-33.

“Una questione di cronologia: la coppia latina *gremium* e *grex*”, nos *Atti da Academia torinese delle scienze*, vol. 72 (1937), pp. 223-30.

“Rapporti cronologici tra forme greche e forme di aree vicine: i tipi ἡ ἵππος e latino *equa*” in *Mélanges Émile Boisacq*, no *Annuaire de l’Institut de philologie e d’histoire orientales et slaves*, tomo V (1937), pp. 19-30.

1938

“L’italianità del dalmático, del sardo e del ladino”, in *Atti del IV Congresso nazionale di studi romani*, Roma 1938, di pp. 14.

“Caratteri fondamentali della língua e dei dialetti italiani”, nos *Actes du IV Congrès international de linguistes*, Copenaghen 1938, pp. 191 e 192.

“Il carattere arcaico del linguaggi germanici”, no *Archivio glotológico italiano*, vol. XXX (1938), pp. 52-68.

“Der archaische Charakter des Westgermanischen”, in *Neophilologus*, vol. XXIV (1938), pp. 127-40.

1939

“Substrato, superstrato, adstrato”, nos *Rapports do V Congresso Internazionale di linguística*, Bruges, 1939, pp. 59-65.

“Der italianische Sprachatlas und die Arealnormen”, na *Zeitschrift für Volkskunde*, vol. 48 (1939), pp. 68-89.

“I riflessi di *afflare* e *conflare* nell’Italia meridionale: questioni di metodo”, negli *Atti dell’Academia torinese delle scienze*, vol. 75 (1939-40), pp. 202-245.

1940

“Una norma del albanese e del greco e la questione delle velari ario-europee”, *Revista d’Albania*, vol. I (1940), pp 234-60.

“Zur Lex verner” na *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, vol 67 (1940), pp. 102-11.

1941

“Il ritmo dei tipi *πατέρ* e *μήτηρ* e la poligamia degli Ario-europei”; in *Miscelânea Scientífica e Literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcellos*, vol. II, Lisboa 1941 sg., pp. 229-241.

“La posizione del dialetto nizzardo rispetto al provenzale, all’italiano e al francese”, na *Rivista ingauna e intemelia*, ano VII, Bordighera 1941, pp. 147-200.

“Tradizione e rivoluzione nella storia del latino e dell’italiano”, na rivista *Romana*, ano V, pp. 621-631.

“Una repubblica italo-slava” na rivista *Primato*, dirigida por Giuseppe Bottai, ano II, Roma, Novembre 1941, pp. 19 e 20.

1942

“Figure similar e norme spaziali” no *Bolletino dell’Atlante linguístico italiano*, III (1942), pp. 1-22.

“Dalmatico e albano-romanico: reliquie romaniche nel croato e nell’albanese” no volume *Italia e Croazia*, Roma 1942, pp. 109-85.

“Ancora la norma dell’albanese e del greco e la questione delle velari ariou-europee”, na *Rivista d’Albania*, vol. III (1942), pp. 23-30.

“La coppia ario-europea **aljó* e **alteró-*: a proposito d’una pubblicazione recente”, *ibid.*, pp 66-75.

“Sardo, dalmático, albano-romano”, nos *Atti*, do IV Congresso nazionale di arti e tradizioni popolari, Roma 1942, pp. 525-9.

1943

Em colaboração com Giuseppe Vidossi, *Lineamenti di linguística spaziale*, Milão 1943, pp. 22-58.

“Una nuova reforma della *Lex Lachmann*” nos *Studi italiani di filologia clássica*, Nuova Serie, vol XX (1943), pp. 59-77.

“Ugo Pellis”, na *Rivista geográfica italiana*, ano L (1943), pp. 146 e 147.

“La questione delle velari ario-europee e la língua albanese”, na *Rivista d’Albania*, vol. IV (1943 e 1944)

1945

“Paleontologia linguística nella luce dell enorme spaziali” nos *Atti da Accademia torinese delle scienze*, 1945.

“L’etimologia di $\gamma\lambda\acute{o}\tau\tau\alpha$ e la língua albanese”, na *Rivista d’Albania*”, 1945.

“Sao ko kelle terre...” na revista *Lingua nostra*.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Jörn. *Neolinguistic School in Italy*. In: KOERNER, E.F.K.; Asher, R.E. *Concise history of the language sciences: from the sumerians to the cognitivists*. New York : Pergamon, 1995.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____; KOERNER, E.F.K.; NIEDEREHE, Hans-Josef, VERSTEEGH Kees (eds). *History of the language sciences: an international handbook on evolution of the study of language from the beginnings to the present*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2001.

BARTOLI, Matteo. *Das Dalmatische* 2v. Viena: Kaiserliche Akademie der Wissenschaften, 1906.

_____. BERTONI, Giulio. *Breviario di neolinguistica*, Modena: Società Tipografica Modenese, 1925.

_____. *Introduzione alla neolinguistica*. Genebra: L.S. Olschki, 1925.

_____. *Saggi di linguistica spaziale*. Torino: Rosenberg and Sellier 1945.

BASSETTO, Bruno. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: EdUSP, 2001 (2v).

BONFANTE, Giacomo. The Neolinguistic Position (A Reply to Hall's Criticism of Neolinguistics). *Language*, Vol. 23, No. 4 (Oct. - Dec., 1947), pp. 344-375

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

DE MAURO, Tullio. *Matteo Bartoli*. In: DIZIONARIO Biografico degli Italiani, v. 6. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1964.

DEVOTO, Giacomo. Matteo Bãrtoli. *Word* 3 (1947), 208-16. 19.

FORMIGARI, Lia; DE MAURO, Tullio (eds.). *Leibniz, Humboldt, and the Origins of Comparativism* (Studies in the History of the Language Sciences, 49). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

FULK, R.D. *A Comparative Grammar of the Early Germanic Languages* (Studies in Germanic Linguistics Series, volume 3). Amsterdam: John Benjamins, 2018.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALL, Robert A. Bartoli's 'Neolinguistica'. *Language* 22, no. 4 (1946): 273-83.

- IORDAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. Tradução Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- KOERNER, E.F.K; Asher, R.E. *Concise history of the language sciences: from the sumerians to the cognitivists*. New York : Pergamon, 1995.
- LAUSBERG, Heinrich. *Linguística Românica*. Tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Scchemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1974.
- LEPSCHY, Giulio; DAVIES, Anna Morpurgo (org.). *History of Linguistics, Volume IV: Nineteenth-Century Linguistics*. United Kingdom: Taylor & Francis, 2016.
- LINDO, Luiz Antônio. A filologia entre o clássico e o “linguístico”. 2019. (Congresso). *VII Simpósio de Filologia e Cultura Latino-Americana*.
- MALMBERG, Bertil. *As Novas Tendências da Linguística*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- MARAZZINI, Claudio. *Breve Storia Della Lingua Italiana*. Bologna: Il Mulino Editrice, 2004.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto 2008.
- MANCZAK, Witold. Les Zones Latérales sont-elles plus Archaiques que les Zones Centrales? *Folia Linguistica Historica XVII-2 (1994) pp. 125-130* Societas Linguistica Europaea.
- _____. La nature des archaïsmes des aires latérales. *Língua 13 (1965) 177-184*. North-Holland Publishing, Amsterdam.
- PFEIFFER, Rudolph. *History of Classical Scholarship from 1300 to 1850*. Oxford: Claredon Press, 1976.
- ROBINS, R.H. *Breve Historia de la Linguística*. Madri: Cátedra, 2000.
- SWIGGERS, Pierre. Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. *Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2005*, vol. I; 2004; pp. 113 - 146
- TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*. Bologna: Riccardo Patron, 1964.
- VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de Linguística Românica*. Tradução José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.